

UNIPER



EDUCAÇÃO NO MEIO RURAL DE BARFIEIRO

- Ijuí - RS -

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS**  
**INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM EDUCAÇÃO**

Instituto Nacional de Estudos  
e Pesquisas Educacionais

27 NOV 78

3003

A EDUCAÇÃO NO MEIO RURAL DE BARREIRO

- Ijuí - RS -

A EDUCAÇÃO NO MEIO RURAL DE BARREIRO

- IJUÍ - RS. -

Adelino Massarolo

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA COMO REQUISITO PARCIAL  
PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO

Assinatura do Orientador da Dissertação

Rio de Janeiro

Fundação Getúlio Vargas

Instituto de Estudos Avançados em Educação

Departamento de Psicologia da Educação

1977

## SUMÁRIO

	Pag.
<u>APRESENTAÇÃO</u> .....	
<u>SINOPSE</u> .....	VIII
<u>SYNOPSIS</u> .....	X
<u>INTRODUÇÃO</u> .....	1
PRIMEIRA UNIDADE - EVOLUÇÃO DAS FORMAS DE TRABALHO E SUA INFLUÊNCIA NAS TRADIÇÕES SÓCIO-CULTURAIS DE BARREIRO	
Os Ciclos de Desenvolvimento de Barreiro	14
1º Ciclo: A Subsistência .....	14
2º Ciclo: A Policultura e a Comercialização de Excedentes .....	18
3º Ciclo: A Fase de Trigo e Soja para o Mercado Interno e Externo .....	26
A Cooperativa - Processo Induzido de Mudanças ...	43
SEGUNDA UNIDADE - AS TRADIÇÕES SÓCIO-CULTURAIS COMO FORMAS DE EDUCAÇÃO EXTRA-ESCOLAR E SUAS MUDANÇAS	55
1. VALORIZAÇÃO CULTURAL DO TRABALHO .....	56
2. ORGANIZAÇÃO E EDUCAÇÃO FAMILIAR E SUAS MUDANÇAS .....	59
2.1. <u>Mudanças de Hábitos e Costumes Inter-Familiares</u> .....	69
3. A RELIGIÃO COMO FORÇA DE COESÃO GRUPAL E FORMA DE EDUCAÇÃO ASSISTEMÁTICA .....	72
TERCEIRA UNIDADE - A EDUCAÇÃO ESCOLAR DE BARREIRO NA FASE DA POLICULTURA DA LAVOURA .....	79

QUARTA UNIDADE - O ATUAL SISTEMA ESCOLAR DA ÁREA DE	
BARREIRO .....	90
1. DO CURRÍCULO .....	92
2. OS PLANOS .....	98
2.1. <u>Os Objetivos</u> .....	98
2.2. <u>Conteúdos Programáticos</u> .....	100
2.3. <u>Atividades docentes e discentes</u> ....	102
2.4. <u>Avaliação como Controle da Aprendizagem</u> .....	104
2.5. <u>Mecanismos de Formação Escolar: os Símbolos</u> .....	107
3. AS FUNÇÕES DO DIRETOR E AS RELAÇÕES COM OS DEMAIS AGENTES DIRETOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA, FUNCIONÁRIOS E ALUNOS .....	107
4. A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES, A PERCEPÇÃO QUE ELES TEM DOS ALUNOS, A PER- CEPÇÃO QUE ESTES TEM DAQUELES E DA DIREÇÃO E A PERCEPÇÃO QUE OS ALUNOS TEM DO SEU FU- TURO .....	112
5. A ESCOLA DE ÁREA DE BARREIRO E A UMIT ( <u>Uni- dade Móvel de Iniciação ao Trabalho</u> ) .....	113
5.1. <u>A UMIT Define-se como</u> .....	117
5.2. <u>Instrumental Físico</u> .....	118
5.3. <u>Os Objetivos da UMIT</u> .....	126
5.4. <u>A Organização da Equipe da UMIT de Ijuí</u> .....	126
5.5. <u>Os Objetivos Gerais e Específicos da UMIT de Ijuí</u> .....	127
5.6. <u>Conteúdos Programáticos da UMIT para o o Ano de 1976</u> .....	128
5.7. <u>Vantagens da UMIT e Dificuldades da Equi- pe de Ijuí</u> .....	130

QUINTA UNIDADE - O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO PERMANENTE A	
SERVIÇO DAS TRANSFORMAÇÕES DE BARREIRO	130
<u>Os Métodos Adotados</u> .....	142
<u>As Diretrizes Fundamentais</u> .....	143
<u>Setor Urbano</u> .....	144
<u>Setor Rural</u> .....	144
<u>Instituto de Educação de Base</u> .....	145
<u>O Instituto de Educação Permanente</u> .....	147
<u>O MCB e o IEP dos Últimos Anos e do Presente :</u> <u>Pensando-se, Redefinindo-se em Busca de Nova</u> <u>Posição Teórica e Prática de Atuação do Meio</u>	149
<u>CONCLUSÃO</u> .....	157
<u>BIBLIOGRAFIA</u> .....	163

LISTA DE TABELAS

	Pág.
Tabela nº 1 - Estrutura Fundiária de Barreiro .....	30
Tabela nº 2 - Posse de Tratores por Estrato de Área .....	34
Tabela nº 3 - Mecanização da Lavoura por Estrato de Área ..	36
Tabela nº 4 - Consumo de Bens de Uso Duráveis dos Proprietá rios de Terras por Estrato de Área .....	38
Tabela nº 5 - Consumo de Bens de Uso Duráveis entre Proprie tários de Olarias e Assalariados .....	41

LISTA DE ANEXOS

	Pág.
ANEXO I - Localização de Ijuí na Região Noroeste do Estado	161
ANEXO II - Município de Ijuí - Área de Barreiro .....	162

## APRESENTAÇÃO

Esta dissertação destina-se a dar cumprimento legal ao Curso de Mestrado em Educação, no Instituto de Estudos Avançados em Educação (IESAE), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), do Rio de Janeiro.

Neste trabalho procurou-se descrever e analisar a educação no meio rural de Barreiro - Ijuí - RS, em particular a Escola de 1º Grau, numa época de mudanças de agricultura. A Sinopse e a Introdução darão outros detalhes desta dissertação.

No mais, aproveito este espaço para agradecer ao Instituto de Estudos Avançados em Educação (IESAE) pela instrumentalização teórica oferecida durante o curso; ao orientador, Luiz Antônio C. da Cunha que leu os originais com cuidado, criticando e sugerindo modificações muito oportunas.

Um reconhecimento todo especial aos informantes da área de pesquisa que nunca se negaram em dar sua opinião sobre dados que estavam sendo investigados.

Também meu reconhecimento à Direção de Ensino Superior de Ijuí, aos colegas que me incentivaram ou, de algum modo, colaboraram para que essa dissertação pudesse ser concretizada.

  
Adelino Massarolo  
Autor

## SINOPSE

O tema central versa sobre a educação existente no meio rural de Barreiro. Barreiro é uma pequena comunidade que se encontra no interior do município de Ijuí, ao Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. A população dedica-se às atividades agrícolas. Como qualquer aglomerado humano, Barreiro tem sua história. História de desenvolvimento, de processos de trabalho, de tradições culturais e de formas de educação.

Partindo do pressuposto de que a inovação tecnológica atua, não somente sobre as relações técnicas do homem com a natureza, mas também sobre as instituições e estruturas sociais, procurou-se evidenciar a influência da modernização da agricultura sobre a educação e as mudanças ocorridas em relação às tradições.

Para isso, partiu-se da descrição da forma de ocupação da terra. Seguiu-se com um apanhado sobre as fases evolutivas do processo de trabalho, ou seja, das sucessivas inovações tecnológicas. Procurou-se mostrar os vínculos entre as formas de trabalho e as consequentes mudanças operadas nas tradições familiares, religiosas, educacionais e no relacionamento entre os participantes do grupo social. Teve-se em mente observar e analisar a influência de organismos estranhos ao grupo, como a Cooperativa "COTRIJUÍ", os financiamentos bancários e a ação do "Movimento Comunitário de Base", mantido pela Fundação de Ensino Superior de Ijuí, enquanto forças induzidas de fora, para provocar mudanças nos processos de produção agrícola e de mentalidade.

No centro das discussões encontra-se a suposição de que as formas de educação extra-escolar, tradicionais, e de que a educação escolar, não são inovadoras por si próprias. A educação em geral está sujeita às mudanças e introdução de nova tecnologia do processo produtivo, mais do que a prospecção que a educação possa projetar por sua força intrínseca e própria. Para tal demonstração, procurou-se examinar a evolução da escola de Barreiro e verificar em que medida a inovação do currículo e da atuação pedagógica esteve e está condicionada às transformações do processo produtivo, sobretudo, da atual modernização da agricultura. Contudo, deve-se observar que a Lei 5692 do Ensino Fundamental, fez concretizar a modernização do ensino que o desenvolvimento tecnológico estava exigindo.

## SYNOPSIS

Le thème central de ce travail a pour sujet l'éducation dans le milieu rural de Barreiro. Barreiro c'est une petite communauté à l'intérieur du municipe de Ijuí, dans Nord Ouest du Rio Grande do Sul. La population s'en occupe dans des activités agricoles. Barreiro a aussi, comme quelconque agglomération, son histoire.

Cette histoire est faite de développement, des processus de travail, des traditions culturelles et des formes d'éducation.

En partant du principe que l'innovation technologique agit, non seulement sur les relations techniques de l'homme avec la nature, mais aussi sur les institutions et structures sociales, on a cherché mettre en évidence l'influence de la modernisation de l'agriculture sur l'éducation et les changements survenus en relation aux traditions. Pour en arriver là, on a partiv de la description de la forme d'occupation de la terre en faisant un résumé des fases évolutives du processus de travail, autrement dit, des successives innovations technologiques.

Par la suite on a cherché démontrer les liens entre les formes de travail et les conséquents changements survenus dans les traditions familiales, religieuses, éducationnelles et dans les relations entre les participants du groupe social.

Dans ce sens on a observé et analysé l'influence des organismes étranges au groupe, ainsi comme la COTRIJUÍ (Coopérative du blé de Ijuí - Rio Grande do Sul), les financements bancaires et l'action du Mouvement Communautaire de Base, maintenu par la Fondation d'Enseignement Supérieur de Ijuí, en tant que forces induites du dehors pour

provoquer des changements de mentalité et dans les processus de production agricole.

Au coeur des débats on trouve la conception selon laquelle les formes traditionnelles d'éducation extrascolaire autant que l'éducation scolaire ne sont pas innovatrices en soi memes. L'éducation en général dépend plus des changements et de l'introduction d'une nouvelle technologie du processus productif, que de la prospection qu'elle puisse projeter par sa propre force intrinseque. Pour faire telle démonstration, on a examiné l'évolution de l'école de Barreiro et on a vérifié dans quelle mesure l'innovation du "curriculum" et de l'activité pédagogique a été ou est encore conditionnée par les transformations du processus productif, surtout de l'actuelle modernisation de l'agriculture.

## INTRODUÇÃO

Este espaço destina-se a prestar esclarecimentos gerais.

O problema em questão consiste na descrição e análise da Educação existente no meio rural de Barreiro. A abordagem do problema abrange dois níveis distintos: 1º o processo de trabalho e a tradição cultural como formas de Educação extra-escolar; 2º a Educação escolar primária em zona rural.

O objetivo específico deste estudo centraliza-se nos processos de educação espontânea, segundo traços culturais da tradição na comunidade rural de Barreiro (Ijuí-RS). Descrição e análise da evolução e métodos da escola de 1º grau, bem como da educação permanente de adultos deste meio rural, induzida pelo mecanismo particular do Instituto de Educação Permanente (IEP) mantido pela Fundação de Ensino Superior de Ijuí.

Em relação à Educação Escolar, objetiva-se avaliar a adequação, ou não, da Reforma do Ensino Fundamental levada para o meio rural de Barreiro.

Em relação à Educação extra-escolar, visa-se analisar as mudanças provocadas pela ação do IEP junto aos adultos e pela intervenção da Cooperativa de Ijuí - "COTRIJUÍ" - associando os trabalhadores daquele meio rural junto a esta cooperativa de comercialização da produção de bens agrícolas e de consumo de artigos manufaturados.

A escolha pelo estudo da Educação escolar e extra-escolar na comunidade rural de Barreiro, justifica-se por ter sido ela a primeira zona de colonização agrícola em terras de mata do Noroeste do Estado. Ela precedeu a criação da própria sede de colonização do atual

Ijuí. Somente não veio a tornar-se sede municipal por ter sido sede de colonização particular, segundo as informações dos mais antigos. Em seus 90 anos de existência, esta comunidade rural passou por várias transformações. Houve mudanças acentuadas em relação ao crescimento vegetativo, estagnação de sua população; deslocamentos populacionais: entrada e êxodo de famílias inteiras e de gerações novas; houve progresso, para realização e reativação de seu desenvolvimento produtivo agrícola; e ainda houve mudanças de muitas de suas tradições sócio-culturais e persistência de outras.

Além disso, a opção pela investigação desta comunidade, justifica-se pela proximidade que tem da sede municipal de Ijuí (cerca de 5 kms), o que facilita o acesso à pesquisa.

Os Procedimentos Metodológicos orientam-se pelos critérios da pesquisa de campo.

"Trabalho de campo significa observar pessoas "in situ": descobrir onde estão, permanecer com elas em uma situação que, sendo por elas aceitável, permita tanto a observação íntima de certos aspectos de seu comportamento, como descrevê-lo de forma útil para a ciência social, sem prejuízo para as pessoas observadas".<sup>1</sup>

São as ciências sociais que mais fazem uso do trabalho de campo. Isto porque, cada situação humana é única e não se repete pura e simplesmente, como pode ocorrer com uma reação química.<sup>2</sup> A

<sup>1</sup> JUNKER, Buford H. A Importância do Trabalho de Campo. Lidador, 1971, 214 p, p. 8.

<sup>2</sup> Cf.: BEATTIE, John. Introdução à Antropologia Social. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1971, p. 26.



estar de acordo com os objetivos que os pesquisadores tem em mente.

"Tanto nas ciências sócio-psicológicas como nas chamadas 'Ciências Naturais', por mais elaborado e abstrato que seja o corpo de conhecimentos construído a partir das observações sensoriais, o conhecimento científico começa com os dados obtidos através dos sentidos e termina com eles, uma vez que 'a confirmação pelos sentidos é sempre necessária para a prova final'."<sup>6</sup>

Numa palavra, como conhecemos o mundo físico pelo contato com os sentidos, estes são os primeiros receptáculos também para a observação e coleta de dados do mundo social. Na observação participante, mesmo que espontânea, cumpre estar atento ao tipo de participantes, às diversas situações sociais, os motivos que determinaram a reunião dos participantes, o comportamento social.

Segundo Selltiz e outros, muito do que se disse da observação assistemática, vale também para a sistemática. Segundo os autores, a maior diferença reside no fato de que, nesta, se visa uma descrição mais ordenada ou se procura verificar hipóteses causais. Neste caso, o pesquisador sabe, de ante-mão, quais são os aspectos significativos para os seus objetivos de pesquisa, e portanto, pode estabelecer um plano para registrar, observar e relatar os dados coletados.<sup>7</sup> E, segundo Gracy Nogueira, a observação sistemática pressupõe uma delimitação precisa do campo da investigação, tanto no tempo como no espaço...<sup>8</sup> Com a técnica da observação sistemática, o pesquisador não poderá deixar-se levar pela novidade ou o pitoresco. Ele deve saber que o cotidiano e o banal podem ser tão relevantes quanto os fatos

<sup>6</sup> NOGUEIRA, Gracy. Pesquisa Social. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1966, 209 p. p. 82.

<sup>7</sup> Cf.: SELLTIZ, Claire et alii. Op. Cit., p. 247.

<sup>8</sup> NOGUEIRA, Gracy. Op. Cit., p. 87.

mais sofisticados num grupo social.<sup>9</sup>

A entrevista é outra técnica útil para a coleta de dados . As técnicas de observação participante se orientam para a descrição e compreensão do comportamento, tal como ele ocorre no grupo. Enquanto isso, a entrevista é uma fonte de informações sobre o passado, o comportamento íntimo, o que se obtém, através da descrição verbal de informantes.<sup>10</sup>

Além das técnicas de observação assistemática e sistemática, bem como da entrevista, para a pesquisa em questão, se lançará mão também de documentos escritos sobre os temas da educação, quando houver e estiverem à disposição.

Os dados relacionados e analisados nesta dissertação foram por mim coletados junto à Comunidade de Barreiro. Quando não for este o caso, será indicada a fonte.

A coleta de dados em Barreiro foi iniciada em março de 1974. Terminou em novembro de 1975. Os contatos eram feitos em fins de semana. Após novembro de 1975, as visitas eram feitas quando houvesse necessidade de esclarecer pontos duvidosos.

Em outubro de 1975 foi por mim aplicado um questionário ao chefe de família ou à dona de casa, na ausência daquele, abrangendo todas as 164 famílias de Barreiro, com a finalidade de coletar dados só

Idem, Ibidem, p. 88.

Os pesquisadores: Buford H. Junker et al., Selltiz et al. e Oracy Nogueira et al., em suas obras já citadas, falam das vantagens e desvantagens das técnicas da entrevista, e da observação participante. Isso serve de alerta para a condução desta pesquisa.

socio-econômicos dessa população.

Em diversas oportunidades, durante o período de pesquisa, foram feitas entrevistas gravadas com elementos mais velhos e outros de idade madura da comunidade de Barreiro. Para as entrevistas se guiou-se um formulário especialmente preparado para a coleta de dados do que se desejava provas ou rejeitar. O formulário obedeceu um esquema bastante flexível na indagação das questões.

Os dados sobre a Escola de Barreiro foram por mim coleta dos em entrevistas com a Direção, professores, alunos e pais de alu nos. Além disso, a Direção cedeu os livros da escola que tratam as assuntos diversos, através dos quais se pode obter informações do funcionamento daquela unidade de ensino.

De igual modo, os dados sobre a "Unidade Móvel de Iniciação ao Trabalho" (UMIT), foram por mim pesquisados em entrevistas com a "supervisora de ensino" da UMIT de 1974-5, com a atual supervisora e professores que atuam presentemente nesta unidade de ensino. Foram, além disso, cedidos os livros de orientação do trabalho da UMIT elaborados pela Secretaria de Educação e Cultura (SEC) do Estado do Rio Grande do Sul, além dos planos dos próprios professores.

Enquanto se procedia o levantamento de dados, eram feitas leituras sobre bibliografia pertinente ao assunto. Assim, com o acesso ao campo de pesquisa e às fontes bibliográficas foi possível chegar a este resultado.

Aqui, se pretende defender a idéia de que, na comunidade de Barreiro, as transformações sócio-culturais - seja ao nível da escola, seja da educação dos adultos - tiveram como fator decisivo a progressiva inovação tecnológica dos meios de trabalho ali adotados pela comunidade. Evidentemente, há contribuições da escola e do IEP, de um lado, e da Cooperativa, de outro. Mas a longo prazo, a introdução

de nova tecnologia na produção agrícola, determinou o mais amplo nível de mudanças daquela comunidade. Breve fundamentação dessa afirmação pode ser encontrada ao longo da história humana. Os homens de cada grupo estiveram, de um modo ou outro, diretamente vinculados à tecnologia existente. Quando a inovação tecnológica de alguém, ou de um pequeno grupo, se faz aceita numa população inteira, então, as transformações sociais decorrem como consequência da introdução da nova tecnologia. Não só a tecnologia existente, mas também as idéias, as tradições, a maior ou menor ligação com os sentimentos coletivos, tudo, enfim, pode ser motivo de mudanças numa sociedade. Contudo, para o presente estudo, será privilegiado o ponto de vista de que é a inovação tecnológica que provoca as mudanças mais profundas e rápidas numa sociedade. Com base nisso, pode-se levantar a seguinte hipótese que serve de guia nesta dissertação:

A progressiva introdução de tecnologia moderna na zona rural de Barreiros, modificou as formas de produção agrícola, gerando diferenciações significativas nos sistemas sócio-cultural daquela população. Desta forma, as influências positivas da educação escolar e da ação do IEP, bem como da Cooperativa contribuíram no sentido de acelerar o processo de mudanças de mentalidade e torná-lo mais explícito. Contudo, o papel mais decisivo parece que coube à modernização da lavoura.

"Modernização da agricultura e modernização do agricultor constitui, na realidade, um todo único, integrado e solidário, um sistema aberto de realimentação positiva constante, onde a máquina e o rendimento vão reforçar as motivações iniciais e vão exigir maior racionalização da vida e mudanças culturais, mesmo como condição para o avanço da própria técnica".<sup>11</sup>

11

MARQUES, Mario Osorio. Trigo e Região. Ijuí, FIDENE, 1973. ,  
p. 82.

Por fim, cabe salientar nesta introdução, que esta dissertação comporta quatro grandes unidades. Aqui serão suscintamente apresentadas, como visão geral do que se pretende desenvolver.

A primeira Unidade será desenvolvida em torno do processo de Colonização e Inovação Tecnológica de Barreiro, através do processo de migrações internas havidas em todo o Rio Grande do Sul em terras de mata.

Na segunda Unidade será relatada a evolução e processo de ensino existente entre os colonizadores da área de Barreiro. Aqui se poderá observar em que medida a educação escolar era ou não valorizada pelos colonos e que condições de educação escolar tinham durante os anos de colonização, propriamente dita.

Na terceira Unidade será apresentada a atual escola de Barreiro, a Escola de Área e suas três escolas tributárias da 1ª à 4ª série. Aqui se terá a preocupação de evidenciar a adequação da Reforma do Ensino aplicada ao meio rural, ou viabilidade de mudanças.

Na quarta Unidade será discutido o Movimento Comunitário de Base, mantido pela Fundação de Ensino Superior de Ijuí, sua atuação junto aos adultos daquela comunidade rural. Se observará, do ponto de vista do observado, qual a influência do IEP e da Cooperativa no processo de mudanças atuais, seja no processo de produção de trigo e soja, seja no que diz respeito às transformações sócio-culturais daquela comunidade.

## EVOLUÇÃO DAS FORMAS DE TRABALHO E SUA INFLUÊNCIA NAS CONDIÇÕES SÓCIO-CULTURAIS DE BARREIRO

Barreiro situa-se ao sudoeste da sede do município de Ijuí. Sua área geográfica mede cerca de 2.204 ha. Sua população atual é de aproximadamente 700 pessoas. Cerca de 400 constituem a população jovem: crianças e adolescentes. Os demais formam a média e velha geração. Na área do Barreiro residem atualmente 164 famílias. Existem algumas poucas famílias em que o casal perdeu um dos parceiros por contingência de morte. Em algum caso, houve desquite. Entre as 164 famílias, existem 97 que são proprietários de terras. Em sua maioria absoluta, suas propriedades são consideradas minifúndios, pois são constituídas abaixo do módulo rural da região Noroeste do Estado que é de 44,35ha.<sup>12</sup> Mas o problema não é somente esse. A grande

12

Módulo rural é a área explorável que, em determinada posição do País, direta ou pessoalmente explorada por um conjunto familiar equivalente a quatro pessoas adultas, corresponde a 1.000 jornadas anuais, lhe absorvetoda a força de trabalho em face do nível tecnológico adotado naquela posição geográfica e conforme o tipo de exploração considerada, proporcione um rendimento capaz de assegurar-lhe a subsistência e o progresso social e econômico " (Dec. 55.891, de 31-03-1966, cap. 1, seção III). Nestas condições, uma boa estrutura fundiária seria caracterizada pela concentração das propriedades rurais num intervalo de área que contivesse o módulo rural calculado para a região como acima foi definido.

O módulo rural médio de área de influência da "COTRIJUÍ" (Cooperativa Tríticola de Ijuí), que compreende 16 municípios, corresponde a 44,35 ha., segundo estudos feitos pela equipe do Instituto de Pesquisa e Planejamento (IPP) da Fundação de Ensino Superior de Ijuí em seu trabalho sobre: "Estudos de Viabilidade-Ramal Ferroviário Catuá-Santo Augusto, em 1972, (Ver p. 57).

colônia possui, em média, metade de uma colônia: 12,8 ha.<sup>13</sup> Dentre as 134 famílias que possuem propriedade, 9 famílias são proprietárias de colônias. As demais famílias que não possuem terra próprias ou colônias, são trabalhadores assalariados de colônias ou da lavoura. Existem alguns casos em que são horistas ou biscateiros. Aproximadamente a metade da população jovem frequenta uma das quatro escolas existentes naquela área. Três dessas escolas ministram a instrução da 1ª à 4ª série. A outra é constituída Escola de Área e está localizada no centro da sede de colonização. Existem também dois bolichos que dispõem de mercadorias de consumo para a venda à população, em caso de emergência. A maior parte da população faz suas compras na própria sede municipal. Dentro da área geográfica de Barreiro existem duas capelas da religião católica que faz atendimento periódico aos seus membros.

A grande parte da população está envolvida com as culturas de trigo e soja o ano todo. Umhas poucas famílias se ocupam com a fabricação de tijolos e telhas. Contudo, o estágio atual de desenvolvimento de Barreiro não é produto isolado. Nem é resultado de um surto inesperado de progresso. Ele tem a sua história. É o que se verá nas próximas páginas.

O Barreiro atual faz parte de uma área que era formada de mata. Esta ocupava a área que forma as cabeceiras do Rio Ijuí, numa extensão de 130 kms de comprimento por 80 kms de largura. Esta faixa localizava-se entre os campos de Cruz Alta, Santo Ângelo, Tupanciretã e Palmeira das Missões. Hoje, esta área compreende os municípios de

13

Uma colônia compreende uma área de 25 ha., e cada hectare corresponde a 10.000 metros quadrados.

Curicaba, Augusto Pestana, parte de Catuípe e parte de Pejuça -

No Rio Grande do Sul, as extensas regiões de floresta e propriedade do estado. O antigo Ijuí fazia parte deste quadro ..  
- 1890, o Estado resolve colonizar esta área. A Comissão de Terras para a Colonização fez abrir uma clareira em meio à mata. A sede de Ijuí está situada neste espaço originalmente aberto. Os primeiros i migrantes de Ijuí procederam diretamente da Europa. Entre eles havia holandeses, teuto-russos, letos, austríacos, italianos, etc. O maior continente, porém procedeu das antigas colônias de colonização do Estado. Assim, muitas famílias provinham de São Leopoldo e cercanias e de Caxias do Sul e cercanias. Aqueles que vieram a constituir a população do Barreiro, porém, eram provenientes de Silveira Martins, zona de colonização italiana, nas proximidades de Santa Maria.

Contudo, antes de ser instalada a sede de colonização de Ijuí, havia-se formado um núcleo de colonizadores no Barreiro. Por volta de 1850, o governo do Estado mandara abrir uma picada em meio à floresta com a finalidade de interligar Cruz Alta e Santo Ângelo .  
Antes, o contato entre essas duas populações fazia-se pelo sul de Tunciretã. Esta estrada, chamada "Estrada das Carretas", tornava o contato entre Cruz Alta e Santo Ângelo, 10 a 12 léguas mais longo .  
Com a abertura da picada na ilha de floresta, onde se situa o Barreiro, hoje, permitiu que as comunicações entre as duas populações fosse sencivelmente encurtado. O governo do Estado confiou a tarefa a um cidadão de Cruz Alta. Em contrapartida, o cidadão recebeu uma porção de terra, equivalente a duas léguas, margeando a abertura da estrada. Alguns anos depois, o proprietário das terras iniciou a venda de partes de sua terra de floresta. É esta porção de terra que veio constituir-se o atual Barreiro. Nos primeiros anos de colonização levava no nome de Picada Conceição devido a devoção do povo à Virgem da Conceição.

Como acima foi dito, os colonizadores do Barreiro eram quase todos procedentes da Colônia oficial de Silveira Martins. Eles são a conseqüência de um largo movimento de migrações internas havidas no Rio Grande do Sul em toda a região de mata. Várias são as causas que determinaram o processo de migrações internas. A primeira causa reside no fato de os imigrantes europeus receberem aqui um pequeno lote por família. Até 1854, o imigrante recebia 75 ha. Depois, até 1850, recebia 50 ha. Após essa data seu lote era de apenas uma colônia. A segunda causa que determinava as migrações internas, era a constituição de famílias numerosas. Eram em geral, mais de 10 membros. Ora, isso exigia que, quando os mais velhos chegassem ao casamento, procurassem novas terras. O lote que os pais receberam ou que haviam pago com muita economia durante anos, era insuficiente para instalar os filhos que nasciam. A terceira causa pode ser ligada com a absoluta falta de industrialização do Estado. Não restava aos colonos senão procurar terras para cultivar. Além disso, como quarta causa, pode-se apontar o fato de que, em geral, o imigrante europeu trazia larga ansiedade de ser proprietário. Por isso, empenhava tudo para obter um pedaço de terra, seja para trabalhar ele próprio, seja para dar ou deixar em herança aos filhos. O processo de migrações internas veio saturar-se por volta de 1920. Foi então que as migrações internas estenderam o mesmo processo para os Estados de Santa Catarina e Paraná, pelo lado Oeste. O processo se repete em nossos dias com a ocupação de Mato Grosso e da Amazônia.

Por sua vez, o imigrante europeu foi forçado a emigrar por diversas causas. Duas parecem mais significativas. A primeira refere-se ao processo de ocupação da terra na Europa. O Feudalismo não oportunizava a que a grande maioria tivesse sua terra própria para trabalhar. A ânsia do trabalhador do campo para ter sua terra era muito grande, como se pode ver em cartas enviadas pelos imigrantes aos seus familiares. A segunda causa, foi a industrialização da Europa que determinou a expulsão do homem do campo. Sem outra alternati-

de sobrevivência, a opção de multidões foi emigrar para a América. No período das imigrações européias, somente para o Brasil vieram mais de 8 milhões. Em um milhão e meio de italianos fizeram parte desse total de imigrantes para o Brasil. Do contingente de imigrantes italianos, 76 mil vieram para o Estado do Rio Grande do Sul, onde foram instalados em região de mata. Os maiores contingentes de imigrantes europeus chegaram ao Rio Grande do Sul procedentes da Alemanha e da Itália. Esse movimento iniciava-se em 1824 com imigrantes alemães e em 1875 com imigrantes italianos. Eles foram destinados a ocupar as terras de mata do Estado. Foi uma colonização orientada pelo Estado oficial. Com alguns períodos de paralização do processo migratório, pode-se dizer que as imigrações européias persistiram durante mais de um século.

Foi desses contingentes de imigrantes que, aos poucos se irradiou por todo o estado um processo de migrações internas espontâneas. As razões desse fato social, já as aduzimos acima. Jean Roche, falando desses deslocamentos de massas de trabalhadores do campo diz: "Porque eram proprietários, mais precisamente pequenos proprietários, os colonos foram condenados a deixar o lote desbravado pelos pais e a continuar ou voltar a ser pioneiros".<sup>14</sup>

O mesmo autor chama a este movimento migratório interno de "enxameagem" e distingue 4 distintas fase. A terceira fase inicia-se em 1890, quando foram ocupadas as terras do Norte e Nordeste do Estado. Foi também nesta data que se iniciou a colonização oficial de Ijuí. Já em 1912, Ijuí conseguia sua emancipação política. As atividades básicas da população dividiam-se entre a agricultura, co

14

ROCHE, Jean. A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Ed. Globo, 1969, p. 139.

mércio e o artesanato da pequena indústria familiar. Contudo, a atividade que ocupava a maior parte de mão de obra, era a agricultura. Como aqui se quer mostrar a evolução dos processos de trabalho, a inovação tecnológica e as mudanças sócio-culturais de uma comunidade rural, serão descritas e analisadas, agora, as três grandes fases de desenvolvimento sócio-econômico e cultural de Barreiro. Quando se fala da cultura de Barreiro, aqui entende-se o conjunto de tradições que constituíam a base da educação daquela comunidade, seja ao nível da família, seja ao nível da escola, ou das pressões culturais existentes na própria comunidade. Mas sobre o tema propriamente dito da educação se voltará nos próximos capítulos.

#### Os Ciclos de Desenvolvimento de Barreiro

A observação e análise do desenvolvimento econômico, social, cultural e educacional de Barreiro mostrou que se pode dividir seu progresso em três ciclos. Aliás, esses ciclos não são dissociados do resto de Ijuí e mesmo da região, uma vez que o processo de desenvolvimento é o mesmo.

##### 1º Ciclo: A Subsistência

A fase de subsistência foi muito curta. Em 1887 chegaram os colonizadores ao Barreiro. Em 1890 era fundada a colônia Ijuí. Já em 1895 realizava seu desenvolvimento básico. A experiência dos agricultores, vindos das "Colônias Velhas", facilitou a superação da fase de subsistência. "Mesmo lutando com as dificuldades iniciais, já em 1896 a população, que era formada de 4.644 habitantes conseguia assegurar uma policultura de subsistência e apresentava elementos de uma agricultura de exportação".<sup>15</sup>

15

Idem, ibidem, 279.

Numa fase de subsistência no meio agrícola, diversos aspectos são relevantes. Assim, as relações do homem com a natureza, o processo de trabalho utilizado pelos colonizadores, a tecnologia empregada e os instrumentos de que dispunham para fazer frente à colonização, podem ser tomados como elementos de descrição e análise da evolução histórica da comunidade rural.

Quanto ao aspecto das relações do homem com a natureza é lícito se dizer que, todo grupo social traz em si mesmo uma exigência de equilíbrio entre a satisfação das suas necessidades materiais, ou seja, a obtenção dos meios de subsistência extraídos do seu meio físico, e a organização social do mesmo grupo para alcançar este equilíbrio físico e social. Por isso, uma população encontra-se diretamente vinculada a dois fatores quanto à obtenção dos meios de subsistência: de um lado o meio físico e o equipamento técnico disponível para essa população; e de outro, a forma como esse grupo socialmente se organiza em suas atividades para a obtenção de seus fins. Uma comunidade se congrega pelo impulso de busca dos meios e a satisfação concreta das suas necessidades de sobrevivência. E todo este processo já é em si mesmo um modo daquele grupo realizar a vida social. As necessidades humanas, tanto biológicas como psicológicas, têm, pois, um duplo caráter: natural e social. As necessidades biológicas se manifestam sob pressão dos impulsos primários. Esse fato exige multiplicação de iniciativas humanas para poder satisfazê-las. Essas iniciativas vão constituir-se no modo da sociedade organizar-se para obtenção dos meios materiais que possam proporcionar uma relativa compensação das

necessidades básicas. "O equilíbrio depende em grande parte da correlação entre as necessidades e sua manifestação. Sob este ponto de vista, as situações de crise aparecem como dificuldades, ou seja, impossibilidades de correlacioná-las".<sup>16</sup>

Durante o período de subsistência na colonização de Barreiro, como de resto em toda esta região, a relação do homem com a natureza pautava-se pela necessidade imediata de extrair dele aqueles elementos absolutamente indispensáveis ao seu sustento.

Como em qualquer sociedade, o emprego da força de trabalho constituía-se a mola mestra para a sobrevivência e para tentar o progresso. Em termos amplos, o trabalho pode ser concebido como "o processo de transformação de um objeto determinado, seja este em estado natural, ou já trabalhado, em um produto determinado, transformação e fetuada por uma atividade humana determinada, utilizando instrumentos de trabalho determinados".<sup>17</sup> Em sentido concreto, Georges Friedmann diz que o trabalho pode ser entendido como "o conjunto de ações que o homem exerce, com um fim prático, com a ajuda de seu cérebro, de suas mãos, de instrumentos ou de máquinas, sobre a matéria, ações que, por sua vez, reagem sobre o homem, modificando-o".<sup>18</sup>

Assim compreendido, o trabalho encontra-se na origem de toda e qualquer sociedade. Ele funda a organização econômica e social de qualquer grupo humano. É a condição de todo o homem na vida

16  
CÂNDIDO, Antônio. Os Parceiros do Rio Bonito. São Paulo, Duas Cidades, 1971, p. 23.

17  
HARNECKER, Marta. Os Conceitos Elementais do Materialismo Histórico. (s.n.t) p. 28.

18  
FRIEDMANN, Georges. Tratado de Sociologia del Trabajo. México, Fondo de Cultura Económica, 1963, vol. 1, p. 14.

sociedade. Com os desbravadores do Nordeste do Estado, as coisas se passaram de modo diferente de outros grupos humanos.

Os colonizadores deste ciclo dispunham de precários instrumentos de trabalho. Se se considera que eles deviam fazer frente à floresta, esses instrumentos tornavam-se mais rudimentares ainda. Com o arrote puxado por dois homens, com machado, foice e "valdora"<sup>19</sup> deviam fazer a derrubada, desfiar as tábuas e construir a moradia. A golpes de "saraquá"<sup>20</sup>, abrir uma cova onde depositar as sementes. Colher e proceder a debulha dos cereais à base do braço. A técnica empregada para a produção também era muito primitiva. Em particular, a técnica da queimada da mata posta ao chão, determinava estragos consideráveis às terras. A predileção do agricultor pela técnica da queimada, o uso do fogo e do ferro, empobreceram rapidamente as terras do colonizador.

Enfim, foi pelo processo de trabalho, pelo emprego da sua força de trabalho, utilizando técnicas e instrumentos de produção ao seu alcance neste período de desenvolvimento sócio-econômico que o agricultor conseguiu as transformações necessárias sobre a natureza. Sua finalidade imediata consistia em reproduzir sua vida biológica e

19

Valdora é chamado um instrumento manual, com o qual são aplainadas tabuinhas de pinho que servem para a cobertura de casas, no meio rural do Rio Grande do Sul.

Por saraquá, no Rio Grande do Sul, entende-se uma cavadeira, a qual serve de instrumento para cavar pequenas covas onde se depositam as sementes de milho e feijão.

social. As mudanças sociais que se seguem serão o resultado da inovação tecnológica dos instrumentos de trabalho, aceitos e adotados pela população em estudo.

## 2º Ciclo: A Policultura e a Comercialização de Excedentes

Superado o período de dificuldades iniciais, garantida a subsistência da família e da população, começou um longo período da policultura e da comercialização de excedentes agrícolas.

A partir de 1896 a população em estudo, como todos os trabalhadores do campo, em Ijuí, podiam dispor de algumas sobras para ven - der ao comércio local ou de Cruz Alta. Este ciclo se firma e genera - liza com a melhoria dos transportes. Em 1911, chega a estrada de ferro até Ijuí, ligando Cruz Alta a esta nova Colônia. Isto facilitou o escoamento de excedentes da lavoura. Foi um estímulo ao aumento da produção. Esta continuou crescendo até 1924, facilitada pelo incre - mento que a primeira Grande Guerra trouxe até esta região. A partir desta data, a produção da lavoura passou a decrescer até 1939, quando voltou a reativar-se pelo estímulo gerado pela segunda Grande Guerra Mundial. Depois desta, reincidiu no marasmo. As terras estavam cansadas. As forças produtivas sem horizontes. O comércio estagnava. A recuperação do processo somente vai acontecer a partir de 1957-1960, quando se instaura o 3º Ciclo que será abordado adiante. Por ora, cumpre descrever e analisar um pouco mais o 2º Ciclo. Seu desenvol - vimento, impasses, mudanças tecnológicas e as decorrências sociais para a população em estudo. Os seguintes dados de Jean Roche podem ser vir de fundamentação para caracterizar este 2º ciclo:

"O valor da exportação de Ijuí mantivera-se estacionário até 1910 e diminuiu mesmo entre 1904 e 1910 ; só representava 44% da produção em 1904 e 33% em 1908, pois não sendo as carroças suficientes ao

transporte dos produtos, os colonos eram obrigados a vender apenas os mais compensadores. Graças ao estabelecimento da estrada de ferro em 1911, a produção de 1912 aumentou 270% relativamente à de 1904, a exportação de 370%, e a importação de 400% (...).

Aumentando a capacidade dos transportes, a relação entre a exportação e a produção sobe de 33% para 60% e a relação entre importação e exportação de 75% para 80%: o nível de vida da colônia, eleva-se com o progresso do comércio, graças ao dos transportes (...).<sup>21</sup>

O caminhão foi o instrumento de verdadeira revolução econômica nas colônias: a produção aumenta, pois pode escoar-se facilmente. A flexibilidade de sua utilização e a prática do porta-a-porta favoreceu o produtor, isto é, o colono".<sup>22</sup>

Na área em estudo, a lenta transformação do processo de trabalho e da tecnologia empregada permitiu a evolução progressiva da economia de subsistência para a de comercialização. Evidentemente, não foi apenas o uso da tecnologia que determinou transformações no grupo. As mudanças gerais da sociedade, ao nível da educação e das relações com a sociedade geral, também influíram.

A economia de subsistência coexistiu com a agricultura de comercialização interna dos excedentes. A ruptura entre uma forma de produção e outra não poderia acontecer de um dia para outro. Além disso, a passagem da subsistência para a comercialização estava dependente do nível de desenvolvimento de cada unidade de produção: a família e o número de braços de que podia dispôr para a lavoura, além das

21

ROCHE, Jean. Op. Cit., p. 25.

22

Idem, Ibidem, p. 70.

condições econômicas de cada colonizador que ali chegava.

No período de comercialização dos excedentes, os agricultores providenciam primeiramente pelas suas necessidades familiares..... Somente vendem o que não lhes é necessário à subsistência. Com a comercialização de alguns produtos, podem comprar alguns gêneros alimentícios que não conseguem obter em suas terras. Junto ao comércio local procuram café, açúcar, roupas, calçados.

Neste ciclo de desenvolvimento de Barreiro, o processo de trabalho ali executado pelos trabalhadores sofre transformações à medida que novos instrumentos de atuação são introduzidos, e à medida que nova tecnologia está à disposição do agricultor ou pôde criá-la por conta, face às necessidades.

O uso da técnica da queimada e derrubada da floresta foi uma constante. Ainda hoje é empregada. A queimada ocasiona a quase completa extinção da vegetação e calcina as terras. Da técnica de plantar as sementes de milho e feijão com saraquá, passou-se à máquina manual de diversos tipos. O trigo, porém, sempre foi semeado e coberto por enxada.

Um informante relatou que, com o tempo, os colonos descobriram que as terras podiam ser rasgadas com arado. Os primeiros arados usados nesta área de pesquisa eram arranjos de forquilhas de madeira grossa e resistente. As forquilhas, esfalquejadas na parte extrema, desempenhavam a função de rasgar as terras. "Com uma junta de bois, esfregava-se aquele cepo pelo chão, abrindo pequenos sulcos, onde se depositavam as sementes", diz um informante. Com o passar do tempo, imaginaram adaptar ali uma chapa de ferro. Este avanço foi denominado de "arado tatu". Mais tarde foi introduzido o "arado virador" com a finalidade específica de trabalhar terras alagadas. Além de novos instrumentos de trabalho, o agricultor tem agora a força de tração ani

o auxiliar da produção. Com o emprego da força animal, o ho-  
- pode produzir mais. As sobras são vendidas. Novo nível de vida  
- se a constante da população neste ciclo de comercialização. Is-  
- foi viável pelo processo de inovação tecnológica.

Se na fase de subsistência, tudo era feito a "muque", na  
expressão de um informante, agora encontra-se na tração animal e na  
uroça um meio de transporte para inúmeras finalidades. Uma série  
de instrumentos e inovações tecnológicas introduzidas na área ora em a-  
-tina, possibilitou melhores condições na obtenção e acondicionamento  
dos produtos agrícolas. O processo de trabalho e a inovação tecnoló-  
-ica progrediram até um ponto em que a mecanização da lavoura dos dias  
de hoje tornou-se o centro de todo o processo de evolução e produção .  
-re a mecanização da agricultura se falará no 3º ciclo.

Parece oportuno destacar outras formas de trabalho que exis-  
-tiram, sobretudo, no 2º ciclo. Estas formas de trabalho podem ser  
- chamadas de "artesanato colonial", ou pequenas indústrias de prepara-  
-ção e transformação de produtos coloniais. Assim, surgiram duas ser-  
-rias, quatro moinhos, uma carpintaria, uma ferraria e uma tamancaria.  
- Todo este artesanato passou por diversas modificações no decorrer de  
- sua existência, segundo revelam os informantes. Ainda segundo eles ,  
- o Barreiro de 30 ou 40 anos passados era maior que o de hoje. Isto  
- porque o artesanato colonial foi condenado à extinção. Muitas são as  
- causas desse desaparecimento. Por exemplo: a obtenção do regis-  
-tro da fabriqueta; exigências legais de higiene; a melhoria das estra-  
-das, dos transportes; a proximidade com a cidade; os comerciantes po-  
- -ver entregar manufaturas adquiridas em centros maiores por preços  
- mais compensadores do que o artesanato local podia oferecer; a crescente  
- industrialização. Estas e outras causas, determinaram a morte do ar-  
-tesanato de Barreiro.

Cabe fazer uma menção do artesanato de transformação de Barreiro, quanto à preparação de erva-mate e fabricação de cachaça. Sem dúvida, esses dois produtos foram os mais importantes dos últimos tempos do ciclo de comercialização de excedentes.

A planta de erva-mate na área de Barreiro, como de outras partes da região, era nativa. Os colonos não conheciam suas propriedades e nem seu uso. Foram os caboclos que chamaram a atenção aos agricultores europeus sobre seu valor. Com essa informação, os colonos deixaram de pôr por terra as plantas. Passaram a plantar mais e cultivar as existentes. Segundo os informantes, o processo de fabricação de erva-mate passou por várias adaptações, conseguindo obtê-la por melhores processos. Era comercializada na região e, sobretudo, nas fronteiras do oeste do Estado. Somente no Barreiro existiam mais de dez fábricas de preparação dessa erva-mate.

Muitas eram as famílias que se dedicavam à extração e preparação da erva-mate. Depoimentos de informantes revelam que ninguém enriqueceu com essa atividade. Apenas verificou-se uma melhoria de certas condições gerais de vida por parte daqueles proprietários que cultivavam quadros maiores de erva. Mas não se pode pensar que tenha sido grande negócio. Essa atividade produtiva que teve momentos altos durante este ciclo no Barreiro, nos últimos 15 anos foi reduzida a estaca zero. Não apenas as indústrias estão paradas, mas também as plantas de erva-mate foram extintas e substituídas pelas culturas verdes de trigo e soja. As dependências destinadas às máquinas de secar e cancheir erva-mate foram destruídas ou abandonadas e, em alguns casos, convertidas em depósito de cereais ou garagem de máquinas agrícolas.

Os entrevistados da área em estudo, acham que o abandono do cultivo da erva-mate na localidade, deve-se ao fato do Instituto do Mate baixar normas rigorosas de higiene. Como no local de trabalho,

ninguém podia atender as exigências desse Instituto, foram obrigados a fechar suas fabriquetas artesanais. Contudo, um informante entende que a questão de higiene foi apenas um pretexto. A razão real teria sido a pressão exercida pelos produtores mais organizados do ramo sobre o órgão responsável, a fim de que adotasse medidas restritivas, capazes de eliminar a multidão de pequenos concorrentes no mercado. No entanto, parece que as razões do desaparecimento do artesanato de erva-mate é mais complexo do que os motivos alegados pelos informantes. As transformações econômicas globais do país, a industrialização crescente e a mecanização da lavoura, bem como a especialização da produção por zonas climáticas adequadas, teriam sido as forças dessa alteração da erva-mate pela planta de trigo e soja. Este enfoque de mudanças gerais será discutido no 3º ciclo de desenvolvimento de Barreiro.

Cabe, ainda, considerar a fabricação de cachaça, como outro momento econômico importante das atividades familiares de Barreiro durante o ciclo da comercialização interna. A fabricação de cachaça era feita por uma pequena indústria familiar que ocupava mão-de-obra familiar. Alguns fabricantes assalariavam trabalhadores extra-família, quando a mão-de-obra familiar fosse insuficiente. Na área em estudo, o cultivo da cana-de-açúcar, iniciou-se desde o início da colonização. Contudo, a fabricação de cachaça teve seu melhor momento na década de 50. Depois do auge, sobrevêm a morte. As culturas de erva-mate e cana-de-açúcar coexistiram durante toda a fase de comercialização de diferentes fontes agrícolas. Na área de Barreiro existiam 8 fábricas de água-ardente. Na década de 60, as fábricas de cachaça e as terras cultivadas com cana-de-açúcar, de um dia para o outro, viram-se condenadas ao desaparecimento.

A venda de água-ardente fazia-se nas mesmas fronteiras onde se vendia erva-mate. Não havia produção suficiente para atender o mercado consumidor. Para o produtor, era boa fonte de renda, caso ele mesmo conseguisse comercializar sua produção. Alguns fabricantes

de cachaça conseguiram evoluir relativamente bem, a ponto de comprar uminhão para facilitar a venda nas fronteiras. Segundo um informante, "a cachaça valia dinheiro". Mas segundo outro, "ninguém enriqueceu com esse comércio, bem como com erva-mate". Parece mais adequado admitir que as unidades produtivas de erva-mate e cachaça, apenas ofereceram algumas melhorias na economia doméstica. Não propiciaram acúmulo de capital. Tanto é verdade que essas indústrias artesanais não conseguiram subsistir nem se transformar em outras unidades de produção similares no gênero, quando a economia brasileira sofreu transformações nos últimos 10 e 15 anos. Hoje, apenas a metade dos proprietários dessas indústrias extrativas são donos de uma lavoura mecanizada. Esse fato mostra que essas fabriquetas não tinham suporte para fazer frente às mudanças provocadas na lavoura, através da entrada da máquina.

Na opinião de vários informantes, quem forçou o desaparecimento dos alambiques locais foram as fábricas de álcool de São Paulo. Destilavam a cachaça do álcool e a davam colocada por preços inferiores aos da cachaça aqui fabricada. Esta causa pode ter sido uma entre outras. O que parece mais decisivo é o processo geral de transformações a que a região, o Estado e o País vinham se redefinindo em termos de produção regionalização da divisão social de trabalho e modelo econômico dos últimos anos.

O contexto geral, no que diz respeito à situação social da área em estudo, durante o período áureo da erva-mate e da cana-de-açúcar, pode ser descrita nestes termos:

Os proprietários de carijos ou barbaquás<sup>23</sup>, meios de produção de erva-mate seca, e os proprietários de alambiques são também os

23

Por carijo ou barbaquá, no Rio Grande do Sul, entende-se um estrado sobre o qual se coloca a erva-mate verde e por baixo do qual se ajeita fogo para crestá-la.

terras com as culturas de erva e cana. Em não poucos casos, a mão-de-obra familiar é excassa para fazer frente à colheita e preparação dos produtos. Para o corte da cana e da erva-mate, os proprietários dos artesanatos de transformação recorrem à mão-de-obra assalariada. Na maioria dos casos, os proprietários não podiam ficar com mais de um ou dois assalariados durante o ano todo. A mão-de-obra que se buscava fora da família era, então, por temporada: o tempo que durasse o corte da safra. O contrato entre o dono e o trabalhador assalariado era feito pelo corte das culturas por hectares, ou empreitada, ou por carroçadas. Em geral, os trabalhadores extra família davam o corte e colocavam o produto junto à indústria que procedia a transformação. O trabalho familiar concentrava-se na fabricação direta, seja da erva-mate, seja da cachaça.

Existiam duas categorias de trabalhadores não proprietários: os peões que moravam sobre a terra do dono. Estes prestavam serviços o ano todo ao proprietário. E existiam os trabalhadores para a temporada. Estes, como foi dito, ganhavam pela tarefa executada. Depois, o destino destes era "vagabundar" até encontrar outras frentes de trabalho. A propósito, um informante comentou: "esses eram os coitadinhos, como sempre. Aqueles que não tinham outros meios de vida. Esse era um serviço brabo. Era feito durante o inverno. Em meio à geada ou garoa, o dia todo. A cana, após as primeiras geadas, secava. Então, lascava-se fogo para queimar as folhas. Com esse processo, o carvão da cana pegava no trabalhador. No fim da tarde, ele se parecia com homem de cor, quando realmente não era homem de cor. Como hoje, quem não tem trabalho, resigna-se pegar as tarefas mais difíceis e desprezadas. Esses são os considerados vagabundos, são aqueles que estão no pior serviço. Os homens de bem não pegam nos serviços pesados como cortar cana, puxar barro para olaria etc.", concluía o informante.

Os poucos dados aqui relatados sobre o longo período de comercialização de excedentes da policultura são iniciadores gerais do quadro psico-social e cultural desta população em estudo. Sem dúvida, houve transformações nos processos de produção, como acima foi apontado, houve reorganização daquela pequena sociedade rural em termos de relações entre eles e outros trabalhadores assalariados por temporada de serviço.

Aqui pode ser apontado um elemento importante na organização social de Barreiro durante o ciclo de subsistência e principalmente da comercialização da policultura: o mutirão. Sobre este tema se voltará na próxima unidade.

Visto em sua globalidade, o ciclo de comercialização da policultura de Barreiro, pouco se diferenciou de uma economia de subsistência, uma vez que a primeira preocupação de toda família consistia em prover sua sobrevivência. Isto faz crer que as mudanças sociais e culturais não tenham sido muito profundas e nem muito amplas. O período de produção para o mercado vai gerar um conjunto de transformações muito mais profundas, transformações estas que foram percebidas pelos próprios agricultores, como se poderá ver no próximo ciclo.

### 3º Ciclo: A Fase de Trigo e Soja, para Mercado Interno e Externo

Este ciclo teve início pelo ano de 1957. Desde esta data, vem ocorrendo mudanças no processo de produção através do uso de nova tecnologia. Além disso, vem acontecendo uma nova distribuição da população na ocupação da terra. E mais, mudanças sócio-culturais, especialmente, de mentalidade que se reflete numa nova concepção de vida familiar, educacional e de relações grupais. Em princípio, novos valores, comportamentos e atitudes estão em vias de formação naquele meio rural. Isto ficará esclarecido no decorrer desta exposição.

A partir de 1960 em diante, toda a região do Noroeste do Estado foi substituindo as lavouras tradicionais pelas culturas verdes de trigo e soja. O agricultor de Barreiro, foi também forçado a abandonar rapidamente a policultura. Apagou o fogo dos alambiques, paralizou os soques<sup>24</sup> de erva. Arrancou os últimos pés de erva-mate. Arrasou os canaviais. No lugar dessas plantas largou sementes de trigo e soja. O processo de produção por tração animal tornou-se inadequado. Insuficiente para fazer frente às novas exigências sócio-econômicas e do mercado interno e externo. Um impulso de crescimento econômico do país, do estado e da região Noroeste deste Estado, forçou de cima para baixo, de fora para dentro, uma modernização da lavoura de Barreiro. É em 1968 que tem entrada o primeiro trator na área de Barreiro. Hoje existem 31 dessas máquinas para uma área de 1.600 ha cultivados. As unidades produtivas passaram a produzir para o mercado nacional e internacional. As unidades produtivas familiares assumiram características de empresas rurais e finalidade essencialmente lucrativa. Na produção em escala comercial interna e externa, o agricultor vem modificando sua concepção de vida em relação ao grupo a que pertence e à sociedade global. Assim, as relações entre os agricultores da área se alteraram. A grande maioria dos informantes acusa que agora "ninguém tem mais tempo para os outros". Cada um está ocupado para defender-se. É uma situação de individualismo", insistem eles. Em relação à sociedade mais ampla, sentem a influência da Cooperativa local - COTRIJUI e a dependência dos finan-

24

Por soque, no Rio Grande do Sul, compreende-se o aparelhamento onde se cancheia a erva-mate: processo de trituração da erva-mate após ter sido crestada sobre o fogo do carijo, depois do que é embalada para ser comercializada. Os soques seguiram uma evolução no processo de industrialização da erva-mate: do soque manual a golpes de facão, para o soque de monjolo tocado a água, e hoje, para o soque impulsionado a força elétrica. Cada fase exigia novas adaptações do aparelhamento, segundo fosse movido a água ou à força elétrica.

ciamentos bancários. Na percepção de muitos deles, os incentivos à agricultura antes de 1964 eram escassos e limitados aos proprietários de grandes extensões de terras. De 1964 em diante, o governo liberou financiamentos crescentes também à pequena lavoura. Os incentivos compreendem, desde financiamentos para a compra de máquinas e insumos até o seguro das lavouras contra eventuais danificações das culturas por contingências climáticas. O instrumento que protege as plantações, em caso de danos, é o PROAGRO. Contudo, o que os informantes mais sentem é a contínua dependência das casas de financiamentos. Segundo eles, quem entrou na roda viva, não sai mais. Os financiamentos se repetem indefinidamente. Acontece que com isso, as condições gerais de vida melhoraram. Mas eles não estavam acostumados a viver em constantes dívidas. Esse fato os deixa intraquilos. Um informante assim se manifesta em relação ao estado presente do agricultor de Barreiro: "O agricultor foi adquirido todo tipo de maquinaria e implementos exigidos pela nova economia de produção. Foi, ao mesmo tempo, se enterrando nos bancos, comprometendo-se e hipotecando tudo o que tinha. E a evolução fez-se em torno de trigo e soja. Além disso, criou-se no agricultor uma obsessão pelo trigo e soja. Depois que o agricultor aceitou o jogo dessas culturas, entrou nos bancos, comprou máquinas e empenhou as terras para conseguir financiamentos, permitiu que uma engrenagem incidisse uma na outra, sem condições de poder fazer outras alternativas".

A situação do momento é irreversível. Ou o agricultor planta trigo e soja ou volta às culturas de subsistência e comercialização das sobras. Mas, neste segundo caso, seu estado de vida, será mais precário ainda.

Em geral, o agricultor da área passou a formar nova concepção de vida, valores e, sobretudo, uma nova mentalidade no que respeita ao processo produtivo. Para ele, a atividade com a terra tornou-se uma empresa sobre a qual é preciso investir e tornar a reinvestir.

A renda, a percepção do lucro, passou a ser um objetivo central. O novo estado de coisas como: a inovação tecnológica, as mudanças gerais ocorridas nos últimos anos no Barreiro, como em toda a região, gerou um acentuado "individualismo", definido pelos entrevistados como "preocupação quase exclusiva pelos próprios interesses e cautelosa solução dos próprios problemas". O "individualismo" é o novo estado em que a população se sente, ainda que o expressem com diferentes linguagens. Esse individualismo resulta de certa auto-suficiência familiar, ao nível da economia e dos negócios já que estes extrapolam o nível comunitário e acontecem na sociedade mais ampla e tem como consequência uma redução de participação na vida social-grupal. Eles lamentam os tempos que todos eram solidários e procuravam soluções comuns para problemas até familiares. Mas, sem eles perceberem e tomarem decisões conscientes, encontram-se hoje numa fase de modernização. De modo geral, mais gratificante do que aqueles tempos em que a obtenção dos produtos agrícolas era muito mais difícil.

Contudo, um levantamento junto às famílias da população em estudo, mostrou que as mudanças sócio-econômicas e tecnológicas não atingiram a todos de modo igual. Para mostrar as variações em que se encontra a população do Barreiro, serão apresentados dados coletados durante a pesquisa.

A tabela nº 1 mostra a distribuição das propriedades familiares em estratos de área.

Tabela nº 1 - Estrutura Fundiária de Barro Preto

Estratos de Área	Propriedades		Área	
	Número	% Total	Ha	% Total
01 - 06	12	12,37	12	01,91
06 - 11	14	14,43	11	03,49
11 - 16	20	20,62	20	11,75
16 - 21	10	10,31	10	08,26
21 - 26	13	13,40	15	13,84
26 - 31	07	07,22	20	09,44
31 - 41	10	10,31	15	16,33
41 - 51	06	06,19	21	12,11
51 - 101	04	04,12	15	13,79
101 - 151	-	-	-	-
151 - 200	01	01,03	11	09,08
Total	97	100,00	116	100,00

Como se pode ver nesta tabela, 23,72% das propriedades ocupam apenas 39,25% da área, ou seja, são propriedades de uma colônia para menos; 23,72% das propriedades com área entre 26 a 50 ha ocupam 37,88% da área; 4,12% das propriedades ocupam 13,79% da área; enquanto 1,03% das propriedades ocupam 9,08% da área.

Com base no módulo rural da região a influência da Coope-

Cooperativa "COTRIJUI", no conceito de Empresa Rural<sup>25</sup> e de minifúndio,<sup>26</sup> pode-se tecer diversas considerações.

A partir do critério do módulo rural calculado para a área de influência da "COTRIJUI", que é de 44,35 ha por exploração agrícola, pode-se deduzir que 92,79% das propriedades de Barreiro, são mini fundiárias, uma vez que são inferiores ao módulo. Enquanto isso, a penas, 7,21% das propriedades são formadas por uma área superior ao módulo da área de influência da Cooperativa.

De outra parte, o critério que faz com que uma exploração agrícola seja considerada empresa rural é de que ao menos 50% de sua área agricultável seja utilizada e que as dimensões desta área não exceda a 600 vezes o módulo médio da região como já foi assinalado na nota 23 de rodapé. Assim, segundo o cálculo da equipe do IPP, para a área abrangida pela "COTRIJUI", para que uma exploração agrícola seja considerada "Empresa Rural" precisa de 63 ha, sendo no mínimo 50% desta área agricultável utilizada<sup>27</sup>. Segundo este critério, na área

25

"Empresa Rural consiste num imóvel explorado economicamente e racionalmente, dentro das condições de rendimento econômico da região em que se situe, com o mínimo de 50% de sua área agricultável utilizada e que não exceda na dimensão de sua área agricultável a 600 vezes o módulo médio da região ou da área média dos imóveis rurais da respectiva zona. (Dec. nº 55.891, de 31-03-1965, cap. 1, seção II, art. 6º, III).

O minifúndio consiste num "imóvel com área agricultável inferior à do módulo fixado a respectiva região e tipo de exploração" (Dec. nº 55.891, de 31-03-1965, cap. 1, seção II, art. 6º, II).

27

FRIZZO, Paulo A. IPP. Estudos de Viabilidade-Ramal Ferroviário Catupe-Santo Augusto. Ijuí, FINEVE, 1972, p. 27.

de Barreiro, apenas, 4,12% das propriedades oferecem as condições de empresa rural. Além disso, é bom que se diga que um destes proprietários não possui suas terras mecanizadas, preferindo arrendá-las à terceiros.

Por outro lado, considerando-se que a área ideal para uma exploração agrícola especializada na produção mecanizada de trigo e soja é de cerca 150 a 200 ha,<sup>28</sup> na área em estudo, existe apenas 1,03% de propriedades que se encontram nestas condições ideais.

Com o surto das culturas verdes de trigo e soja, a média propriedade foi se consolidando. Enquanto isso, os minifundiários, fundados na agricultura tradicional, sentem-se ameaçados de desaparecimento. Face a esta ameaça, tentaram e ainda procuram uma ou mais alternativas. Uma consistiu em aglutinar-se em pequenas empresas rurais entre parentes ou por vizinhança. Objetivam conjugar esforços e economias para implantar uma infra-estrutura mínima de mecanização da lavoura. Uma das soluções encontradas foi a aquisição de máquinas entre famílias. Cerca de 68% dos proprietários formam sociedade de máquinas. Outra opção dos minifundiários consistiu em associar-se à Cooperativa "COTRIJUI". Esta vem cooperativando os pequenos proprietários do campo desde 1960. Como associados da Cooperativa, os agricultores conseguem financiamentos para suas lavouras junto às casa creditícias. Além disso, a Cooperativa facilita financiamentos

28 Dados cedidos pela Cooperativa "COTRIJUI" mostram que a propriedade mecanizada ideal é de 150 a 200 ha, na área abrangida pela influência desta cooperativa. Os técnicos desta cooperativa partiram do critério da capacidade operacional de uma colheitadeira-automotriz por ser este o instrumento de trabalho que mais custa ao agricultor em sua aquisição. Assim, uma automotriz com elevada capacidade operacional pode dar conta de 150 a 200 ha de lavoura para não ficar com sua capacidade ociosa.

de adubos, insumos, inseticidas, herbicidas e faz arar e do solo, em como garante uma colocação dos produtos por preços melhores. Alguns minifundiários entenderam que outra alternativa seria vender suas terras e trabalhar como diaristas. Houve aqueles que optaram pela venda das terras e foram para outros lugares de trabalho, em particular, para a cidade.

Para os minifundiários que se encontram na área de estudo, os problemas principais que vem sofrendo, podem ser resumidos assim:

- 1) pequena disponibilidade do fator terra, determinando uma super-utilização da mesma;
- 2) Muita mão-de-obra disponível, condicionando sua sub-utilização;
- 3) baixa capacidade de investir em tecnologia, por força da baixa disponibilidade de capital, determinando baixos níveis de renda nas unidades minifundiárias;
- 4) a baixa renda, além de limitar o consumo do agricultor e de sua família, vai torná-lo incapaz de investir, adquirir novas terras, gerar mais altos níveis de renda. Assim, fica consolidado seu ciclo vicioso de pobreza, na impossibilidade de sair dali por suas próprias forças.\*

Somente através da cooperativação é que os minifundiários podem reunir forças e encontrar uma perspectiva de saída para seus problemas. Se voltará, logo adiante, sobre a Cooperativa "COTRIJUÍ". Por ora, será explorada um pouco mais a situação de vida dos agricultores da área em estudo.

Estrato de Área	01 - 06		06 - 11		11 - 16		16 - 21		21 - 26		26 - 31	
	Nº	%										
Tem trator	2	16,67	2	14,29	1	20,00	3	30,00	4	30,80	3	42,86
Não tem trator	10	83,33	12	85,71	16	80,00	7	70,00	9	69,20	4	57,14
Total	12	100,00	14	100,00	20	100,00	10	100,00	13	100,00	7	100,00

Estrato de Área	31 - 41		41 - 51		51 - 101		101 - 151		151 - 200		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Tem trator	6	60,00	1	16,67	4	100,00	-	-	2	100,00	
Não tem trator	4	40,00	5	83,33	-	-	-	-	-	-	
Total	10	100,00	6	100,00	4	100,00	-	-	2	100,00	

Na tabela nº 2, procura-se estabelecer associação entre posse da terra e posse de tratores. Aqui, constata-se que entre os proprietários, com estratos de área entre 1 a 10 ha, há uma taxa de 15,38% de tratores; os que possuem estratos entre 11 a 50 ha, a taxa eleva-se para 62,12%; no estrato entre 51 a 100 ha e no estrato de 100 a 200 ha, a taxa de tratores é de 100%.

Esses dados permitem algumas observações. Constatou-se que os proprietários que têm entre 1 a 10 ha, possuem certo grau de mecanização, o que não seria de se esperar. A razão disso, reside no fato de adquirirem um trator entre várias famílias, em geral, parentes entre si.

Os que possuem estratos entre 25 a 40 ha, têm alta taxa de mecanização, o que se explica pelo mesmo motivo: sociedade entre famílias. Igualmente, os que possuem estratos de área entre 50 a 220 ha, estão altamente mecanizados, havendo dois casos de até dois tratores por propriedade. Um destes forma empresa rural com parente próximo e o outro têm família numerosa, onde, além dos pais, há cinco filhos homens em condições de trabalho.

Estes dois últimos casos podem ser considerados empresários rurais, uma vez que têm um retorno da propriedade que os torna capazes de investir em máquinas.

Tabela nº 3 - Distribuição da Lavoura por Estrato de Área

Estrato de Área	Plantio com Máquina						Paga Plantio					
	sim		não		total*		sim		não		total*	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
01 ─ 06	-	-	15	100,00	15*	100,00	11	73,33	04	26,67	15*	100,00
06 ─ 11	07	50,00	07	50,00	14	100,00	09	64,29	05	35,71	14	100,00
11 ─ 16	13	65,00	07	35,00	20	100,00	10	50,00	10	50,00	20	100,00
16 ─ 21	07	70,00	03	30,00	10	100,00	03	30,00	07	70,00	10	100,00
21 ─ 26	11	84,62	02	15,38	13	100,00	04	30,77	09	69,23	13	100,00
26 ─ 31	05	71,43	02	28,57	07	100,00	03	42,86	04	57,14	07	100,00
31 ─ 41	07	70,00	03	30,00	10	100,00	02	20,00	08	80,00	10	100,00
41 ─ 51	03	50,00	03	50,00	06	100,00	02	33,33	04	66,67	06	100,00
51 ─ 101	04	100,00	-	-	04	100,00	-	-	04	100,00	04	100,00
101 ─ 151	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
151 ─ 200	01	100,00	-	-	01	100,00	-	-	01	100,00	01	100,00

\* Nesta categoria foram incluídos três agricultores - sem terras - que plantam em terras de terceiros.

Segundo a tabela nº 3 os dados revelaram, ainda, que o sistema de mecanização da lavoura não é comum a todos os proprietários da área. Assim, cerca de 75,86% dos que possuem estratos de área entre 1 a 10 ha cultivam suas terras ainda com arado, isto é, não usam máquina; enquanto 68,97% pagam plantio de suas culturas.

Já 27,90% dos que têm estratos de áreas entre 11 a 25 ha cultivam suas terras com arado; 39,53% pagam plantio.

Dos proprietários de área entre 26 a 50 ha, cerca de 34,78% trabalham com arado de tração animal e 30,43% pagam plantio de suas culturas.

Enquanto isso, 100% dos proprietários com estratos de área de 51 a 200 ha, fazem plantio com máquina; isto é, cultivam com trator.

Esses dados, novamente, revelam que os que têm mais terras são proprietários de máquinas e executam os trabalhos da lavoura por conta própria. Estes têm relativas condições de capitalizar, embora utilizam pouca mão-de-obra extra-familiar, uma vez que nenhum tem mais de um assalariado por família e, na maioria dos casos, o serviço da lavoura todo é feito pela família ou com os sócios da empresa familiar.

Cabe ainda considerar que dos proprietários de estratos de área entre 1 a 50 ha são poucos os que plantam sua propriedade toda com arado ou que pagam plantio de todas as suas culturas. Em geral, existem as modalidades mistas: partes são cultivadas por eles próprios com arado de tração animal e partes pagam plantio. As razões disso são a escassez de mão-de-obra familiar ou suas propriedades são acidentadas não permitindo a entrada da máquina, ou ainda, é uma questão de economia já que uma máquina custa mais de Cr\$ 40,00 ao ha trabalhado, representando uma evasão monetária que pode ser poupada.

Tabela nº 4 - Consumo de bens de Uso Duráveis dos Proprietários de Terras por Estrato de Área

Estrato de Área	Total de entrevistados	Fogão a gás		Geladeira		Televisor		Carro de Trab.		Carro de Passeio	
	Nº	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
0 - 1	68	11	16,18	06	8,82	08	11,76	-	-	02	2,94
1 - 13	31	11	35,48	13	41,49	05	16,13	05	16,13	07	22,58
13 - 26	41	14	34,15	14	34,15	06	14,63	07	17,07	05	12,20
26 - 51	20	12	60,00	13	65,00	11	55,00	06	30,00	08	40,00
51 - 101	04	03	75,00	02	50,00	03	75,00	-	-	02	50,00
101 - 200	01	01	100,00	01	100,00	01	100,00	01	100,00	01	100,00
Total	166	52	31,52	49	29,70	34	20,61	19	11,42	25	15,15

A tabela nº 4 procura explicar o consumo de bens duráveis como indicador das condições de vida em relação aos estratos de área.

Em relação ao consumo de bens duráveis nota-se que se mantém a constante anterior: quem possui mais terra, têm condições de comprar máquinas e outros bens de consumo. Contudo, observa-se que vários estratos de área possuem um índice até elevado de consumo de bens duráveis.

As famílias que têm entre 1 a 13 ha e de 13 a 26 ha não revelam um consumo muito diferenciado de bens de consumo durável, como fogão a gás, geladeira, televisor, carro de trabalho e carro de passeio, bens estes que foram pesquisados. A pouca diferenciação entre esses dois estratos explica-se porque a maioria das famílias de ambos os estratos, organizam-se em pequenas empresas de produção, sempre vinculados ao parentesco. Explica-se, ainda, pelo fato das culturas de trigo e soja possibilitarem uma circulação de dinheiro em volume expressivo e as casas de comércio facilitarem as vendas a crédito, criando condições de compra desses bens de consumo tanto aos que têm entre 1 a 13 ha, como aos que possuem entre 13 a 26 ha. Outra razão, é a tendência das famílias procurarem certa igualdade no consumo de bens duráveis. Pelo "Status" social e utilidade que estes bens representam, todas as famílias procuram obtê-los. Não poucas vezes, isto leva à redução de consumo em outros setores básicos, inclusive da alimentação.

É a partir de 26 ha para mais que se constata um consumo relativamente elevado de bens duráveis. Isto se explica por maiores posses de terra agricultável, posse de máquinas e proximidade com a sede do núcleo, onde a rede elétrica está instalada há muitos anos. Além disso, os que estão próximos ao núcleo inicial, herdaram mais terras do que os outros primeiros colonizadores do local.

Os que estão nos estratos entre 50 a 100 ha, em sua grande maioria são donos dos mencionados bens de consumo. Finalmente, 1,03% que dispõe de mais de 200 ha de terra adquiriu todos os bens de consumo que aqui foram pesquisados. Isto mostra o poder de capitalizar, quando pode dispor de terra que seja rentável e produtiva.

bens Duráveis	Total de Entrevistados		Fogão a gás		Geladeira		Televisor		Carro de Trabalho		Carro Passeio	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Proprietários de												
Oleais	09	100,00	08	88,88	06	66,66	05	55,55	07	77,77	08	88,88
Sócios de Oleais	05	100,00	05	100,00	05	100,00	04	80,00	05	100,00	05	100,00
Assalariados de												
Oleais	35	100,00	01	2,86	01	2,86	02	5,71	-	-	01	2,86
Total	49	100,00	14	28,57	12	24,49	11	22,45	12	22,45	14	28,57

A fim de população ocupada no cultivo direto da terra, existe uma parte da população de Barreiro que se ocupa com olarias. No Barreiro, com um espaço físico de cerca de 2.204 ha, onde a agricultura predomina, existem 9 olarias. Apenas uma tem característica nitidamente empresarial, tanto pelo número de trabalhadores assalariados como pela produção e pela forma de gerência. A estrutura social básica compõe-se do proprietário da empresa, um capataz e operários que desempenham funções diversas.

As demais olarias, em número de 8, possuem uma característica de empresa familiar, à semelhança das empresas rurais que acima foram analisadas. Estas têm característica de artesanato familiar, com certos recursos de tecnologia moderna, como a da energia elétrica, máquinas de fabricação de tijolos e telhas. Nestas últimas, a mão-de-obra é quase que exclusivamente familiar. Apenas duas ou três olarias, dentre as 8, têm dois ou três assalariados além da mão-de-obra familiar. Dentre as 8, 5 são formadas por sócios, que são parentes próximos: pais e filhos ou entre irmãos.

Entre todos os proprietários de olarias e sócios, quatro foram identificados como não possuindo terras para cultivo. Cinco possuem uns poucos hectares. Praticamente todos eles arrendam suas terras, já que o trabalho na fabricação de tijolos e telhas lhes ocupa o tempo todo disponível durante o ano.

A tabela nº 5 tem por objetivo analisar o contraste entre o nível de vida dos proprietários e sócios de olarias de Barreiro e os assalariados.

Partindo do critério de que a posse de determinados bens de consumo serve de indicador do nível de vida, 92,85% dos proprietários diretos de olarias e seus sócios adquiriram fogão a gás; 78,57% têm geladeira; 64,28% têm televisor; 85,71% são donos de carros de tra

balho e 92,85% são também proprietários de carros de passeio.

Enquanto isso, entre os assalariados de olarias encontramos um nível de vida muito baixo, já que apenas 2,86% têm fogão a gás ; 2,86% adquiriram geladeira; 5,71% têm televisor; nenhum deles possui carro de trabalho; e 2,86% são proprietários de carros de passeio. É de notar que aqueles assalariados que possuem alguns desses bens, ocupam cargos de confiança, como o de capataz.

No geral, a distribuição da população de Barreiro quanto às posses de terra ou olarias e as atividades são essas: 59% de famílias são proprietárias de terras e delas se ocupam; 05% são proprietárias e ou sócias de olarias e vivem deste trabalho; 13% são assalariadas da lavoura e 21% são assalariadas de olarias. Outro pequeno contingente de famílias não tem trabalho fixo. Vivem como horistas, sobretudo, em tempo de plantio e safra ou então de biscateiros. Em Barreiro, a população sem terra, perfaz a percentagem de 41%, incluídas nove famílias que estão separadas economicamente de seus pais, mas cultivam as terras deles e vivem em residência própria, mas nas terras dos seus pais.

#### A Cooperativa - Processo Induzido de Mudanças

Nas páginas anteriores caracterizou-se o impasse em que se encontrava o trabalhador do campo do núcleo de Barreiro. Procurou-se mostrar as mudanças decorrentes da introdução de tecnologia nova. E ainda as crises no processo produtivo. Assim, depois da Segunda Grande Guerra, a produção de Barreiro baixou sensivelmente. As terras estavam cansadas. As forças produtivas sem perspectiva porque as culturas tradicionais não eram mais rentáveis. Esta era a situação que levou até a década de 50.

No dia 23 de julho de 1957, um grupo de 62 granjeiros funda a cooperativa em Ijuí com a denominação de "COOPERATIVA TRITÍCOLA HERRANA LTDA", hoje conhecida mais por "COTRIJUÍ". Seus objetivos e ram definidos: seria uma organização visando defender os interesses dos associados, comprando em comum, artigos necessários às suas culturas, beneficiando, classificando, padronizando e vendendo suas produções, bem como facilitando-lhes a aquisição nas melhores condições possíveis.<sup>29</sup>

Esses granjeiros permaneceram fechados até 1951. Os novos associados cresciam lentamente até essa data. Em 1961 a Fundação de Ensino Superior de Ijuí criou o "Movimento Comunitário de Base". Já em 1962 esse movimento era levado ao meio rural. Junto a esse meio, o movimento moveu larga mobilização para associar os pequenos produtores à Cooperativa. Os associados que, em 1962, eram em número de 630, passaram a 1.720, em 1963. Dez anos depois, 1973, o número de associados elevava-se para 7.130. E em 2 de fevereiro de 1975, a Cooperativa conta com 11.052 sócios, abrangendo 16 municípios da região Noroeste do Estado.<sup>30</sup> A maioria absoluta desses associados da Cooperativa são pequenos e médios agricultores. Sobre a decisiva participação do "Movimento Comunitário de Base" para associar os pequenos produtores, se falará na 5ª Unidade.

A cooperativização dos minifundiários permitiu somar esforços para desenvolver o capital social desta Cooperativa. Na Cooperativa, os associados visam uma destinação mais social de sua produção: certeza de colocação dos produtos, maiores facilidade de financiamentos, e

29

Ata da Constituição da COTRIJUÍ Ltda - Ijuí, 1957, fl. 2.

30

Dados cedidos pelo Departamento Técnico da "COTRIJUÍ" - Cooperativa Tritícola de Ijuí.

retorno em dinheiro após a venda de cada safra. A cooperativa representa, pois, um meio de acumular forças sociais capazes de fazer frente à estagnação do processo produtivo agrícola. Representa, ainda, uma força de mudanças da lavoura tradicional para a mecanizada. Constitui-se num espaço social, onde o associado pode exercer sua efetiva participação na tomada de decisões na condução do destino social de sua cooperativa.

Suscintamente, serão apresentados alguns dados que possam dar idéia da ação e importância da Cooperativa na região.

Em relação ao recebimento de produtos, em 1957, eram entregues 4.295 t. de trigo. Em 1976, 34.312 t. de trigo e 21.188 t. de soja. Em 1974, 171.235 t. de trigo e 204.201 t. de soja.<sup>31</sup>

Para atender à colocação da crescente produção da área desta Cooperativa, a COTRIJUI conta com uma grande capacidade de unidades armazenadoras espalhadas em diversos locais de sua área de ação. A capacidade atual de armazenagem é de 525.800 toneladas. Estão em construção armazens com capacidade de 80.000 toneladas e outros armazens projetados terão capacidade para 107.000 toneladas. Quando essas obras estiverem completas, a COTRIJUI contará com 712.800 toneladas de estocagem estática dos produtos trigo e soja.

Além disso, esta Cooperativa acaba de construir um terminal ferroviário em Rio Grande para escoamento da produção. A capacidade de armazenagem do Porto de Rio Grande é de 220.000 toneladas.

No setor de transportes, a Cooperativa possui atualmente, 31 unidades de veículos automotores: caminhões e carros pequenos.

31

Os dados foram cedidos pelo Departamento Técnico da "COTRIJUI". O mesmo vale para os dados que se seguem a estes.

A Cooperativa mantém distribuídos, em toda a sua área de ação, 1 "super-mercado" (Ijuí) e 10 supermercados e mais 8 lojas, onde os associados podem se abastecer de gêneros alimentícios, tecidos, armarinhos, bijuterias e insumos para a lavoura, peças e implementos para máquinas.

Para colaborar no combate às pragas, que comumente infestam as lavouras de trigo e soja, a COTRIJUÍ possui dois aviões "GRUHMANN", visando facilitar esta ação para seus associados.

No setor de industrialização, a Cooperativa opera com uma fábrica de óleo desde 1962, quando tinha capacidade para industrializar 60 toneladas de soja por dia. Agora, passou a industrializar 200 toneladas do produto por dia.

Esta Cooperativa conta, ainda, com um departamento técnico com um total de 33 pessoas a serviço dos associados. Desses, um é Eng<sup>o</sup> Agr<sup>o</sup> Pós-Graduado e nove são graduados; três são Médicos Veterinários; vinte são Técnicos Agrícolas.

A COTRIJUÍ possui um laboratório para análise de soja, óleo e farelo; um laboratório para análise de sementes; uma fábrica de óleo em Rio Grande e uma fábrica de rações em Ijuí.

O crescimento e a larga aceitação que a COTRIJUÍ desfruta, não está na simples dependência do volume de suas comercializações e de seu capital social. Reside também na assistência social de seus associados, mantendo um hospital próprio e um gabinete odontológico.

No setor educacional é divulgado um jornal: COTRIJORNAL, através do qual se informa aos seus associados novas técnicas de plantio, cuidados com as lavouras, insetos, fertilizantes. Na época da comercialização das safras de trigo e soja, o jornal é veículo de comunicação para colocar os associados ao par das vendas e preços.

Recentemente, foram introduzidas páginas especializadas como caderno de culinária, visando auxiliar o professor rural em sua sala de aula ; página feminina, na qual se prestam esclarecimentos às donas de casa sobre arte-culinária. Mas, no setor de educação, o trabalho mais importante é feito pelo Convênio COTRIJUI-FIDENE, visando, através do Instituto de Educação Permanente e de Pesquisas e Planejamento, a educação do homem do meio rural. A educação do agricultor é a meta principal deste Convênio, procurando criar nele uma consciência de participação no processo cooperativado, melhorias de produção de suas unidades agrícolas; procura despertar para os valores comunitários e das soluções comuns para problemas comuns e mesmo particulares. Esse Convênio já armazenou uma longa experiência, tanto na abordagem com o agricultor, quanto nas inferências pedagógicas dessa atividade, ao nível da educação do homem que trabalha a terra e ao nível da prática pedagógica para levar até a universidade os problemas encontrados no meio rural.

Em termos globais, a ação conjunta da Cooperativa e do "Movimento Comunitário de Base" criaram condições de reeducação do homem que labuta no meio rural, despertando para a consciência de participação, o direito de votar, reivindicar e produzir de modo mais racional sobre suas unidades de produção. Esses órgãos, Cooperativa e "Movimento Comunitário de Base", através de um processo de educação permanente, criaram as bases para o trabalhador do campo buscar a defesa de seus interesses.

Sobre o que pensam os agricultores de Barreiro de sua Cooperativa, mostra a importância que esta tem para a modernização da lavoura e para as mudanças gerais ali introduzidas.

Informantes de Barreiro, assim se manifestaram:

- A Cooperativa não deixa de ser uma grande coisa. Ela não é ainda a solução de todos os nossos problemas, mas uma alternativa para a situação presente do trabalhador rural. A gente sente que a Cooperativa deveria dar melhores condições ao agricultor. Em parte ela o conseguiu. Poderia ter mais sucesso se não houvesse tanta propaganda dos revendedores de insumos, inseticidas, herbicidas e implementos da parte do comércio concorrente. A cooperativa poderia trabalhar com menos margem de lucro do que vem fazendo o comércio paralelo. A finalidade dela não é ganhar dinheiro. Mas ela está dentro de uma estrutura que tem que competir com as demais empresas congêneres, acentua o informante. Ela precisa ganhar dinheiro para atender às necessidades dos associados. Precisa desenvolver e crescer para ampliar sua infra-estrutura e fazer melhores preços, pagar melhor os produtos e fazer sentir que está realmente atendendo os interesses e necessidades dos associados.

- Outro informante diz que o maior defeito do associado é de que, muitas vezes, não tem espírito cooperativista. Dentro de um sistema de produção familiar, ou individualista, como é a do pequeno proprietário rural do nosso meio, a Cooperativa precisa dar uma solução. Esse espírito individualista impede de o agricultor perceber as vantagens de sua cooperativa em relação ao comércio do mesmo ramo. Por ex.: o associado não percebe que a Cooperativa tem como, silos, armazens, graneleiros, o porto de Rio Grande, secadores etc., é fruto da união dos associados. Além deles poder colocar o produto com facilidade e garantir melhores preços que o resto do comércio, o associado deveria saber que participa de todo o crescimento material de sua cooperativa. Muitas vezes, o agricultor não fica no valor geral, mas se atém ao preço imediato dos produtos. O sentido do movimento cooperativista seria a entrega do produto a preço médio... Mas

muitos estocam, espreitando o momento de ganhar com a comercialização. Há casos em que os associados comercializam com empresas particulares.

O depoimento desse informante mostra que a educação cooperativa ainda não é suficientemente bem compreendida e não atinge igualmente a todos os cooperativados. Mais adiante o entrevistado acrescentou que a Cooperativa "vai ser o caminho" ... Mas, "é preciso que o agricultor não seja apenas um cooperativado, mas ao mesmo tempo produtor, industrialista e consumidor". E acrescenta: "com as reuniões entre técnicos da cooperativa e seus associados, como vem acontecendo ultimamente, a direção da Cooperativa está mais consciente do esclarecimento educacional ao agricultor"...

Outros informantes assim se expressaram:

- "Acho a Cooperativa uma coisa muito justa". Ele queria dizer com isso que a cooperativa tem muita razão de existir como forma de proteger o agricultor. Mas ligando a Cooperativa aos empréstimos disse: "mas o que agora pesa para o povo são as leis dos empréstimos. Não é fácil se descarregar, ainda mais se o agricultor compra máquina com pouca terra. Quando termina de pagar o banco e devolver os empréstimos, a máquina já está acabada. O que está alto é o preço das maquinárias, o que faz com que o agricultor nunca se saia dela"...

- "Agora, a respeito da Cooperativa, um diz isso, outro aquilo. Outros dizem que não está agindo certo ou que a direção está de 'cabotagem'. Mas se há alguma coisa de errado, os culpados somos nós mesmos, porque fomos nós que votamos naquelas pessoas. Embora sem culpa direta porque a gente vota nos candidatos que apresentam. Contudo, eu digo que se não fosse a Cooperativa nós estaria

os ainda vendendo a soja a 30 cruzeiros à saca"<sup>32</sup> conclui outro in-  
formante.

- Outros disseram que confiavam nos representantes da  
Cooperativa e tinham fé nas suas responsabilidades. "Nota-se que  
a Cooperativa cresce diariamente: ela vai p'ra frente" "Quanto maior  
ficar a cooperativa melhor para nós", acrescentou outro informante.

- "A Cooperativa está fazendo aquilo que a gente nunca te-  
ria esperado, está crescendo", na intervenção de outro entrevistado.

- "Eu não esperava que essa Cooperativa fosse tão p'ra  
diante em poucos anos. Se tem dívidas com o banco do Brasil, não  
sei, mas pelo que se vê vai indo p'ra frente".

- E outro informante assim se expressou: "Tem que ir p'ra  
frente, porque senão estão engolindo dinheiro. É brinquedo o número  
de sócios que têm! É brinquedo o volume de produtos trigo e soja  
que entra, mesmo que ganha-se dois cruzeiros à saca"!

- "O próprio agricultor percebe de perto que é necessário  
entrar, engrenar na Cooperativa. É o modo de ela ir p'ra frente .  
O próprio povo está sentindo a necessidade de se associar à Cooperati-  
va", pensa outro entrevistado.

Na opinião dos informantes, não haveria tanta planta de  
trigo e soja se não tivessem surgido as cooperativas em toda a região  
e não apenas a de Ijuí.

32

Dados cedidos pela Cooperativa "COTRIJUÍ" mostram que os custos o-  
peracionais de uma bolsa de 60 kls de soja produzida na área de in-  
fluência desta cooperativa foi de Cr\$ 80,00 à saca em 1975. Razão  
porque, se os intermediários pagassem Cr\$ 30,00 à saca, segundo o  
informante, o preço estaria muito aquém dos próprios custos.

- "Se não existisse tanta planta não existiria tanta ma quita", diz outro informante.

- "Sim, por causa da cooperativa", acrescentou outro.

- "Eu penso assim: pela multiplicação do povo, o progresso tinha que vir"!

Esses e outros depoimentos tomados dos trabalhadores da área em estudo, indicam claramente que na mente desses colonos, as mudanças havidas no processo de trabalho e mudanças nas culturas foram provocadas pela atuação e presença da cooperativa. Essas e outras declarações permitem fazer algumas considerações ou comentários complementares:

1) Todos admitem o valor, a importância e mesmo a necessidade da cooperativa local e outras da região, como forma de fazer frente à conjuntura econômica atual, e sem o que, a situação do trabalhador do campo estaria muito pior.

2) A respeito da condução dos destinos da Cooperativa, todos dizem que não entendem do mecanismo interno. Se fossem reclamar por algo de errado não teriam argumentos contra os 'entendidos'; e nem teriam condições de compreender o mecanismo de comercialização, ao menos em nível técnico; por isso mesmo passam a desconfiar de possíveis desvios, mas declaram não ter conhecimento de causa.

3) Muitos formalizam o pensamento de que não têm condições de participar com sugestões de nomes para a formação do quadro de dirigentes e que por isso, acabam por votar nas chapas que lhes são propostas, sem maiores discussões.

4) Considerando o estágio de desenvolvimento em que se encontra a cooperativa, são unânimes em confiar na atual diretoria

... são unânimes em afirmar que se não houvesse cooperativa não estariam vendendo seus produtos pelos preços atuais. Talvez, seus produtos estariam estocados nos seus pequenos galpões.

5) Não são poucos aqueles que reconhecem que as mudanças provocadas na lavoura de soja e trigo e as conseqüências advindas para a vida social pela substituição da policultura para as de trigo e soja, foi influência direta do aparecimento e afirmação da "COTRIJUI".

6) Outra referência muito constante, da parte dos informantes, é de que sentem o peso dos empréstimos feitos junto aos bancos. Isto determina cuidados e tensões permanentes porque depois de um empréstimo, precisa-se de um segundo; depois de conseguida uma máquina, precisa-se de mais um implemento; depois vem os insumos e assim por diante.

Enfim, o sociólogo Mario Osorio Marques, em seu trabalho sobre "Trigo e Região", apresenta uma análise que espelha o que aqui se tentou abordar, ao longo deste capítulo, quanto às mudanças operadas pela modernização da agricultura e do próprio agricultor.

"A modernização da agricultura, substituindo as coisas com que o homem lida e os problemas que enfrenta, afeta o próprio homem em seus modos de ser e agir. A cultura é um todo integrado, funcional, onde uma mudança em qualquer setor vai exigir acomodação de todos os outros. A máquina, o implemento agrícola, a semente melhorada refletem, na sua forma e significado, a concepção de mundo e de vida neles impressa por quem os produziu e que vai ser assimilada, lenta e imperceptivelmente, mas com eficácia segura, por aqueles que os utiliza.

A adoção de práticas modernas na agricultura exige e condiciona um outro ritmo de vida, outra mentalidade, habilidades novas, nova postura frente à vida e o mundo, frente aos outros homens. O trabalho se racionaliza, racionalizando a vida.

O ingresso numa economia de mercado mais amplo e o recente uso do dinheiro, substituindo a mediação do pequeno comerciante do interior pelas organizações bancárias e pela cooperativa, tendem a gerar novos padrões de trabalho e de relacionamento.

Quando os psicólogos sociais nos apresentam a propensão do risco como um dos indicadores de uma personalidade face às mudanças, não podemos deixar de pensar no trigo e na soja impondo à aventura do crédito e do investimento dispendioso o espectro das más safras que sempre se podem repetir. Uma imposição de atitude que, se não está presente no comportamento habitual do homem rural, terminará por ali se instalar. A propensão ao risco e a disposição para a mudança é, evidente, mais causa do que efeito de modernização da agricultura. Esta supõe um agricultor predisposto psicologicamente e instrumentalizado de um mínimo de condições iniciais. Mas passa a atuar em reforço daquelas predisposições e condições básicas".<sup>33</sup>

Em conclusão deste capítulo, sucintamente, pode-se dizer o seguinte:

1) Na área deste estudo, observa-se que houve **inovações** tecnológicas, as quais determinaram mudanças de valores.

2) A terra representa um dado essencial do capital familiar. Os que tem mais de meia colônia conseguem investir em máquinas e outros bens procedentes do meio urbano. São poucos os casos em que a aquisição de máquinas pesadas para a lavoura não seja feita em sociedade entre parentes. Os que compram trator por conta, além de preparar as próprias terras, fazem horas de serviço na preparação das terras vizinhas.

3) É possível afirmar-se que os traços da sociedade agrária tradicional, vem abrindo-se cada vez mais à penetração da civilização urbana. Contudo, essa abertura não deixa de suscitar conflitos e tensões de diversos graus.

4) A modernização da lavoura de Barreiro, provocou uma reviravolta nas concepções de mundo, de vida, de hábitos e costumes, de valores e comportamentos. Os entrevistados sentem isso, embora sem conseguirem dar explicação muito clara. Na maioria dos casos atribuem as mudanças à entrada da máquina, à cooperativa, ao movimento comunitário e às relações bancárias: os financiamentos.

5) Por fim, se por um lado à fase de economia de subsistência sucedeu a fase da agricultura comercial dos excedentes, sem causar rupturas violentas de atitudes e comportamentos, o mesmo não se pode dizer da fase atual de expansão da economia de mercado interno (em termos de país) e mercado externo. Observa-se, na população em estudo, que há uma penetração crescente de formas e processos de economia de mercado, de tal modo que cada família, cada área do meio rurál é arrancada do seu estado anterior para ser atrelada às necessidades da lavoura moderna, do desenvolvimento regional, estadual e do país, em seu crescente impulso para o desenvolvimento global.

Cabe frisar que não teria sido possível propor um projeto de análise da educação do meio rural, tanto extra-escolar como escolar, independente das influências e inovações tecnológicas introduzidas neste meio rural. A análise da educação que se segue será consequência do conjunto dessas transformações globais.

AS TRADIÇÕES SÓCIO-CULTURAIS COMO FORMAS DE EDUCAÇÃO EXTRA-ESCOLAR E SUAS MUDANÇAS.

Na primeira unidade procurou-se mostrar que a comunidade de Barreiro tem sua história. É uma história construída sobre duas relações fundamentais: a relação do trabalhador com a sua tecnologia, existente em cada fase de desenvolvimento. Era a tecnologia que concretamente condicionava as possibilidades e punha limites ao trabalhador do campo. A outra relação fundamental era constituída pelos vínculos de dependência com o resto da sociedade regional e estadual. Barreiro, como comunidade aberta, recebia influência dos fluxos migratórios de cada período de desenvolvimento. Em particular, o contato com Ijuí, por causa da proximidade geográfica, permitia trocas contínuas de instrumentos de trabalho, valores, idéias, de tal modo que o mundo urbano e rural exerciam intercâmbio de forças novas, ao mesmo tempo que a tradição se reproduzia. Assim, as mudanças ocorridas no processo de produção, lentamente, vão introduzir rupturas na tradição cultural de Barreiro, a tal ponto que a população mais velha sente-se perturbada. Perdeu a tradição cultural como ponto de orientação educacional e não se deu conta desse desaparecimento... Em muitos casos, nem das razões desse desaparecimento. Portanto, para se entender o que se vai descrever e analisar nesta e outras unidades seguintes, é preciso ter em mente, o processo geral de mudanças como foram observadas na primeira unidade desta dissertação.

Nas próximas páginas, será feita uma tentativa de recuperar alguns traços culturais da história de Barreiro. Com isso, objetiva-se pôr em destaque aspectos significativos das forças educativas existentes no meio extra-escolar, as quais orientavam a formação indi

total e social desse trabalhador do campo,

Numa grande síntese, é possível afirmar-se que o mundo do imigrante italiano chegado ao Rio Grande do Sul, e das primeiras gerações, girava em torno de três elementos culturais: o trabalho, a família e a religião.

### 1 - VALORIZAÇÃO CULTURAL DO TRABALHO

Os depoimentos de pessoas mais velhas de Barreiro, permitem dizer que, como grupo social, eram dedicados ao trabalho. O trabalho que eles conheciam era o da lavoura. Evidentemente, é em torno do trabalho que toda a sociedade se organiza. Esta é a base para a sobrevivência de qualquer grupo humano. Mas, é possível afirmar que o grupo em estudo tinha uma educação para o trabalho, resultado das linhas de força impostas pela tradição. O modo como trabalhavam estava condicionado aos instrumentos disponíveis em cada época de desenvolvimento por que passou o Barreiro. O modo do trabalho pode ser percebido na progressiva evolução das inovações tecnológicas. Assim, o trabalho deste grupo rural foi do plantio com araquá ao trator; das colheitas com foicinha à ceifa; da debulha dos cereais com mangua<sup>34</sup> a automotriz. O artesanato de transformação como serrarias, moirnos coloniais, alambiques e soques de erva mate, também passou por diversos estágios de organização crescente. Portanto, a maneira daquela comunidade trabalhar, as inovações no processo de trabalho, as exigências de certas tarefas terem de ser executadas

34

Por mangua ou mangual, no Rio Grande do Sul, compreende-se o instrumento que serve para malhar cereais. É feito de dois paus compridos e roliços, atados um ao outro por um pequeno tento. O trabalhador segura firme num dos paus, enquanto com a outra metade golpeia o cereal.

de forma cooperativa. Foram constituindo e consolidando traços culturais e a própria formação social de cada membro.

Dentro do processo de trabalho, o mutirão foi uma forma de auxílio entre famílias que durou todo o período de subsistência e da comercialização dos produtos, até a entrada da máquina. Esta liberou o mutirão, uma vez que ela pode dar conta do trabalho de mais de 100 homens numa lavoura. O regime de trocas também vigorou até pouco tempo. As trocas davam-se, sobretudo, quando uma família abatia animais domésticos. Mais do que uma forma de solidariedade, era uma exigência que se impunha, pois, não existiam meios de conservação da carne. Sobretudo as mudanças do regime de trocas e do mutirão, se falará mais adiante, quando forem abordadas as mudanças.

Aqui, cabe insistir um pouco mais sobre o trabalho como uma força da tradição cultural do imigrante italiano. Para os habitantes de Barreiro de origem italiana, como da Região Noroeste do Estado e, para o imigrante italiano em geral, a dedicação ao trabalho manual estava implicitamente ligada ao desejo de propriedade. O imigrante italiano, em sua terra natal, ou dispunha de muito pouca terra, ou era meeiro, ou mesmo assalariado. A aspiração que ele trazia, era de um dia tornar-se proprietário. O aceno da América representava para aquele homem do campo, a possibilidade de aqui tornar-se dono de um pedaço de terra que seria sua. Os lotes que aqui recebiam não eram grandes, se se considera o número de filhos que cada família tinha. Sendo que o lote era insuficiente para estabelecer mais de duas ou três famílias sobre ele determinava que, quando os filhos mais velhos casassem, deveriam emigrar para outras áreas ainda desocupadas. A maior honra dos pais consistia em casar os filhos e dar a cada um, um pedaço de terra. Depois disso, diziam eles : "posso morrer em paz".

Um filho a mais para essas famílias, não se constituia um peso. Era um braço a mais para a lavoura. Como se pode observar, na área em estudo, as famílias que tinham até 10 ou mais filhos, puderam progredir mais do que aqueles que, por uma razão ou outra, tinham dois ou três filhos. Numa palavra, o interesse, o "amor e dedicação ao trabalho", tão lembrados entre os italianos, é resultado da presença das necessidades básicas de sobrevivência, do desejo de posse, da ânsia de progredir e aspiração de deixar herança aos filhos. Mas, esses elementos culturais condicionavam as atitudes, comportamentos e valores de qualquer grupo humano da descendência no Rio Grande do Sul. Os filhos eram educados na vibração pelo trabalho, no espírito de poupança, na intrepidez em enfrentar obstáculos postos pelo trabalho diário. Qualquer membro da família ou chefe de família que não fosse dado ao trabalho com dedicação, era considerado preguiçoso e mal visto por todo o grupo. Daqui, porque, a insistência dos pais sobre os filhos para que, na expressão deles: "garrasse amor ao trabalho".

Talvez se pudesse sintetizar tudo isso, dizendo que o descendente de imigrantes italianos chegados ao Rio Grande do Sul, aspirava autonomia e independência em sua economia e na condução de sua família. Mas isso não excluía a ajuda mútua como acontecia no mutirão.

Quanto às mudanças havidas no processo de trabalho, basta salientar que estas ocorreram pelas progressivas inovações tecnológicas, ali geradas, ou provocadas pela entrada de tecnologia da região ou do Estado. Além disso, as transformações do modo de trabalho, nos últimos anos foram induzidas pela organização e intervenção da Cooperativa local sobre esses agricultores.

## 2 - ORGANIZAÇÃO E EDUCAÇÃO FAMILIAR E SUAS MUDANÇAS

Entre os diversos traços culturais do colonizador italiano no Rio Grande do Sul, a organização familiar e o tipo de educação que a família oferecia aos seus filhos, ocupam um lugar saliente dentro dos padrões culturais desse trabalhador. Essa organização e educação marcaram as gerações futuras de trabalhadores do campo.

"Na organização familiar vigorava o regime patriarcal. O chefe de família gozava de grande autoridade. Quem mandava, em tudo, era o marido. A mulher devia ser-lhe sempre submissa. Em relação ao trabalho, a mulher sentia-se responsável pela economia do lar e trabalhava, lado a lado com o marido, até nas tarefas mais árduas e pesadas. Além dos afazeres do lar e do cuidado dos filhos, a mulher sempre trabalhou, submissa e serviçal ao marido, executando as tarefas que ele executava, mesmo estando grávida ou com pouca saúde. Este não deixa de ser um dos aspectos negativos do patriarcalismo, presente ainda hoje em muitas famílias do interior".<sup>35</sup>

Esses traços gerais refletem bem o tipo de organização do sistema familiar entre os imigrantes italianos. Como afirmam os autores: "patriarcalismo, presente ainda hoje em muitas famílias do interior". O chefe de família, na maioria dos casos, era absolutista. A mulher lhe devia obediência, mas uma obediência que era uma forma de escravidão branca. A função da mulher era compreendida dentro dos limites do lar, ainda que devesse auxiliar o marido em to

35

DOTTO, R. & DAMIAN, É. Contribuição dos Imigrantes Italianos à Igreja do Rio Grande do Sul. Teocomunicação. Porto Alegre PUC, 5 (25): 18-30, mar. 1975.

das tarefas da lavoura. Ela sempre teve importância dentro do lar, como educadora dos filhos. A educação era bastante rígida, não pelo que a mãe impusesse, mas pela forma patriarcal com que o marido conduzia o lar todo.

"A moral familiar era severa, marcada pelo jansenismo. O amor e as manifestações amorosas eram facilmente confundidas com sexo e este com pecado. Sexo em função da procriação, como ensinava a Igreja. Havia muito respeito pela virgindade da jovem. As relações pré-matrimoniais eram consideradas um crime contra a honra da família. Mesmo assim, isto, às vezes, acontecia.

A educação afetiva deixava muito a desejar. Amar é simplesmente "querer-se bem", sem muito cultivo da afetividade e das manifestações externas de carinho. Muitos filhos jamais viram seus pais se beijarem ou trocarem carícias. E os filhos, depois de certa idade, nunca mais recebiam manifestações carinhosas de seus pais. Não havia dúvida de que isto acontecia mais por imposição e repressão do que por índole natural".<sup>36</sup>

Esses traços, mais uma vez, podem ser generalizados para toda a família de imigrantes italianos, vindos ao Estado. Esses e são traços culturais que marcavam, mais ou menos, todas as famílias. Na área em estudo, Barreiro, a organização familiar e a educação dos filhos, recebem interpretações diferentes entre os próprios informantes, senão quando contraditórias e opostas. Tudo parece depender de três fatores: a situação concreta de cada família - seu relacionamento interno - e a situação de mudanças.

Os dados que seguem foram colhidos e analisados junto à população em estudo. Os depoimentos dos informantes sugerem o tipo de organização familiar que existia, e as dificuldades dos mais ve-

<sup>36</sup>

Idem, Ibidem, p. 29-30.

lhos se reajustarem às mudanças globais com a modernização da lavou - ra.

Na opinião de um informante, a vida da família e o relacionamento intra-familiar, era muito melhor em anos passados. A família toda reunia-se em torno da mesma tarefa. A necessidade os tornava imensamente solidários. Apesar desses vínculos, muitas vezes, impostos pelas necessidades e circunstâncias, as relações familiares sofriam abalo.

Informante relata que naquela época davam-se desavenças no casal, motivadas por qualquer "deixa p'ra cá, deixa p'ra lá". Não eram poucos os casais que encontravam seu ponto de desencontro ocasionado pelo Jogo. Os maridos, em dias domingueiros, ficavam batendo cartas ou rolando bochas. Mas, nesta confraternização, corria cachaça. Eles voltavam tomados. Isto era suficiente para constituir-se em motivo de represálias por parte da mulher. Apesar disso, havia grande respeito entre o casal.

Vários informantes revelaram que a maior parte dos chefes de famílias da primeira geração que chegou ao Barreiro, eram dados ao vício da bebida. O cultivo da parreira e o gosto pelo vinho, aliado à tradição de oferecer um ou mais copos de vinho às visitas, como gesto de "finesse", facilitou o hábito da bebida. Mais tarde foi a cachaça. Perguntados sobre as possíveis razões que determinaram à primeira geração de Barreiro a tomar bebida alcoólica, alguns entrevistados, deram como justificativa o seguinte: "eles não conheciam o poder condicionante da bebida". Isto é, eles não conheciam o poder do álcool como um fixador de vício.

Contudo, a explicação mais plausível de grande parte dos colonizadores da primeira geração de Barreiro haverem contraído o vício da bebida, parece ser esta: o vago sentimento de frustração

Esse sentimento era provocado pela solidão. A incerteza dos dias que passavam. A proximidade dos vizinhos e os amigos que haviam ficado na frente da colonização, sendo quando além do mar. Então, o homem mais fácil e ao alcance para neutralizar, inconscientemente, esses sentimentos, era beber. Quando em grupo, esses sentimentos podiam tomar uma direção de extravazamento coletivo, o que levava a beber mais ainda, do que na vida do lar. Essa prática, nos dias de hoje, é quase inexistente.

Sem que possa ser generalizado para todas as famílias de modo igual, uma atitude constante dentro da família era o rigor do chefe de família. Fora da família, ele era extrovertido e expansivo. Comunicativo e confiante com os demais. Na vida familiar, ao contrário, toda a gravidade era pouca. Havia pouca comunicação franca, espontânea entre o casal, e deste, com os filhos. Particularmente da parte do chefe de família. Ele parecia carregar sobre os ombros, uma enorme responsabilidade.

Vários entrevistados destacaram que os filhos, antigamente, obedeciam cegamente. Eles eram coagidos pelas pressões e concepção de educação dos próprios pais. Estes, em muitos casos tinham atitudes de "carrascos", na linguagem dos informantes. Havia lares em que espancar os filhos era uma constante. Mas, na maior parte das vezes, a repreensão se fazia por palavras e olhares severos, face aos comportamentos não aprovados. A obediência incondicional assentava-se sobre o medo.

Quando a família recebesse visita de pessoas estranhas, os filhos não tinham permissão para aproximar-se com a finalidade de entrar a conversa. Muito menos podiam os filhos chegar às visitas e interromper a conversa com qualquer pergunta. Se a visita se desse por estranhos à família, havia um consenso tácito de que nem a mulher podia participar do diálogo, a não ser para qualquer informação que

precisasse dar. Se um filho chegasse ali por perto, o pai encarregava-se de olhar severamente com um olhar rasteiro. Era suficiente para o filho de certa idade entender que estava num lugar não permitido. Depois da visita sair, o filho seria admoestado perante a família. Se o filho fosse reincidente estava sujeito a ser advertido perante a própria visita.

Esta situação social das famílias italianas desencadeava um temor generalizado nos filhos, um temor que assumia as características de inibição face às pessoas e à abordagem de qualquer assunto.

À hora das refeições, antes de sentar-se, benziam-se. Conforme o costume, faziam preces de ação de graças pelos alimentos obtidos. Em algumas famílias mais antigas, tomavam os alimentos em silêncio. Consideravam as horas de refeições, sagradas. Havia um consenso de que os filhos mais velhos deveriam observar esse ritual. Uma senhora de idade diz que vigorava o princípio de que ninguém poderia escolher as partes de alimento que mais gostasse. Os alimentos deviam ser tirados numa certa ordem, sem procurar o que mais apetecesse a cada um. Muito menos poderiam pronunciar-se, dizendo coisas como esta: "não quero isso, não aceito aquilo", a não ser que fosse prejudicial à saúde. Qualquer desperdício era considerado ofensa a Deus, o doador de todas as coisas, segundo a educação que tiveram.

O silêncio observado à mesa, segundo o relato de informantes, parece que não se deveu sempre à atitude de respeito pelos alimentos obtidos. Havia outros motivos. Um desses era o temor que os filhos tinham de falar perante os pais, pois, poderiam ser reprimidos e censurados, caso os pais discordassem da opinião dos filhos.

Na descrição das transformações por que passou a família, os informantes passavam, com a maior facilidade, do elogio à educação passada e à condenação da educação familiar do presente; bem como re

contar que hoje o tratamento familiar é mais positivo e descaracterizado. As ameaças e a contra-partida, feitas restrições à educação. Parece que os entrevistados não conseguiram, ainda, desarticularem-se da educação tradicional, para reajustar-se às novas concepções de vida, resultantes das mudanças da modernização. Quando lamentam a perda da forma de educação passada, parece até que, é parte de sua personalidade que está sendo destruída. Tal é a encarnação da forma a que estiveram sujeitos na educação tradicional. Mas de outro lado, não conseguem articular-se para a situação presente.

Nos dias de hoje, as relações entre o casal passaram por transformações bastante profundas. Nos anos passados, o chefe de família detinha todo o poder de autoridade. Hoje, o casal procura entender-se pelo diálogo, segundo vários informantes. Discutem os problemas em comum. A mulher participa mais da vida econômica e dos negócios. Essa maior participação da mulher em toda a vida familiar, parece ser o resultado de uma tomada de consciência: a responsabilidade é do casal e não apenas do chefe de família, sobretudo quando se trata de negócios de maior vulto.

Quanto à educação dos filhos, hoje é muito diferente dos anos passados, afirmam os entrevistados. Hoje, os filhos "não respeitam mais os pais, nem as pessoas mais velhas. Mandam tudo pra o inferno", comenta um entrevistado. Uma senhora de idade diz: "antigamente havia muito mais respeito. Agora se a mãe manifesta seu modo de ver, os filhos a mandam calar a boca".

A palavra "respeito" é muito usada pelos entrevistados. Por ela entendem um mundo de coisas em mutação. Os mais velhos de clararam que ainda educam seus filhos segundo o modo antigo. Na verdade não o conseguem. Reconhecem que os pais orientam os filhos de uma maneira mais aberta. Mas por forma mais aberta de educação

entendem que se o filho desrespeita os pais, nada lhe acontece. Não sofre represálias. Um informante comentou que no seu tempo, quando uma pessoa de mais idade ou o professor vinha pelo mesmo caminho, à sua frente, tirava o chapéu de longe, antes de cruzar por eles. Era sinal de respeito, segundo ele. "Hoje, os jovens chamam até de nomes", diz o entrevistado. Contudo, quando interrogados sobre a validade do sistema de educação antiga, eles reconhecem que eram condicionados ao medo.

Se um filho fosse mandado pelos pais à escola ou à capela e ele gazeasse, "a lenha pegava", diz outro informante. "Hoje só vão para a capela quando morre alguém", acrescentou.

"Se o professor fizesse uma pergunta, em sala de aula, sobre tabuada, por exemplo, e vários alunos não soubessem, mas um respondesse corretamente, este ou o professor tomava a régua e saía dando pau nos demais". Os informantes, no entanto, estão de acordo que aquele método era "áspero demais". "Aquilo não prestava", dizem eles.

Um entrevistado que participava da troca de idéias sobre educação mais antiga, reagiu às conclusões dos demais e disse: "Uma vez, o filho educado com todo respeito, com diplomacia, porque a criança merece respeito, ela não precisa ser maltratada. E nem apanhar. Ela pode estar ao par de tudo e qualquer movimento que existir dentro da família. Essa coisa de pichar a criança: é errado isto, é errado aquilo, te arrependo a laço, vou contar para teus pais, deixa-a revoltada. Assim agindo a criança vai atrás de um toco te rogar pragas. Ao contrário se é criada com gesto de respeito, com carinho e afago, como é preciso, ela acata as ordens que recebe dos pais. Se não se humilha, se revolta, se ressentida. Agora, num núcleo como este (Barreiro), todos os pais deveriam ensinar o mesmo ambiente. Porque, se eu ensino o meu filho pelo direito, e outro pai ensina tirar

padres, em que é que vai virar? Será que uma criança pode ou não po  
de, ser criada sem maus tratos? Forte",

Outro informante interrompeu, dizendo que assim mesmo, al  
guns não tomam "juízo". A esta intervenção, o primeiro respondeu :  
"Se o guri não toma juízo, a gente leva até certa altura advertindo-o  
de que já tem idade para tomar outra atitude: 'se não quiser mudar  
teu sistema, sou obrigado intervir até te surrar, se preciso'"; o ino  
formante aqui fala como se estivesse se dirigindo ao filho.

Surgiram vários comentários, onde os entrevistados culpavam  
os pais pelas diferentes orientações dadas aos filhos. Segundo eles,  
há pais que nunca vêem falhas nos seus filhos. O erro está sempre  
nos filhos dos outros. Há outros pais que repreendem seus filhos ,  
acusando-os de estarem mentindo, quando, na verdade, é apenas um enfo-  
que impreciso, dentro da visão deles. Diz um informante a respeito  
da questão da mentira: "Isto é um desastre. A palavra 'mentira'  
não deveria entrar numa casa de família. O mesmo se diga das pala-  
vras: "lobizome", 'boitatá'". Na interpretação desse informante ,  
seriam falsos estratagemas para coibir comportamentos não desejados pe-  
los pais.

Outro informante do grupo entrevistado, entende que a peda  
gogia do "não presta", serve como ponto de referência para que o fi-  
lho, quando adulto, saiba conduzir-se. Segundo ele, a pedagogia da  
negação, possibilitaria a distinção entre o que se pode e o que não se  
pode fazer. Quer dizer, desse condicionamento, resultaria um filho  
bem educado. Seria uma atitude receptiva e passiva do educando.

Outro informante contestou a educação do "não presta" por-  
que o filho não fica sabendo o por quê do "não presta". O filho po  
de ser levado a pensar que, o "não presta", remete à feitiçaria, bruxa-  
ria. "Por exemplo, diz ele, dizer que à noite não se deve varrer o

fora da casa, mas deve ser deixado atrás da porta, porque "não mata", inculca na mente da criança uma forma negativa e mágica das "coisas humanas".

Outro informante, defende a idéia de que o filho deve "agarrar medo dos pais, quando criança, porque, então, não vai precisar apertar. Os pais dão ordens e o filho obedece". Uma oposição a esta afirmação fez-se logo por um dos participantes: "a criança não deve ter medo dos pais... Agora, respeito, sim. Se ela obedecer por medo, já não é mais respeito".

Por estes depoimentos sobre a situação atual dos pais, no que se refere à educação dos filhos, pode-se observar a confusão que reina na mente desses chefes de família. A confusão educacional dos pais é tal que, segundo eles, os filhos já não tem ponto seguro de referência. Neste estado de coisas, a educação recebida no lar, hoje, é dispersiva e sem objetividade.

Quando os pais foram perguntados sobre as causas dessas mudanças na educação dos filhos, as opiniões deles foram as mais diversas e até descontraídas. Para alguns, a causa reside no modo dos pais pensarem a educação nos dias de hoje. Para outros, é a escola que não está se desempenhando bem na suas funções de correção dos hábitos e comportamentos inadequados dos indivíduos, em tempo de formação. A escola já não usa a "vara de marmelho" como forma de educar um deles. Isto permite liberdade demais, e conseqüente - os filhos perdem o contato com os padrões de comportamento educacionais e culturais das gerações passadas, pensam outros. Alguém diz que são "as novas leis escolares", as responsáveis pela nova situação de coisas, que para eles é desordem. "Não pode castigar, não pode punir, não é permitido colocar o aluno de joelhos. E nada. No tempo, o professor nos fazia trepar de costas na parede. A situação comenta outro informante.

Outros informantes entenderam que a origem dessas mudanças na educação dos filhos reside nas diferenças das próprias crianças. "Assim, se uma criança é obediente, mas vai brincar com outra rebelde, e os pais dão alguma tarefa para esta executar e ela responde com um "não", aquela acostumada a obedecer, acaba por aprender a fazer o mesmo", foi a opinião de mais um informante.

Nestes depoimentos pode-se observar o seguinte: as mudanças educacionais que vem ocorrendo na família dos agricultores de Barreiro são o reflexo das progressivas transformações ocorridas no processo de trabalho, as inovações tecnológicas, uma vez que esse novo estado de coisas, exigiu dos agricultores novas atitudes e comportamentos. Os comportamentos e concepções do processo produtivo das culturas tradicionais, frente à passagem da policultura às monoculturas de trigo e soja, determinou contactos com as redes bancárias para financiamentos, com os revendedores de máquinas e insumos, com a Cooperativa para a comercialização dos produtos e ampliou os contactos com o comércio em geral, originando nos trabalhadores do campo novas e complexas relações sociais. Estas relações despertaram neles novas concepções de produção, novas percepções do valor do dinheiro e outra visão de mundo quanto ao mercado. Nisto estão presentes as transformações econômicas ocorridas na sociedade global. Além disso, as novas idéias que se formulam sobre educação influem sobre o quadro dos valores e o estilo de vida, bem como dos meios de comunicação social, especificamente, a televisão.

No entanto, estes fenômenos passam por eles descrevidos, no sentido de que não se dão conta como se articulam as mudanças entre a cultura tradicional e a modernização e desta com a educação. Assim que, na cabeça dos trabalhadores do campo se passa uma confusão de opiniões sobre educação. Isto revela a sensação de mal-estar cultural e deslocamento social porque estão passando. Este facto deter-

contradições constantes e revela insegurança na maneira de pensar e comportar-se frente à educação das novas gerações.

### Mudanças de Hábitos e Costumes Inter-Familiares

Depoimentos constantes dos que conheceram o estilo de vida na época de colonização de Barreiro, atestam que naquele tempo, a vida era muito mais feliz. Os colonizadores faziam seus trabalhos com tranquilidade e paciência. Não eram oprimidos pela velocidade dos tempos de hoje. Ajudavam-se mutuamente na construção das casas. Tal era a solidariedade que os encontros se constituíam "numa festa". Os colonizadores, sentiam-se tomados dos mesmos sentimentos de dependência, o que os tornava cooperativos. As festas eram raras, comenta um dos informantes. "Mas talvez o povo divertia-se mais do que hoje". Os bailes eram feitos nas próprias casas de família", diz o entrevistado. Segundo eles, os amigos reuniam-se em casas de vizinhos, com muita gaita, passavam se divertindo e dançando a noite inteira. Nas festas religiosas principais, faziam serão. Segundo eles, estas festas já não existem há uns 20 ou 30 anos. "Tudo mudou muito!" exclama um informante.

O regime de trocas entre parentes e vizinhos fazia-se por produtos diversos de produção agrícola. Quando a mulher dava a luz ao bebê, outras senhoras iam prestar serviços. Levavam açúcar, carne, metros de fazenda, ovos, aves domésticas, segundo as possibilidades de cada visitante. "Hoje não existe mais nada disso, porque tudo ficou muito caro", comentou uma senhora. "Se alguém levasse alguma dessas coisas nos dias de hoje seria até ridículo", comentou outro.

O regime de trocas dava-se quando era abatido algum animal de grande porte. Na matança de suínos, era comum, oferecer aos vi

zinhos e àquales que tinham auxiliado na catanga. Hoje tudo desapareceu. Apenas alguns fazem alguma troca que, segundo o informante, "é pelo prazer de dar e pela alegria de receber em troca, quando o vizinho também abate".

O mutirão constituía-se numa forma comum de prestação de serviços gratuitos. Quando alguém da família fosse acometido de doença ou de morte de um familiar ou então, não pudesse dar conta da lavoura, a família era socorrida pelo mecanismo social do mutirão. "O mutirão virava numa festa", diz um informante. Naquela dia, a família favorecida, preparava o almoço para todos os que se faziam presentes ao mutirão. Após, o almoço, voltavam ao serviço até o fim da tarde, quando todos iam para as suas casas.

Por mais que o sistema de troca de bens, como a instituição do mutirão, pudesse representar uma forma elegante de solidariedade, num regime de subsistência ou quase, não deixaria também de ser uma forma "bancária" assistemática. Cada família ia capitalizando bens materiais ou prestação de serviços junto às demais, na certeza de que, cedo ou tarde, reverteria sob idênticas condições. Na medida em que as condições de vida eram precárias, e os bens produzidos escassos, mais premente fazia-se sentir a necessidade de trocas, sob a forma de bens ou serviços, para que, no momento oportuno, cada um por sua vez, fosse socorrido. Portanto, não deixava de ser uma forma de acumulação de bens e serviços entre as famílias, para um atendimento garantido, no momento certo. Um informante diz que ninguém cortava os serviços empregados no mutirão. Mas, embora não fossem remunerados, a expectativa era de que um dia fosse retribuído. Nesse sentido, tanto as trocas de bens como o mutirão, não deixam de ser uma forma eficaz de economia, enquanto forma de estocar a força de trabalho dos vizinhos para as horas difíceis. O mutirão possibilitava uma "armazenagem" de mão-de-obra "gratuita", para as horas mais prementes da família.

Na opinião de muitos da área em estudo, o mutirão extinguiu-se com a entrada da máquina... Dizem que quem precisa pode contratar uma máquina, pois, em poucas horas, faz o serviço... Outros acentuam que ninguém tem mais tempo para outros, uma vez que a preocupação com os "empréstimos bancários" determinou uma vigilância sobre os próprios negócios e a produtividade. A esse fenômeno social novo, chamam-no, simplesmente, de "individualismo", todos os informantes da área. Parece que, além da mecanização da lavoura, a extinção do mutirão, deve-se ao fato de que após os laços de solidariedade e camaradagem estabelecidos no combate contra a hostilidade do meio e o período de subsistência, esses laços afrouxam-se, pouco a pouco, com a conquista progressiva de certo bem-estar das famílias.

Na percepção dos entrevistados, a solidariedade, a amizade, o auxílio mútuo dos anos passados, hoje, é simplesmente uma grata lembrança. "Hoje a amizade é uma coisa, negócio é outra", dizem eles. Na observação deles, a confiança na palavra dos outros, desapareceu. "De alguém pede emprestado Cr\$ 600,00, quem empresta diz: 'posso, mas, não pôr em documento'. Naquele tempo, não. A confiança era outra", diz um informante. Na opinião dele, esse revés da medalha tem sido ocorrido pelo aumento da população, o que possibilitaria o surgimento de muitas idéias. E continua: "uns inclinados para o bem, e outros para o mal. E onde tem um mau, o povo fica mesquinho. Se alguém confia em alguém e é por ele logrado, quando chega um terceiro, esse amigo, o sujeito pensa: 'não vou nessa' porque até aquele meu amigo, me passou para trás. Agora não entro mais em outra coisa". De modo que o bom paga pelo mau. Hoje, confiança entre as pessoas existe, mas tudo com base na segurança", concluiu ele.

Por esse depoimentos e observações feitas, pode-se concluir, realmente, aquela comunidade rural, passou por inúmeras mudanças, seja ao nível da educação familiar, seja ao nível das transformações

étnico-culturais das tradições existentes entre as famílias. As razões são as mesmas acima aduzidas, quando se justificou as mudanças no seio da família. Em última análise, a inovação tecnológica, acompanhada das idéias que orientam os novos rumos da sociedade global, são decisivos para as transformações que estão acontecendo ao nível dos pequenos grupos, como é o de Barreiro.

### 3. A RELIGIÃO COMO FORÇA DE COESÃO GRUPAL E FORMA DE EDUCAÇÃO ASSISTEMÁTICA

Ao se darem as migrações internas, os descendentes de italianos, levavam uma bagagem cultural de hábitos, costumes, moral e religião que haviam aprendido junto aos seus pais e da comunidade religiosa. Assim é que, em Barreiro, a reprodução da vida religiosa e social vai fazer-se à semelhança das "Colônias Velhas", e da velha Itália.

Em Barreiro, tão logo as condições materiais o permitissem, os colonizadores projetaram a construção de um centro capaz de dar unidade e coesão grupal. Este centro, à semelhança de toda a zona de colonização italiana, foi a capela. A capela, inicialmente o espaço próprio para o culto e reuniões, com o passar do tempo, "passou a significar o conjunto dos habitantes de uma mesma linha ou localidade que frequentam a mesma igreja: a comunidade ou sociedade da capela".<sup>37</sup>

WAFROI, Olívio. A Colonização Italiana no Rio Grande do Sul; Implicações Econômicas, Políticas e Culturais. Porto Alegre, Gráfica Sul, 1978, p. 189.

A vida da capela era uma reconstituição da vida social e religiosa dos antepassados, e uma transposição do que haviam conhecido na Europa. Na capela, os próprios colonos se encarregavam da condução do culto. Através de umas orações tradicionais reproduziam, como podiam se lembrar, o culto em sua terra natal.

A vida social da capela não se confinava ao culto. Ela expandia-se também em torno de alguns elementos de socialização: o canto, o jogo de cartas e de bochas.

"Essa organização autônoma das capelas não tinha um caráter contestatório de seita, nem foi o fruto da falta de instrução dos colonos. Ela nasceu espontaneamente da ansiedade de reproduzir, o mais fielmente possível, com os meios disponíveis, aquela vida que os colonos conheceram em sua terra natal, onde a religião católica ocupava um lugar proeminente".<sup>38</sup>

Segundo os estudiosos do assunto, foi a unidade social da capela e a religião que se constituíram os elementos-chaves da integração dos colonizadores. A religião serviu de suporte para que não desse a desintegração social e a caboclicização, oferecendo-lhe um núcleo sócio-cultural no qual ele se reconhecia e expandia.<sup>39</sup>

"A religião que eles praticaram e como puderam, era uma imitação daquilo que haviam conhecido em suas aldeias italianas. O traumatismo inicial, provocado pelas condições em que se realizou a imigração e pelo impacto sofrido nos primeiros contatos com o ambiente, foi superado graças à reconstituição que fizeram, lentamente, daquela vida religiosa com a qual se identificavam, totalmente. A saudade da pátria foi diminuída à medida que as celebrações li

<sup>38</sup> Ibidem, p. 171.

<sup>39</sup> Ibidem, p. 156.

túrgicas se aproximavam do modelo perdido. Os domingos vazios e tristes dos primeiros tempo, tomaram pouco a pouco, o aspecto alegre das aldeias italianas onde homens, mulheres e crianças se confraternizavam em torno das festividades e celebrações religiosas.

(...) Assim, a organização sócio-cultural das capelas nas colônias italianas centralizada em torno da religião católica, foi e continua sendo, em alguns lugares, o exemplo típico da comunidade de base, um fator de integração e de solidariedade. Ela foi, contudo, em seu início, um fenômeno de ajustamento ao novo meio, a cristalização de suas lembranças".<sup>40</sup>

Em relação à comunidade de Barreiro, as coisas não passaram de outro modo. O que haviam conhecido nas demais regiões de colonização é transplantado de uma colonização para outra. Os relatos dos informantes da área em estudo, são unânimes em relação ao que pode ser dito da estrutura da capela como fonte de vida grupal e no que se refere às mudanças atuais dessas capelas.

Numa palavra, a religião constitui-se uma forma de condicionamento de comportamentos, hábitos e costumes que modelavam a vida dos adultos, jovens e crianças em toda a zona de colonização. Só com o passar do tempo, essa estrutura começou sofrer rupturas gradativas, como se pode constatar em Barreiro.

Quanto às mudanças religiosas de Barreiro cumpre destacar dois níveis: mudanças internas e externas, isto é, às novas atitudes tomadas pelos membros que pertencem geograficamente à comunidade de Barreiro.

Quanto ao caráter interno da estrutura religiosa, houve mudanças que determinaram outra maneira do povo comportar-se frente a ela. As mudanças internas, visaram, sobretudo, a reorganização do culto. As reformas internas da religião, não conseguem uma adaptação mais real ao povo. É mais uma forma de apaziguamento individual das consciências do que um processo de mudanças. As próprias transformações internas da religião, são muito mais o resultado das mudanças da sociedade global, do que da dinâmica e vitalidade dela própria.

A pesquisa sobre aspectos religiosos da população em estudo, revelou profunda ambigüidade existente na cabeça dos informantes, especialmente, dos mais velhos. A religião foi sempre o ponto alto do seu quadro de referência. No momento que ocorreram inovações internas, muitos perderam o contato, como quem perde parte de sua cultura. Em muitos depoimentos, os entrevistados falam da religião entida como se fosse a única forma possível e válida para todos os tempos. Ao mesmo tempo, afirmam que como está hoje é melhor, mais fácil de practicar.

O julgamento dos mais velhos, é de que a religião só poderia ser praticada de uma maneira, sem mudanças. Neles persiste uma visão fixista do mundo, resultado da própria inculcação religiosa, com mensagens imutáveis. Tudo pronto. A religião deveria ser aquilo que conheceram e praticaram em sua infância, e que o meio sócio-cultural lhes legou. Partindo do princípio de que a religião é uma só, ela não poderia vir a mudar, nem sua forma de prática. O argumento deles é de que Deus estabeleceu uma única religião. Eles esquecem que Deus não determinou uma única prática. Muitos ainda imaginam que a humanidade não é responsável de nada. Deus é que faz o bem acontecer nas pessoas, ou permite o mal. Dessa concepção derive a idéia de que não cabe a eles transformar nada do que está prescrito no modo de praticar a religião. A tarefa do homem seria trabalhar para produzir o sustento. Se o trabalho não é suficientemente

recompensado nas safras, muitos ainda atribuem que foi Deus que não deu. Se a produção é boa, então, foi Deus que propiciou a abundância.

Todos são unânimes em reconhecer que a religião mudou, e muito. Os mais velhos que se sentem confusos culpam o papa, bispos e padres, desse estado de coisas. Mas logo reconhecem que hoje a religião está mais aberta, acessível. Os indivíduos mais novos comentam que se a sociedade introduziu tantos elementos novos de mudanças, por quê a religião deveria ficar atrasada? São poucos os que admitem que a religião é fonte de mudanças. Os mais velhos porque acham que a religião não deveria mudar. Os mais novos percebem que as verdadeiras causas das mudanças são a política, a modernização da lavoura e os empréstimos bancários, no caso concreto deles. Isto mostra que mesmo na percepção deles, a religião não é fonte de mudanças sociais. Ou porque não deveria mudar, ou porque a sociedade global é a fonte principal das mudanças.

A vida religiosa da comunidade de Barreiro passou por algumas rupturas no que respeita à prática religiosa. Em outros aspectos, porém, houve permanência. O que antigamente era um dever social sagrado, a participação na vida da assembleia, hoje, quase ninguém mais sente esta pressão do grupo. Esse vínculo social, afetivo e sentimental com a comunidade, é quase inexistente. Eles já não se sentem com obrigação de estar presentes na assembleia. Aqueles que acham um dever participar da comunidade, comentam que "hoje nem se respira mais o domingo". Na verdade, as condições de produção, o uso da máquina, exigem que todo o tempo disponível seja empregado no trabalho, inclusive aos domingos. Em períodos de plantio e colheita, os domingos são passados na lavoura. O que antes teria sido grave esfacelo.

Ao lado de algumas significativas mudanças internas e outras de caráter externo, como foi o caso do trabalho aos domingos, pa

no citar apenas uma, persistem traços que foram muito pouco alterados. Assim, pouca mudança ocorreu quanto à tradicional procissão em homenagem à padroeira da capela. O mesmo se diga da procissão da sexta-feira santa. Muitos fazem o percurso da procissão descalços como sinal da penitência tradicional. Em geral, percorrer descalços é resultado de promessa. Outros caminham em silêncio. Outros falam assuntos diversos. Um pequeno grupo canta e reza, como antigamente. Mantém-se inalterada a concepção de que a criança deve ser levada à pia batismal o quanto antes. Consideram que é bom que toda a criança faça a primeira eucaristia. É fundamental que, quando alguém morre seja acompanhado por algum eclesiástico para o cemitério, caso contrário, julgam que foi enterrado como se fosse um animal. É importante para eles que seja rezada missa pelo defunto em dias tradicionais: 7º, 30º, de ano e assim por diante.

Um grupo é constante na participação das assembleias litúrgicas. Mas, se ao invés do culto há discussão dos problemas comunitários, a presença e participação se reduz ao mínimo. Não são poucos os que pensam que discutir problemas comuns é perda de tempo, ou então, não acreditam que possa disso surgir resultados satisfatórios. Razão porque nem sequer comparecem. As festas populares mantêm muito do estilo antigo, apenas bem menos animadas. O culto aos mortos, aos 2 de novembro, continua sendo muito concorrido. Um sentimento arraigado criado pela tradição religiosa.

Pelo exposto se evidencia a força da tradição cultural como forma de educação, bem como as rupturas face à modernização. Persistem traços culturais sob a forma de idéias, atitudes e comportamentos ligados, sobretudo, à família e à religião. Estes traços culturais que persistem podem ser identificados com os costumes e hábitos dos imigrantes italianos. Já em relação ao trabalho, o processo é quase que completamente outro. Assim, o novo processo produtivo, as mudanças requeridas na agricultura, a entrada da tecnolo-

gia fizeram com que houvesse relações econômicas, financeiras; relações, na compra de máquinas para a lavoura, eletrodomésticos, enfim, relações sociais novas que determinaram nova concepção de valores, estilo de vida e uma relativa independência individual e familiar em relação às opiniões do grupo. Esta liberação das pressões sociais sobre a família e os indivíduos, também foi outra fonte de mudanças, mas, em última instância, estas pressões foram liberadas pelas novas exigências do processo produtivo, o qual está vinculado às relações mais amplas que o agricultor mantém com a sociedade global.

## TERCEIRA UNIDADE

### A EDUCAÇÃO ESCOLAR DE BARREIRO NA FASE DA POLICULTURA

Considerando que a necessidade primordial da vida é sobre vivência, os homens organizam-se em sociedade, primeiramente, para a produção de bens materiais. A tecnologia concretamente empregada em cada formação social e as relações sociais dali resultantes transformam-se nos primeiros traços culturais. As concepções de vida, os hábitos e costumes, as instituições que se formam, e as idéias que dão corpo ao arcabouço inicial do complexo fenômeno das relações sociais, determinam o nascimento e desenvolvimento da cultura global de uma sociedade determinada, dando origem às formas de educação extra-escolar. A cultura geral de uma sociedade condiciona os comportamentos grupais e individuais.

Quando este grupo consegue introduzir a educação escolar, esta pode servir de fonte de rupturas sobre a cultura tradicional. A escola pode inovar, projetar novas idéias e redefinir posições já definidas na cultura tradicional ou na educação extra-escolar. Contudo, esta não é a regra geral. A escola tende a conservar a solidade e reproduzi-la.

Para mostrar se a escola de Barreiro foi ou está sendo una fonte geradora de mudanças, exige-se uma perspectiva histórica e evaluativa dessa escola. Além disso, não basta tomar a escola de Barreiro, isoladamente, ao menos neste primeiro enfoque. Ela deve ser tomada dentro do contexto sócio-cultural da colonização italiana no Rio Grande do Sul. Por isso, a primeira caminhada consiste em realizar a tradição escolar do imigrante italiano neste estado, para depois situar, historicamente, a função e desenvolvimento da escola

de Barreiro. Na próxima unidade será estudada a escola de área de Barreiro atual e ver sua adequação ou não a este meio. Agora, en lão, se verá a situação do imigrante italiano em relação à escola e em seguida a evolução escolar de Barreiro.

Enquanto o imigrante alemão, chegado ao Rio Grande do Sul, constituía seu centro de unidade em torno da escola e da capela, o imigrante italiano vivia e expressava sua vida social junto à capela e o culto religioso. Este foi seu centro de unidade e coesão gru pal, como foi, suscitadamente, exposto na unidade anterior.

### O Imigrante Italiano

"Desconhecera na própria pátria os benefícios da edu cação da instrução e, por isso, não sentia necessida de de lutar para que seus filhos a tivessem agora . Quería, isto sim, dar-lhe uma religião e um pedaço de terra própria. Lutava mourejando dia e noite pa ra vencer a terra virgem e extrair-lhe a maior soma de produtos possíveis. Falava o dialeto e não a prendeu o português".<sup>41</sup>

Duas são as razões do desinteresse desse imigrante pela educação escolar de seus filhos -: a situação sócio-cultural em que vivera, antes de imigrar, não o despertara para a importância da edu cação formal. As condições de sua época exigiam que se ocupasse o dia todo com o trabalho para a sobrevivência. Além disso, a so ciedade não lhe oferecia escolarização. Em segundo lugar, esses imigrantes, aqui foram isolados em pequenos núcleos em meio à flores ta. Os contatos com brasileiros eram esporádicos. Somente acon teciam quando eram visitados por agrimensores de origem brasileira ,

41

ZAGONEL, Carlos Albino. A Igreja e Imigração Italiana. Porto Alegre, Sulina, 1975, p. 43.

ou então, quando os próprios colonizadores iam até à sede da colonização para entendimentos com os agentes responsáveis por esta tarefa, os quais eram de origem brasileira.

A região colonial a que se foram destinados os primeiros contingentes de imigrantes italianos era de difícil acesso. De um lado, as escarpas da Serra, de outro, o Rio das Antas. Estes obstáculos físicos, somados às distâncias da Província, fizeram do italiano um imigrante isolado. Ele sobreviveu reconstituindo, em cada núcleo, a sua cultura, segundo o que conhecia em sua Pátria.

Esta situação determinou um lento processo de aculturação - ção, acompanhado de inúmeras dificuldades.<sup>42</sup> O isolamento geográfico e social permite compreender a preservação da língua (dialéto vêneto), costumes, e tradições durante várias gerações. Esta bagagem cultural passava de pai para filho, e de uma geração à outra. Hoje, a aculturação com a paisagem social do gaúcho faz nascer uma nova amálgama, misturando traços, costumes e hábitos, comportamentos e estilos de pensar, fazendo do homem gaúcho um tipo humano característico em relação às demais regiões brasileiras.

O imigrante italiano, vivendo num contexto social de abandono da mãe-pátria, da Província que aqui o recebera, isolado na serra no meio à floresta, sem tradição cultural pela instrução escolar, não sentia necessidade de escola e formação geral. "A cultura não lhe parecia necessária para viver e comprar terras".<sup>43</sup>

42

AZEVEDO, Thales de. Italianos e Gaúchos; Os Anos Pioneiros da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, A. Nação, 1975, p. 215-54.

43

ZAGONEL, Carlos Albino. Op. Cit., p. 43.

"Durante todo o século XIX, não havia sistema escolar em todo o Rio Grande do Sul",<sup>44</sup> embora os insistentes apelos dos diretores e inspetores de colonização junto às autoridades. "Em 1925 para uma população estadual de 295.000, apenas existiam 57 entre escolas primárias e colégios com uma instrução de 3.400 alunos".<sup>45</sup>

Quanto descaso, e até resistência formal pela escola e educação dos filhos, no que se refere à instrução formal, foi uma constante até pouco tempo, nas zonas rurais de colonização italiana. Nos centros urbanos, esta resistência já está mudada. Quanto à zona de colonização, ainda, nas primeiras décadas do século XX podia se ouvir coisas como estas: "Em 1912, o enviado especial da Itália Gens, Ranieri Venerosi Pesciolini, escrevia: 'Quando se pergunta por que razão não enviam seus filhos à escola, a resposta é sempre a mesma: 'Eu vivi e comprei terras sem saber ler e escrever, meus filhos podem fazer o mesmo!'.<sup>46</sup>

Esta afirmação frequentemente, repetida entre os imigrantes, revela que a preocupação fundamental deles girava em torno da sua propriedade: adquirir terra e trabalhá-la segundo sua própria experiência. Isto seria suficiente para o que eles julgavam essencial para viver.

Até muito pouco tempo, havia pais de ascendentes italianos que defendiam a idéia de que seria bom para todos os filhos saber ler, escrever e calcular. Mas se possibilidades houvesse de progredir nos estudos, este privilégio seria somente dos filhos ho

44  
MANFROI, Olívio. Op. Cit., p. 136.

45  
ZAGONEL, Carlos Albino. Op. Cit., p. 44.

46  
MANFROI, Olívio. Op. Cit., p. 136.

mens. A eles caberia a responsabilidade de conduzir a vida social e econômica da família. Quanto às filhas, se soubessem ler, escrever e calcular seria mais do que suficiente. O mundo da cultura mais ampla não seria necessária para estas, uma vez que sua função seria restrita à família e auxiliares da lavoura. Nestas condições e mentalidade pode-se garantir que a "escola não teve influência na conservação do patrimônio cultural italiano entre os colonos do Rio Grande do Sul".<sup>47</sup>

A preocupação do imigrante italiano consistia em trabalhar as terras virgens, se possível comprar mais terra para deixar em herança aos filhos. O orgulho do chefe de família era este: "casei todos os filhos, dei um pedaço de terra a cada um, agora posso morrer em paz". Fora esta preocupação fundamental, em relação aos filhos, a vida do imigrante italiano e primeiros descendentes, restringia-se à construção da capela local, o jogo de cartas em fins de semana, de bochas e o jogo da "mora". Quando fosse proposta a construção da escola numa linha colonial havia muitas divergências entre os agricultores. Para a maioria deles não era importante. O importante mesmo era a construção de uma capela, onde a cultura social pudesse ser reproduzida. Ela exercia o papel de coesão social e elemento dinâmico de transmissão dos valores que eles incorporavam e desejavam ver comunicados aos filhos. A melhor educação que poderiam dar aos filhos seria o respeito para com os pais, ser bom filho e pertencer à comunidade religiosa. Quanto à escola se fosse fundada, não era ponto de referência para a vida comunitária. Era admitida como instrução para as crianças em idade escolar, em seus requisitos mínimos, e no mais terminar as primeiras letras e voltar a dedicar o dia todo ao trabalho. É bom que se diga, que fal

47

MANFROI, Olívio. Op. Cit., p. 142.

...em todas as condições sócio-culturais e materiais para as coisas...  
...na época da imigração e durante os anos que se se-  
...guintes.

...neste, o mundo do imigrante italiano era fechado e extre-  
...mente restrito à sua localidade, onde a construção mais importante  
...era a capela.

Se porventura, alguns soubessem ler, ensinavam este mi-  
...ter a outras pessoas que, por acaso, tivessem essa curiosidade. Is-  
...to acontecia na própria família do letrado. Escolas não existiam.  
...Nem eram procuradas, pois os colonizadores não achavam a escolariza-  
...ção uma prioridade. Ou então, as distâncias impediam de pensar a  
...possibilidade de estudar.

Somente com a chegada dos primeiros padres às colônias e  
...das congregações religiosas é que se iniciou alguma preocupação com  
...cultura formal, a escolarização nas colônias. Eles tiveram a  
...preocupação de fundar escolas na zona colonial, com a finalidade de  
...propiciar um pouco de cultura para os abandonados colonos. Como  
...se pode imaginar, os colonos que, por acaso, soubessem ler, es-  
...criver e calcular, de improviso foram constituídos professores desse  
...tipo. Estes, alternavam seu trabalho entre a escola e a lavoura .  
...em formadas classes unidocentes, onde o professor rural transmitia  
...o que tinha para dar. Um único professor atendia na mesma classe  
...vários níveis de instrução. Na época, o ensino era seriado por  
...livros e não por unidades de ensino. Assim, quem vencesse a carti-  
...na, passaria para o segundo livro, terceiro e quarto em anos suces-  
...sivos. Depois do que, o aluno estaria formado e voltaria para o  
...trabalho da lavoura o dia todo com seus pais, o que antes vinha fa-  
...zendo meio dia por jornada. Assim, os alunos passavam meio dia na  
...escola e meio dia auxiliando os pais no serviços da produção agríco-  
...la. À noite faziam os temas à luz do lampião. Como a aquisição

do cadernos era bastante difícil, os temas eram feitos numa pedra de 30 por 20 centímetros. O uso de grafite especial, possibilitava a pagar o escrito após ter sido revisado pelo professor, e a pedra continuava sendo instrumento de trabalho.

Em Barreiro, área deste estudo, as coisas não se passaram diferentemente das demais colônias. Seis anos eram passados desde a chegada dos primeiros moradores de Barreiro, quando foi criada a primeira escola daquela colonização, e a primeira de toda a Colônia Ijuí. Isto acontecia em 1893. A escola ficara ligada à secretaria de Educação de Cruz Alta. Em 31 de janeiro de 1912, Ijuí emancipava-se e esta escola passou a ser orientada pelas autoridades locais. Até 1945, esta unidade de ensino primário, era designado, entre os italianos, simplesmente de "Escola". De 1945 passou-se chamar: "Escola Primária Getúlio Vargas". A 18 de junho de 1956 passou a ser "Grupo Escolar", e a 18 de agosto de 1956 iniciava suas atividades com esta designação. A 20 de julho de 1960 eram concluídas as novas instalações do novo prédio escolar, com três salas de aula, uma sala para Direção e banheiros. Nos livros de registros da escola, a partir de 1964, a escola aparece com a designação de "Grupo Escolar Rural de Barreiro". Em 1974, por força da demanda de alunos, e implantação da Reforma do Ensino Fundamental, esta escola passou a ser chamada "Escola de Área de Barreiro".

Na escola de Barreiro não se encontram registros escritos antes de 1945. De 1945 em diante, até 1960, apenas existem alguns dados mais gerais. A partir de 1960, por ordem do secretário municipal de educação, a escola passou a registrar as ocorrências sobre visitas, planos da Direção, Atas do Círculo de Pais e Mestres, Atas de início e encerramento do ano letivo, Atas de Comemorações, Livro de dados sobre os professores e Livro para Registro de correspondência enviada e recebida.

A recomposição de muitos dados, com a falta de documentos escritos somente pode ser feita através de professores e informantes mais antigos da localidade.

Uma professora informante relatou que de 1937 até 1956 exerceu ali o magistério sozinha. Depois teve auxiliares. Mas ali permaneceu durante 30 anos exercendo o magistério. Ela contou que nunca teve menos de 75 alunos, agrupados em classe unidocente. Anos havia que eram 100 a 103 alunos. Segundo ela, trabalhava com classes de manhã, tarde e à noite alfabetizava adultos que ali estavam acampados e tinham a tarefa de abrir a estrada geral que ligava Ijuí a Augusto Pestana, município vizinho de Ijuí.

No sistema de classe unidocente, os mais adiantados exerciam monitoria, tomando as lições dos que estivessem num nível inferior. Uma professora relatou que, em muitos casos, os alunos auxiliados por monitores desconfiavam dos ensinamentos destes e por isso perguntavam à professora se este ou aquele conteúdo estava sendo corretamente ensinado. Quando os monitores eram bons, não passavam estas desconfianças pela cabeça dos alunos de nível inferior.

Os mais velhos informantes da área em estudo recordam com gratidão a atuação de vários professores do seu tempo. Recordam também que a vara de marmelo e o castigo de joelhos sobre grãos de milho, diante de toda classe, fazia parte do sistema de educação da época. Este era o expediente do professor para corrigir os "malandros", ou então, aqueles que, constantemente, não tivessem a felicidade de saber a lição do dia. Os mesmos informantes recordam alguns professores que souberam promover os mais capazes, encaminhando-os a prosseguir seus estudos no Colégio particular Duque de Caxias que funcionava na sede de Ijuí. Esses professores procuraram, de todo modo, arranjar bolsas de estudo para os carentes de recursos e que oferecessem condições intelectuais em prosseguir os estudos se

gundo a percepção dos professores.

As dificuldades para bolsas de estudo eram imensas, já que este estabelecimento de ensino, Duque de Caxias, concedia apenas uma bolsa de quatro anos, pois o agraciado deveria concluir seus estudos antes que outra bolsa fosse liberada a outro aluno. Assim mesmo, vários alunos de Barreiro obtiveram essas bolsas, graças à intervenção dessas professoras e, hoje, esses sujeitos desempenham um papel relevante no mundo cultural de Ijuí. Mas a professora informante revela que os empecilhos não se restringiam, apenas, à aquisição de bolsa de estudo. Os próprios pais se opunham, em alguns casos, a dar mais estudos aos filhos. Uma razão é que lhes faltaria o braço no trabalho da lavoura. Outra razão era porque os pais não queriam privilegiar com estudo um filho mais do que outro. Em famílias numerosas, como eram as mais antigas, seria totalmente inviável dar as mesmas oportunidades de estudo a todos os filhos. Ninguém tinha dinheiro para propiciar estudo além do primário. Uma professora informante diz que esteve por sete vezes, junto aos pais de um aluno para convencê-los de que deveriam permitir-lhe continuar os estudos na sede, no já referido Colégio Ginásial, Duque de Caxias. Ela argumentava que o filho era inteligente e merecia uma oportunidade. A mesma professora dizia que havia diversos alunos em condições de continuar estudando. Mas as dificuldades básicas eram três: pais pobres, dificuldades de obtenção de bolsa de estudo e a necessidade do braço dos filhos para auxiliar os pais no cultivo das lavouras. A informante disse: "o que os pais queriam era roça p'ra os filhos". Outra professora disse que, em período de safras, os alunos simplesmente não compareciam. Tinham que fechar a escola por algum tempo. Essa informação revelou que as moças, com o aparecimento da menarca, consideravam-se adultas e, por isso, a escola já não era para elas, ainda que não tivessem concluído o primário. Caso continuassem frequentando as aulas, os colegas tomavam

a liberdade de "gozá-las".

Aos pais interessava que os filhos aprendessem ler, escrever e calcular, especialmente taxas, juros e percentagens. Depois disso, consideravam seus filhos prontos para enfrentar o mundo, no confinado meio rural.

Essa mentalidade é compreensível dentro de um contexto sócio-cultural maior, como já se assinalou acima: a maioria dos imigrantes italianos saiu de sua pátria sem conhecimento das primeiras letras. Aqui, perdidos em meio à floresta, não sentiam necessidade de escolas. Depois que começaram funcionar, eles não viam por que dar uma instrução aos filhos, além do primário. A educação pelo trabalho, a inculcação das tradições familiares e religiosas eram importantes e decisivas. Se isso fosse conseguido, os pais davam-se por felizes e realizados, em especial com o casamento dos filhos e a herança de um pedaço de terra. Contudo, é bom que se diga, as condições sócio-econômicas, políticas, educacionais, os instrumentos de trabalho da época não permitiam ao homem do campo condições outras, mesmo que pudessem ser entrevistadas e esperadas. Os limites sociais, de desenvolvimento, a cultura restrita, as distâncias geográficas, tudo era empecilho para pensar em condições mais razoáveis de progresso intelectual, a não ser aquele que a própria experiência do suor do rosto e das mãos calejadas permitia ser assimilado.

Dentro da tradição cultural do italiano, dificilmente, os filhos poderiam ter mais razão do que os pais ou outros adultos. Muitas vezes surgiam conflitos entre professores e alunos. Embora os pais discordassem da atuação do professor, diante dos filhos sempre davam razão ao professor. Assim estava garantida a tradição e a forma de governo exercido pelos pais em suas famílias.

A professora-informante conta que os tempos eram difíceis e trabalhosos. Havia alunos excelentes, diz ela. Outros mé dios. Outros ruins. Havia aqueles que eram rebeldes. Vinham para a aula muito sujos e com piolhos.

Os alunos procediam das mais diversas distâncias. Sem pre a pé: no inverno e no verão. No barro ou no seco. No verão andavam descalços. No inverno, de tamancos. Alguns percorriam uns 10 kms para poder chegar até a escola.

A professora, que residia na sede de colonização, devia desempenhar inúmeras tarefas: cuidar da limpeza e mesmo fazer limpeza com algumas crianças da escola; fazer o panegírico às autoridades quando da visita à escola. Uma vez por mês a professora era visitada pela orientadora do ensino que chegava até lá com charrete. Permanecia o dia todo vistoriando cadernos, planos de aula e o cumprimento de outras determinações. A professora devia elaborar cin co planos de aulas por dia, quando as turmas de alunos o exigiam. A professora relatou que para cada data cívica era preciso hastear a bandeira. Para cada circunstância era preciso o comparecimento de toda a classe. Ela devia preparar os discursos adequados aos acon tecimentos comemorados e os alunos mais inteligentes os proferiam. As crianças deviam confeccionar cartazes alusivos ao episódio comemo rado e expô-lo em mural, onde ficavam até a próxima data cívica. En tão seriam substituídos por outros. As crianças deviam trabalhar em horta e jardim. Os canteiros deviam ter as configuração geográ ficas do mapa do Rio Grande do Sul. E isso por exigência das auto ridades pedagógicas da época.

## O ATUAL SISTEMA ESCOLAR DA ÁREA DE BARREIRO

Na área geográfica de Barreiro estão em funcionamento quatro escolas. Uma foi constituída Escola de área<sup>48</sup> e outras três são tributárias.<sup>49</sup> Estas três podem ser descritas sucintamente assim: Escola Primária José Brum. Neste ano, está com 8 alunos, distribuídos entre 1º, 2º e 3º anos. Uma professora atende as três turmas. Esta professora, no fim de 1975, concluiu o curso normal. Este é seu primeiro ano de experiência no magistério.

A Escola Primária Papa João XXIII está com 19 alunos, distribuídos entre 1º, 3º e 4º anos. Não existem alunos de 2º ano neste semestre. Dos 19 alunos, 6 são da área geográfica de Barreiro. Os demais procedem da área para além do Rio Conceição, pertencente ao Município de Augusto Pestana. A professora tem sete anos de experiência no Magistério, tendo cursado o Normal.

48

Escola de Área é uma nomenclatura adotada no Estado do Rio Grande do Sul. "Refere-se à escola onde o aluno concluirá o seu curso de 1º Grau, recebendo não só um ensino informador, mas especialmente uma formação para a vida. Assim, a Escola de Área tem por fim receber os alunos das Escolas Tributárias desta área, possibilitando uma continuidade progressiva de seus estudos" (Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º Graus do Rio Grande do Sul. Doutrina e Interpretação (1): Porto Alegre, SEC, 1972, p. 70).

49

"Escola Tributária: denominação adotada em nosso Estado para designar as atuais escolas primárias, particulares, estaduais e municipais, responsáveis pelos quatro primeiros anos de escolaridade da criança. Ao término destes quatro anos, o aluno terá continuidade de seu estudo na Escola de Área" (Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º Graus do Rio Grande do Sul. Doutrina e Interpretação (1): Porto Alegre, SEC, 1972, p. 70).

A escola Primária Duque de Caxias conta com uma população de 43 crianças. Ali existem duas salas de aula e duas professoras. Numa sala de aula estão as crianças em fase de alfabetização. A professora que as atende tem 18 anos de experiência no magistério, embora com formação de apenas o primário completo. Outra professora, com Curso Normal, dá atendimento a outra sala de aula, com uma população escolar de 20 alunos, distribuídos entre o 2º, 3º e 4º anos.

A professora da Escola Duque de Caxias com formação primária, mas com larga experiência em sua profissão, contou que tem muita dificuldade para cumprir com as exigências da secretaria municipal de educação, no que respeita aos planos de atividades. Segundo relatou, (pode-se constatar em sala de aula), o processo de alfabetização, por ela adotado, parte do ensino das vogais, através de letras e cores fortes. As vogais são ensinadas, desenhando-as no quadro. Depois que as vogais e consoantes são conhecidas, ela coloca palavras onde apareçam conjuntos de vogais e consoantes que a palavra comporta. Finalmente, leva o aluno a ler a palavra e escrevê-la inúmeras vezes. Parece que a vantagem deste método consiste em tomar palavras geradoras, isto é, palavras muito conhecidas na linguagem da criança. E sempre que possível as faz acompanhar de desenho para melhor identificar o objeto real com a sua representação mental, simbolizada na palavra. Ela diz que agora está com um manual que está dentro do método que ela já vinha utilizando. E isso a dispensa de procurar exercícios fora do livro, uma vez que cada criança pode obter a cartilha. Presentemente, está adotando: "Brincando com letrinhas", Cartilha 1ª série, 1º grau, 1976, Ed. FTD.

No núcleo de Barreiro, está em funcionamento a "Escola de Área de Barreiro", com alunos da 1ª à 8ª série. Ali lecionam 9 professores. Com exceção do Diretor e de uma professora, todos os

Os professores da escola de Área residem na sede do município de Barreiro. Alguns já concluíram, e outros estão concluindo, um curso de aperfeiçoamento pela Fundação de Ensino Superior de Ijuí.

A população escolar é de 141 crianças nesta escola de Barreiro. 67 pertencem à área geográfica de Barreiro, as demais são tributárias das cercanias desta localidade. Na escola de área a idade das crianças varia de 7 a 17 anos.

A população escolar total entre as quatro escolas em funcionamento em Barreiro é de 211 alunos, distribuídos entre 1ª à 8ª séries. Desta população escolar atual, cerca de 101 alunos pertencem à área geográfica de Barreiro. Eles fazem parte da população jovem desta área que é de cerca de 400, entre crianças e jovens que ainda não contraíram casamento. Nesta escola de área há 72 alunos de sexo masculino e 69 de sexo feminino. São 46 as famílias que criam seus filhos nesta escola. Em média dá 3 alunos por família. Os pais têm apenas o primário incompleto. Alguns pais não alfabetizados, foram alfabetizados por uma iniciativa da própria escola. Mas nem todos os pais de Barreiro estão alfabetizados. A maioria absoluta lê com extrema dificuldade.

Depois destas informações gerais, se passará em análise o Currículo, Planos de aula, Objetivos, Programas e Conteúdos, Técnicas de ensino, a Função do Diretor e do Corpo Docente como agentes pedagógicos na escola de Área de Barreiro.

#### DO CURRÍCULO

No capítulo III, seção VII do "Regimento dos Estabelecimentos de Ensino Primário Oficiais do Estado", consta:

Art. 55 - "O currículo do curso primário, visando atingir os objeti

vos gerais da educação e os especiais desse grau, será desenvolvido, levando-se em conta, a capacidade de aprendizagem dos educandos, o progresso das ciências pedagógicas e a necessidade de adaptação às peculiaridades regionais".

O currículo prevê 4 áreas com disciplinas próprias a cada área:

1. Área de Comunicação e Expressão:

disciplinas:

Língua Nacional,  
Educação artística,  
Educação física,  
(uma língua moderna).

2. Área de Ciências:

disciplinas:

Ciências física, química e biológica,  
Matemática.

3. Área de Estudos Sociais:

disciplinas:

História (do Brasil: 5ª e 6ª séries), História Geral: 7ª e 8ª sé  
ries  
Geografia,  
OSP (Organização Social e Política do Brasil),  
Educação Moral e Cívica.<sup>50</sup>

50

Educação Moral e Cívica é ministrada como disciplina e como práticas educativas. Enquanto disciplina são ministrados conteúdos teóricos; enquanto prática educativa os alunos são orientados para a formação de comportamentos e atitudes.

Técnicas Agrícolas,  
Técnicas Domésticas,  
Técnicas Comerciais,  
Técnicas Industriais.

O currículo escolar da 1ª à 3ª séries do 1º Grau é desenvolvido por atividades, "ou seja não há uma separação muito rígida entre as disciplinas. Os professores trabalham a partir de um tema ou unidade operacional desenvolvendo programas de matemática, Língua Nacional, História, Geografia, Moral e Cívica e Educação Religiosa".<sup>52</sup>

51

A Área Técnica aparece no Currículo da 4ª à 8ª séries do 1º Grau como "prática", visando a sondagem de aptidões e a iniciação ao trabalho. A prática é acompanhada de informações teóricas. A Área Técnica é incluída no Currículo do Ensino de 1º Grau em cumprimento à Lei 5.692, que, no Art. 5º, § 2º diz: "A parte de formação especial de currículo: a) terá o objetivo de sondagem de aptidões e iniciação ao trabalho, no ensino de 1º Grau e de habilitação profissional, no ensino de 2º Grau" (Brasil, Leis Decretos etc. Habilitações profissionais no Ensino do 2º Grau, 1972, Art. 5º, § 2º, Letra "a").

A Área Técnica, ao nível das 4 últimas séries do 1º Grau, na área escolar rural de Ijuí, é ministrada pela (UMIT) Unidade Móvel de Iniciação ao Trabalho, de que se falará mais adiante.

52

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria dos Negócios da Educação e Cultura. Regimento dos Estatutos do Ensino Primário Oficial do Estado. Porto Alegre, p. 27.

Da 4ª à 8ª séries, o currículo é desenvolvido por áreas específicas, onde se exige um aprofundamento próprio de cada conteúdo programático.

O Currículo básico é pré-estabelecido pela Secretaria dos Negócios da Educação e Cultura do Estado. O Currículo é o mesmo para o ensino primário de todo o Estado.

No final do artigo 58 do Regimento, consta que o currículo será desenvolvido levando-se em conta a necessidade de adaptação às peculiaridades regionais". Este detalhe permite certa flexibilidade ao meio onde a escola funciona: meio urbano de centro, meio urbano de periferia ou meio rural. Certo condicionamento dos professores no cumprimento do currículo e dos programas exigidos pelas delegacias de ensino e secretarias municipais, faz com que essa "adaptação às peculiaridades regionais", aconteça de modo muito restrito. Em última instância, essa "adaptação que já foram formados dentro de um treinamento de conteúdos e técnicas. Os comportamentos dos professores tendem a estereotipar-se e as mudanças sempre implicam um grau de ansiedade, angústia e ameaça à segurança pessoal, o que dificulta as mudanças pessoais e profissionais.

## 2. OS PLANOS

Os planos de aulas dos professores que atuam nas escolas em estudo, comportam: objetivos, Conteúdo Programático, Atividades Docentes e Discentes e Avaliação.

### 2.1. Os Objetivos

Compulsando os planos dos professores que atuam no Barreiro foram encontrados objetivos correspondentes ao primeiro semestre

... nestes:

- "O desempenho será considerado satisfatório se o aluno se mostrasse organizado quanto ao relacionamento, ordem do material, uniforme, disciplina e horário".
- "Objetivo operacional: o aluno deverá ser capaz de: copiar e ler compreensivamente, formar frases, fazer ditado corretamente, passar para o plural, separar as sílabas, resolver problemas, adicionar, subtrair e fazer exercícios com conjuntos".
- "Cuidar da limpeza. Ser mais atencioso durante as aulas. Despertar o interesse pelas coisas criadas, procurando desenvolver a arte por si próprios".
- "Religião: refletir sobre o que vem a ser a semana da Páscoa. Entender o que vem a ser "Caminhar Juntos". Ter gosto pela pintura. Amar mais os colegas. Saber respeitar um colega enquanto está apresentando algo".
- "Executar com relativa precisão movimentos que exigem coordenação visual e motora. Executar movimentos que exigem equilíbrio estático e dinâmico".

Em relação aos objetivos da 5ª à 8ª séries, constata-se uma sistemática muito parecida quanto à formulação e o espírito dos objetivos quer gerais, quer operacionais, evidentemente, variando de professor para professor e segundo a disciplina ministrada. A título de exemplificação, serão relacionados os seguintes objetivos tomados dos planos dos professores da 5ª à 7ª séries da Escola de Área do Barreiro:

- "Proponho-me aos seguintes objetivos:  
Do Curso: oferecer situações para o desenvolvimento das potencialidades do Educando de modo que ele se disponha, participe, conviva, redescubra-se, comunique e crie em todos os momentos do processo

- "Na Área de Estudos Sociais: Visa ajustamento crescente do Educação, em que se vive cada vez mais amplo e complexo em que deve não apenas viver, dando ênfase ao conhecimento do Brasil na pers-  
pectiva global de seu desenvolvimento".
- "Do Objetivo da Escola: Proporcionar ao aluno condições de desen-  
volver suas potencialidades e aptidões para que possa atuar, en  
frentar as situações da realidade em que vive procurando sua auto-  
realização".
- "Do Campo de Estudo (história): deverá educar para a formação da  
consciência cívica e patriótica, pela absorção de idéias como ci-  
vismo, patriotismo sem falsidade, percepção de valor de idéias de  
mocráticas e os males decorrentes de preconceitos raciais e reli-  
giosos. Criar hábitos e atitudes que sirvam às exigências da vi  
da prática, possuir iniciativas, trabalhar por si mesmo, e quando  
necessário, em grupo, capacidade de observação, gosto pela consul-  
ta e pesquisa, investigação e leitura, e conduzir o aluno a adqui-  
rir um método de trabalho intelectual".
- "Preparo do cidadão para a obediência à lei, a fidelidade ao traba  
lho e a integração na comunidade".
- "Estímulo e desenvolvimento das habilidades e atitudes necessárias  
a uma vivência democrática".
- "O aluno deverá concluir que o caráter se forma com o tempo, esfor  
ço pessoal e entusiasmo, a educação deve ser completa, para abran-  
ger todas as qualidades humanas".
- "Na Área de Comunicação e Expressão: Comunicação eficiente e ex  
pressão criadora para a auto-realização e integração social".
- "Na Área de Ciências: o ensino de Ciências visará o desenvolvimen-  
to do pensamento lógico, a vivência do método científico e suas  
etapas".

objetivos de religião: Observar a beleza e a ordem da natureza relacionando-a com a existência de um ser supremo. Sentir que tudo o que há no mundo existe e o que nós temos vem do Senhor. Dispor-se a fazer agradecimentos ao criador diariamente por tudo o que tem dado. Demonstrar amor ao próximo como a si mesmo. Saber que ajudando o próximo está se preparando para a vida eterna".

Como estes, muitos outros objetivos poderiam aqui ser relacionados. Esses são suficientes para esboçar alguns elementos de análise.

Primeiramente, os objetivos são estabelecidos pelos professores. Os objetivos funcionam como metas que os professores se propõem alcançar. Contudo, parece que sofrem alguma distorção ao serem aplicados a alunos que vivem no meio rural. Os professores vivenciam um meio e uma cultura de meio urbano, de onde eles procedem. A formulação dos objetivos, não faz referência ao meio rural em que serão aplicados. São aliatoriamente pré-estabelecidos pelos professores, desvinculados das motivações da criança.

Além disso, os objetivos são estabelecidos e aplicados de modo igual a toda uma sala de aula, perdendo-se de vista as características peculiares de cada aluno. Aliás, esta é uma dificuldade de todo o professor: como atender às individualidades quando o número de alunos é grande? Além da individualidade, há uma necessidade de mobilizar a sala de aula como um grupo social, uma vez que a personalidade de cada um é, basicamente, o resultado das relações sociais.

Por outro lado, os objetivos de educação, bem como de toda unidade escolar podem ser perseguidos à semelhança do que faz uma empresa. A respeito dessa aproximação, Luiz Pereira em "A Es

cola Numa Área Metropolitana" diz:

"Na medida em que, no estudo do grupo social escolar se dá destaque às relações mantidas pelos seus membros tendo em vista a atingir determinados objetivos conscientemente definidos e visando de modo contínuo, esse grupo vem a ser encarado como uma empresa. Entendida como empresa, a escola consiste numa organização social em que alunos, professores e demais funcionários coordenam suas atividades a fim de produzir, nos próprios alunos, certos estados psico-sociais e físicos".<sup>53</sup>

A escola vista como empresa, seja a de Barreiro ou de outra localidade, configura-se "como uma agência de socialização intencionalmente dirigida, destinada a transmitir determinado setor da herança cultural e a levar certos indivíduos - os alunos - a participar de determinados sistemas sociais".<sup>54</sup> Neste quadro, os alunos aparecem como 'matéria' a ser trabalhada pela empresa escolar, ao mesmo tempo, como produtos das atividades dessa empresa.<sup>55</sup> É de se considerar, ainda, que a escola como empresa, é parte integrante de um sistema social mais amplo, onde um subsistema escolar reflete o sistema global da empresa escolar em que aquele está inserido. A empresa escolar é representativa das forças desencadeadas pelas agências centrais de administração do sistema global, bem como encara as forças de outros setores dominantes da sociedade extra-empresa escolar.<sup>56</sup>

53 PEREIRA, Luis. A Escola numa Área Metropolitana. São Paulo, Pioneira, 1967, p. 53.

54 Idem, Ibidem, p. 54.

55 Idem, Ibidem, p. 54.

56 Idem, Ibidem, p. 55.

Neste sentido, os objetivos elaborados pela escola de Barreiro, no corpo de professores, não são em sua totalidade, opções desta entidade e dos professores, mas sim, as incorporações de valores, atitudes, comportamentos, ou seja das idéias da sociedade geral que informou e formou os próprios professores.

Os objetivos propostos pela disciplina Moral e Cívica: ordem e obediência, fidelidade aos sentimentos patrióticos servem para condicionar a criança de hoje um cidadão conformista e passivo de amanhã, pronto a servir os interesses dos grupos dominantes. Vista por este prisma, a escola é uma agência privilegiada onde as relações sociais podem reproduzir-se continuamente de modo a organizar os comportamentos e as atitudes das novas gerações, na manutenção do "status quo". Embora isso, é preciso que se diga que muitos objetivos propostos pelos professores da escola de Barreiro constituem e revelam um esforço de adaptação ao meio social específico a que servem.

## 2.2. Conteúdos Programáticos

O "Regimento dos Estabelecimentos de Ensino Primário Oficial do Estado", em seu artigo 57 diz: "Os conteúdos programáticos das disciplinas e práticas educativas são de elaboração dos órgãos competentes, devendo ser desenvolvidos de acordo com orientação pelos mesmos fixadas".<sup>57</sup>

57

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria dos Negócios da Educação e Cultura. Regimento dos Estatutos do Ensino Primário Oficial do Estado. Porto Alegre, p. 27.

Analisando os conteúdos programáticos das disciplinas cons tantes do currículo da Escola de Área de Barreiro, observa-se que , seguem a orientação geral do artigo 57 do Regimento mencionado. No ta-se, contudo, que os professores usaram de certa flexibilidade na montagem dos programas, pois servem-se de vários livros didáticos re conhecidos pelo sistema educacional do país para organizar seus pro gramas. Em geral são programas extensos, dificilmente vencidos num semestre. Neste caso, ou os programas são passados bastante rapidamente, deixando ao aluno a sensação de não dominar os programas propostos, ou então, simplesmente, ficam incompletos.

Os programas de história, seguindo a bibliografia existen te, tendem a uma abordagem onde acontecimentos importantes, nomes de figuras proeminentes e datas constituem a tônica dos conteúdos de história, onde as causas e conseqüências, nem sempre estão em primei ro lugar.

Nos programas de Moral e Cívica aparecem tópicos como estes: "Seja Feliz; As duas armas; Quanto vale sua felicidade; o Rei dos valores; Quê é moral? Seja democrata; Nossos maiores represen-  
tantes; Patriotismo é isso; o Brasil precisou deles; A união faz a riqueza; Objetivos nacionais; Trabalho, fonte de felicidade e pro-  
gresso; os Símbolos Nacionais; Datas que falam".

Um programa de Educação Religiosa tem em sua relação o se guinte: "Não vivo só; Minha família; Minha escola; Minha comunidade; Minha igreja; Caminhamos juntos; sou elo de uma corrente; Alguém me ama; Alguém pensa em mim; Meu líder; e Mensagem do amigo; o Mundo e eu; A alegria de ser homem; O homem na sociedade; o Homem constrói a sua história".

Nestes dois programas podem-se observar duas coisas :

- 1) Num conteúdo programático e outro existe uma preocupação com a "felicidade" da pessoa.

... a felicidade é proposta em termos individualistas. E, sob o enfoque personalista da felicidade, permite esconder o sentido real da vida do homem; ele se realiza buscando soluções co muns para problemas comuns, e até soluções comuns para problemas par ticulares. 2) No programa de Moral e Cívica, há um apelo para a de mocracia, a un ão, o trabalho, para os objetivos, datas e símbolos nacionais numa visão ampla do que seja a formação do cidadão de ama- nhã. O aspecto negativo consistiria no fato de que esses alunos, nem sempre têm condições de atuar num nível mais complexo da realidade social, o que determina que os programas de Moral e Cívica, poderiam estar mais comprometidos com a criança e o homem do meio rural.

Por sua vez, o programa religioso carrega um acento sobre a dimensão comunitária: a integração do homem numa comunidade. Não raro, as pessoas compreendem por "comunidade", meramente uma forma de convívio comum, mas que não se mobiliza em torno dos problemas comuns e uma forma de participação mais plena da vida pessoal na vi da do grupo.

#### Atividades docentes e discentes

Nos planos de aula aparecem também as atividades conside radas básicas tanto da parte do professor como do aluno. É a prá tica pedagógica, propriamente dita, onde os valores projetados nos objetivos e a aquisição dos conteúdos programáticos estão em fase de ele vação mental e introjeção. Em todos os planos, encontram-se mais ou menos essas atividades:

##### Atividades docentes:

- Exposição didática,
- Diálogo
- Estudo Dirigido,

##### Atividades discentes:

- Trabalho em Grupo,
- Responder Questionário,
- Leitura de Textos,

- Debates em mesa redonda,
- Análise de situações proble-  
mas,
- Trabalhos de pesquisa,
- Leitura silenciosa e oral,
- Composição,
- Atividades recreativas,
- Dinâmica de Grupo.

Em relação aos Recursos:

- Quadro verde e giz,
- Folhas mimeografadas,
- Livros didáticos,
- Consultas a pessoas-fontes,
- Dicionário,
- Experiências práticas,
- Resolução de exercícios,
- Confecção de cartazes,
- Jornal mural,
- Teatro,
- Excursões.

Para uma análise das atividades, quer docentes, quer discentes e os recursos empregados, parece bom enquadrar tudo isso dentro das relações técnicas. As relações técnicas são habilidades e instrumentos utilizados para transformar a matéria em outro produto. No caso do ensino, as técnicas servem de meios e instrumentos para modificar lentamente as pessoas, em seus conhecimentos, hábitos, valores e comportamentos. A prática pedagógica requer que o professor lance mão de determinadas técnicas, ou seja, tipos específicos de atividades docentes, discentes e recursos, que possibilitam a concretização dos conteúdos programáticos e, por conseguinte, a transform

ção da matéria bruta (o aluno) em determinado produto social. Os órgãos responsáveis pela educação facilitam a introdução de novas técnicas que podem ser manipuladas pelos agentes diretos da educação, como meio de tornar a aquisição dos conteúdos mais flexível. Existe boa quantidade de relações técnicas e recursos em uso, em contraposição às limitadas atividades diretamente empregadas pelo professor na Escola de Área de Barreiro. Ainda que os recursos à disposição dos professores e alunos seja muito pobre, no sentido da infra-estrutura material, uma vez que as salas de aula pouco comportam além de carteiras, quadro-verde, giz, assim mesmo, se somados com as técnicas de ensino-aprendizagem, revelam um esforço de modernização da escola: uma passagem lenta de ensino-transmissão, para a aprendizagem ativa do próprio sujeito do processo. As relações técnicas da prática pedagógica e os recursos acima elencados são indicadores do nível das funções na escola em estudo. Esta prática pedagógica centrada na pessoa do aluno o predispõe à aprendizagem significativa: a auto-aprendizagem.

#### 2.4. Avaliação como Controle da Aprendizagem

Na relação constante dos planos de aula da Escola de Área de Barreiro, pode-se observar o seguinte, quanto ao sistema de avaliação:

- 1) "Realizaremos a avaliação da aprendizagem através de aspectos qualitativos, levando em consideração os seguintes: frequência, participação, interesse, responsabilidade, integração social, observação dos alunos nos trabalhos individuais ou em grupo, durante a recreação.
- 2) "Realizaremos a avaliação da aprendizagem de aspectos quantitativos, levando em consideração: : provas realizadas mensalmente; testes aplicados ao término da unidade; consultas bibliográficas para reforçar e completar os conteúdos; testes

pergunta-resposta; composição; criatividade;  
resolução de exercícios do livro; trabalhos  
de pesquisa".<sup>58</sup>

A avaliação da aprendizagem escolar constitui-se num obstáculo para um professor. De um lado, toda a aprendizagem, quando eficaz, deveria levar a mudanças de atitudes e comportamentos; de outro lado, a aquisição de conteúdos mentais nem sempre se traduz, facilmente, em comportamentos objetivos nas pessoas, assim que alguém pode ter aprendido e não consegue comunicar por razões emocionais; e pode não ter aprendido e dar toda a aparência de tê-lo conseguido. Nestes contrastes, todos os mecanismos de avaliação, sofisticados ou simples, podem igualmente enganar-se. Afinal, o homem não é um ser totalmente transparente. Ele não pode ser espelhado somente em suas manifestações e, por isso, não percebido totalmente.

A avaliação global, incluindo os aspectos qualitativos, é extremamente frágil. Por exemplo, avaliar "interesse, responsabilidade, e integração social" só podem ser possíveis enquanto comportamentos observáveis. No entanto, as variações internas e as razões que determinam este ou aquele nível de conduta escapam por inteiro do controle. Um aluno tímido e outro agressivo, podem ser levados ao mesmo comportamento, embora as causas sejam diferentes e a escola perde o controle sobre esses motivos incrustados na estrutura global da personalidade destes alunos. Um outro pode ser muito responsável por sentir-se inseguro em agir contra as disposições gerais da escola. Os interesses, igualmente, variam com certas tendências de cada aluno e a atitude de receptividade ou agressividade resposta de insegurança do professor. E assim por diante.

58

Cf.: Planos de Aulas da Escola de Área de Barreiro, 1976.

A avaliação quantitativa recente-se das mesmas falhas ou ao menos muito parecidas. Em geral, as condições e desigualdades sócio-econômicas não são levadas em conta, porque o professor parte do princípio de que uma classe de alunos é bastante homogênea, uma vez que todos passaram de série. A saúde, o regime alimentar, o meio familiar e outras variáveis também atuam no processo de aprendizagem, e dificilmente, o professor poderá dar conta de todas as implicações que agem neste processo ensino-aprendizagem. A consciência dos limites da avaliação deveria ser o primeiro projeto de professor.

Além disso, se se comparar as relações técnicas ou instrumentos de aprendizagem utilizados pelo professor, na escola em estudo, com os mecanismos de controle da avaliação, notam-se algumas contradições. Assim, enquanto há um predomínio de relações técnicas permissivas, os mecanismos de controle de aprendizagem não dão margem a que o próprio sujeito do processo se auto-avalie. A ele caberia o primeiro direito de informar o professor sobre seus progressos, sua satisfação ou insatisfação, sua realização ou irrealização. Ainda, mais, os mecanismos de avaliação refletem a forma de controle do sistema escolar particular e global sobre a conduta dos indivíduos. As reformas de ensino que de quando em quando se sucedem, servem para reajustar a escola aos mecanismos de modernização da tecnologia na sociedade global. No Barreiro, por exemplo, a escola esteve estacionária durante toda a fase de subsistência e de policultura. Com a fase da modernização da lavoura, houve necessidade de mudanças, exigidas pelas próprias condições do meio social e a produção através da mecanização. A reforma do ensino: Lei 5692/71, em termos de país, não passa de tentativa de ajustamento às transformações sócio-econômicas da Formação Social.

### 2.5. Mecanismos de Formação escolar: os Símbolos

O uso de símbolos e as exigências de conduta que corresponde ao que os símbolos significam serve de guia na formação do caráter e da personalidade da criança. Os símbolos e comportamentos exigidos, conforme se lê nos planos dos professores de Barreiro, são os seguintes:

- "uso obrigatório de uniforme".
- "disciplina: entrada em silêncio, um atrás do outro".
- "na sala de aula, cada um deverá ter o seu lugar".
- "quando alguém quer falar, deve levantar a mão".
- "procurar manter a sala em ordem".
- "não sair da sala a todo o instante".

Essa orientação de comportamentos não deixa de ser uma forma de inculcar desde cedo na mente das crianças, a ordem, a disciplina de caráter, numa palavra, a gradativa estruturação da personalidade, segundo a ordem social estabelecida.

### 3. AS FUNÇÕES DO DIRETOR E AS RELAÇÕES COM OS DEMAIS AGENTES DIRETOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA, FUNCIONÁRIOS E ALUNOS

No artigo 5º do já citado Regimento das escolas primárias do Estado, estão previstos 31 itens que dão conta das funções do Diretor de escola. Esses itens orientam desde o uso das coisas materiais da escola, controle dos comportamentos dos professores, alunos, à orientação didático-pedagógica. Para a análise, ora em questão, o item da letra "e" do artigo 5º o seguinte:

"Ao Diretor compete: colaborar com os orientadores de educação primária no sentido de melhor ajustamento das técnicas educativas empregadas no estabelecido -

mento às exigências da aprendizagem, comprometendo -  
se com os mesmos na execução e controle das ativida-  
des previstas".<sup>59</sup>

Novos artigos 5º do Regimento observam-se duas coisas com  
plementares: uma prevê que o Diretor deve colaborar diretamente com  
os agentes da educação para prever técnicas adequadas à comunicação  
dos conteúdos programáticos; e a outra refere-se ao dever de contro-  
le da execução dessas mesmas técnicas que acima já foram discutidas,  
sob a denominação de "relações técnicas".

No ítem da letra "b" do mesmo artigo 5º lê-se que cabe ao  
diretor "superintender os trabalhos técnico-pedagógicos e técnicos a  
administrativos do estabelecimento".<sup>60</sup>

Este ítem diz respeito às funções que vão desde as ativi-  
dades pedagógicas às administrativas. Outros ítems especificam me  
lhor essa dupla função burocrática da prática e orientação pedagógi-  
ca e de administração de pessoal e das coisas materiais da escola .  
Ele é o legítimo representante das instâncias superiores e seu papel  
está diretamente ligado a uma função burocrática, portanto, direta -  
mente ligado à organização formal, baseada em critérios racionais-le  
gais. "A burocracia é uma estrutura grupal secundária, destinada  
a desempenhar certas atividades que não podem ser satisfatoriamente  
realizadas com base em critérios inerentes aos grupos primários".<sup>61</sup>

Como burocrata, suas relações seriam, basicamente, secun-  
dárias em relação aos demais membros que participam da vida escolar,

59

Rio Grande do Sul. Secretaria dos Negócios da Educação e Cultu-  
ra. Regimento dos Estatutos do Ensino Primário Oficiais do  
Estado. Porto Alegre, p. 12.

60

Idem, Ibidem, p. 11.

61

ARTON, Roberto K. In: PEREIRA, Luis. Op. Cit., p. 97.

Na realidade, existe uma certa discrepância entre as funções burocráticas prescritas no Regimento e as funções baseadas nas relações informais que acontecem na vida de um diretor com os outros membros da escola. A impessoalidade burocrata é quase inextinguível em qualquer organização formal. Ao menos não é possível que vigore somente a impessoalidade burocrática durante longo tempo de desempenho de funções numa instituição ou empresa.

Nas repetidas visitas às escolas de área de Barreiro observou-se que existem relações francas e espontâneas entre direção e professores, bem como entre estes e os alunos. Em entrevistas com professores e alunos, pode-se confirmar que o Diretor da Escola de Barreiro, permite certo espaço social para que todos, dentro da vida da escola, se "sintam como que em casa". Por conseguinte, há um esforço da parte da Direção para que o ambiente seja franco e o quanto mais comunitário possível. Aliás, Luis Pereira, em sua obra, faz esta constatação de âmbito mais geral da tendência da educação moderna:

"A pedagogia moderna valoriza positivamente as relações simpáticas entre os membros da escola, sobretudo entre os professores e alunos, chegando alguns sistemas pedagógicos a fazerem repousar a organização formal dos grupos de ensino na vida social espontânea das crianças".<sup>62</sup>

Parece que as características pessoais do Diretor facilitam essas relações simpáticas e primárias.<sup>63</sup> Pelo fato do Diretor ser filho daquela Invalidez, conhecedor direto da vida dos pais e das crianças que frequentam este estabelecimento de ensino, lhe dá mais espontaneidade de contatos. Tanto o Diretor, como os professores, afirmam que há alguns anos não se dão conflitos entre eles... O mesmo acontece entre Direção, professores e alunos.

Esta é a versão do Diretor da escola de Área de Barreiro. Contudo, uma professora informante diz que as coisas não se passam tão tranquilas assim. Diz ela que o Diretor dá liberdade aos professores e alunos porque ele mesmo é muito liberal consigo mesmo. Evita assim as críticas do seu professorado e dos alunos. Ele tem

63

Com base na obra citada de Luis Pereira, as relações primárias e simpáticas são tomadas como sinônimos.

A escola, à semelhança de outras empresas, possui uma organização formal e outra informal. A organização formal ou burocrática (...) "é uma estrutura grupal secundária, destinada a desempenhar certas atividades que não podem ser satisfatoriamente realizadas com base em critérios inerentes aos grupos primários. (...) As relações primárias, no interior de uma burocracia, constituem o que se costuma chamar de organização informal, em contraposição à organização formal, baseada em critérios racionais-legais".

Este critério de organização informal, transposto para as relações primárias de uma escola é entendido pela direção e corpo docente, em muitos casos, como soa esta frase a nível de propósito: "A disciplina nas escolas há de repousar essencialmente na afeição que diretor, professores e funcionários devem dedicar aos alunos de modo a serem estes dirigidos mais pelos conselhos e persuasão amistosos".

PEREIRA, Luis, Op. Cit., p. 97-98.

na direção da escola um bico, apenas. Passa pouco tempo na escola. No mais anda preocupado com mil coisas, além do cuidado com suas lavouras. A informante entende que é uma escola sem direção, sem orientação. Escola acéfala. Os serviços de secretaria cada professor tem que fazê-los, do contrário ficam para trás. Isto é conseqüência da Direção que não assume seu papel, e porque a escola não possui uma pessoa com a função de secretária. Segundo a informante, os pais não tem confiança no Diretor e por isso não colaboram.

Além disso, existe um descompasso duplo: há professores que são obrigados a sair antes do horário por causa da condução. O ônibus passa meia hora antes do término das aulas, o que obriga os professores abandonar as salas antes do tempo. Além disso, o ônibus passa uns mil e quinhentos metros distante da escola, obrigando as professoras a percorrer a pé essa distância. Apenas duas professoras dispõem de condução particular. E isto acarreta despesas de combustível e desgaste do carro, especialmente nos dias chuvosos. Outro aspecto do descompasso é a contínua mudança de professor. Poucas desejam ensinar nas unidades rurais, ganhando o mesmo ordenado daquelas que ficam na sede. Estas têm a vantagem da proximidade geográfica, do contato com o aluno por mais tempo. Aquelas professoras que residem na sede e vão para o meio rural, se obrigam a reduzir o tempo de contato com os alunos e os pais. Os pais reclamam da liberação dos alunos antes do término das aulas, mas as professoras não têm meio de fazer frente aos fatos. Por tudo isso e tal vez outros dados não identificados mostra que a situação da escola de área de Barreiro é precária. A direção e professoras têm problemas muito específicos e há dificuldades dos pais em dar acompanhamento ao estudo dos filhos.

Os alunos possuem um padrão bastante homogêneo de vida, uma vez que seus pais são minifundiários. Os vencimentos dos pro

fessores está condicionado à preparação didático-pedagógica de cada um. A única funcionária é mantida pelo Círculo de Pais e Mestres, que se reúne uma vez por mês, com a direção da escola para discutir problemas de melhorias em geral, das condições materiais da escola e compra de livros para a biblioteca. Por ser escola gratuita, os pais contribuem, espontaneamente, com o que podem.

4. A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES, A PERCEPÇÃO QUE ELES TÊM DOS ALUNOS, A PERCEPÇÃO QUE ESTES TÊM DAQUELES E DA DIREÇÃO E A PERCEPÇÃO QUE OS ALUNOS TÊM DO SEU FUTURO.

Em entrevistas com os professores pode-se observar que eles aplicam as relações técnicas como acima foram relacionadas, em seus planos de atividades. A atividade pedagógica procura ser centrada sobre o aluno, com variações entre as primeiras e outras séries de nível superior. Assim, da 4ª à 8ª séries há bastante estudo individualizado e atividades grupais, sob orientação do professor.

Segundo informações de professores, os alunos são muito motivados para o estudo. Uma razão dada é de que eles vem à escola livremente. A frequência dos alunos é alta, mesmo em dias de chuva. Os trabalhos de pesquisa feitos pelos alunos são considerados pelos professores de bom nível. Vão pesquisar nas bibliotecas da cidade, sempre que necessário. Os professores têm a preocupação de levar os alunos a perceber a face da zona urbana, enquanto procuram ajustá-los ao meio rural.

Numa sondagem feita na 7ª série sobre tendências profissionais, a professora constatou que apenas um entre 18 alunos pensa em ficar no meio rural. Eles aspiram cursar medicina, engenharia, direito. Quando são perguntados sobre as possibilidades, eles res

pondem que vão trabalhar durante o dia e vão estudar à noite. Em sua maioria, as condições dos pais não lhes permite nem cursar o 2º grau na cidade. Os pais não têm grandes motivações para que seus filhos continuem seus estudos. A eles interessa que saibam ler, escrever e calcular, como já se disse. Os pais, por vezes, acham que a escolarização do filho não tem grande proveito, porque não sabem calcular juros e taxas nos primeiros anos de escola. Quando, porém, dominam estes cálculos, os pais dão-se por felizes. Eles admiram, contudo, o largo conhecimento de informação que os filhos têm sobre assuntos gerais.

Em entrevistas com os alunos, pôde-se constatar e confirmar muitas dessas informações recebidas da direção e dos professores. Os alunos disseram que gostam de sua escola. São motivados ao estudo. Têm franqueza com os professores. Estes lhes dão muita liberdade para discussões, debates em grupo. Alguém disse, em nome de outros, que é "válido estudar com vistas ao futuro. Sem isto não podem escolher boa profissão". Realmente, foram confirmadas essas aspirações em relação às profissões de medicina e engenharia. Eles vêem nestas profissões um alto "status social", e garantia financeira. Outro disse que, ali entre eles, todos querem continuar estudar" para não ficar na lavoura, ser independentes, conseguir boa profissão, ter melhores condições de sobrevivência no futuro e ter bom nome". Contudo, a realidade material e social se encarregará de lhes mostrar quão ilusórias são essas aspirações.

##### 5. A ESCOLA DE ÁREA DE BARREIRO E A UMIT (Unidade Móvel de Iniciação ao Trabalho)

A partir de 1974, a Escola de Barreiro foi transformada em "Escola de Área". Significa que as demais escolas, dentro da área

de Barreiros, não tributárias, encaminhando seus alunos para a escola da sede de Barreiros, ao alcançar a 5ª série do 1º grau. E para despertar, motivar e identificar aptidões das crianças para o trabalho, o Estado e a Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, em convênio com as Secretarias Municipais de Cultura, instaurou em varias cidades do Estado, Caminhões-Escola com um instrumental humano e técnico para fazer uma iniciação ao trabalho ao nível do 1º grau. Este aparelhamento foi denominado de UMET. Historicamente, a UMET foi uma experiência feita pela secretaria municipal de Educação da cidade de Estrela (RS) e que foi depois absorvida pelo Estado do Rio Grande do Sul e difundida em oito municípios.

Antes de esclarecer os propósitos e atividades da UMET na Escola de Área de Barreiros, cumpre explicitar o "Currículo por Atividades" e o "Currículo por Área".

"A Lei nº 5.692/71 que previu uma escolarização de oito anos, não fixou as séries em que o currículo se organizaria predominantemente por uma ou outra das categorias curriculares. Diz que as atividades se destinam predominantemente às "séries iniciais", esclarecendo apenas que essas séries iniciais podem abranger de dois a cinco anos letivos. Diante disso, a Secretaria de Educação e Cultura do RS, em princípio, houve por bem considerar como séries iniciais" as três primeiras séries. Portanto, quando se fala em "currículo por atividades", está se falando em 1ª, 2ª e 3ª séries do ensino de 1º grau. Nessas séries, o ensino, essencialmente ocasional para o aluno - não para o professor que o planeja e tem definidos os objetivos que os alunos devem atingir - deve ensejar a que o "fazer" (a ação do aluno) "se ensine, aprenda e avalie no próprio fazer em períodos mais amplos e sem provas ou exames formais programados com muita regularidade".

(...) Pelas próprias características do currículo por atividades, já se antevê a necessidade de que o ensino seja programado em períodos flexíveis, para ensejar esse contínuo acompanhamento aos progressos

do aluno. O currículo por atividades caracteriza-se pela ênfase nas experiências de aprendizagem em situações concretas. Quer isto dizer que, para o aluno, os conteúdos aparecerão de maneira assistemática, porque irão surgindo à medida que a continuidade de das experiências os forem exigindo".<sup>64</sup>

Pelo que se pode perceber, o espírito do currículo por atividades está fundamentado no amadurecimento psicológico da criança, que percorre o caminho do concreto ao abstrato, em seu desenvolvimento intelectual. Razão porque, durante as três primeiras séries do Fundamental, o ensino deve ser oferecido do concreto, próximo, imediato, partindo das experiências colhidas em situações reais, para ascender ao nível cada vez mais complexo da abstração.

A metodologia decorrente dessa nova concepção requer que ela não seja sistemática, mas assistemática, pois não se pode exigir uma sistematização muito rígida em idade tão precoce. O aluno ensinado de modo assistemático, aos poucos, por força das experiências vividas irá sistematizando seu conhecimento por exigências do próprio desenvolvimento. O professor, porém, deverá sistematizar as situações-problema a fim de que propiciem ao aluno uma vivência com os fatos a serem testados, experimentados, induzidos e finalmente generalizados.

Os objetivos gerais que orientaram a ação pedagógica da SEC no Estado, em relação às três primeiras séries do Ensino Fundamental são:

- . Desenvolver a capacidade de integrar-se ao novo grupo social, aceitando normas que favoreçam a vida

64

harmoniosa do grupo, agindo cooperativamente e assumindo responsabilidades.

- . Desenvolver os hábitos e as habilidades fundamentais aos processos de análise e síntese presentes na leitura e na escrita.
- . Desenvolver a capacidade de observar os seres e os fenômenos do meio que o cerca e estabelecer relações entre eles.
- . Satisfazer sua permanente curiosidade pelo prazer na redescoberta, através do uso do método científico.
- . Comunicar-se com facilidade e eficiência adequadas à faixa etária e ao nível de escolaridade corrente e responder às duas primeiras séries, utilizando o vocabulário adquirido e ouvindo com atenção.
- . "Observar a beleza e a ordem da natureza, relacionando-as com a existência de um Ser-Supremo".<sup>65</sup>

Estes objetivos, estabelecidos a nível de propósito da parte dos encarregados oficiais do ensino e em seus trabalhos para orientar o ensino em geral e o 1º grau em particular, procuram dar uma série de sugestões a fim de que esses objetivos tenham condições de serem alcançados.

A partir da 4ª série do Fundamental, inicia-se o ensino por áreas. As Áreas básicas comuns são: Comunicação e Expressão; Estudos Sociais e Ciências. O objetivo mais geral do currículo de 1º Grau por Área é assim formulado pelo grupo que dirige a educação deste grau de instrução:

O aluno deve ser capaz de: dispor-se, participar, conviver, redescobrir, comunicar, criar, em todos os momentos do processo educativo pelo qual passa.

Em muitas escolas de 1º grau, além das três áreas acima mencionadas e obrigatórias, funciona uma área chamada de Área Diversificada. Esta compreende a formação ou encaminhamento para áreas técnicas: técnicas industriais, técnicas domésticas, técnicas agrícolas e técnicas comerciais. Estas áreas, no segundo grau encaminham diretamente para a profissionalização. Estas áreas técnicas ao nível do 1º grau para o meio rural em Ijuí estão a cargo e responsabilidade da já referida UMIT. Em todo o município a UMIT tem 18 escolas de Área para atender e orientar dentro de seus princípios. A escola de Área de Barreiro está incluída entre essas 18 escolas. A seguir será caracterizada a UMIT em seu instrumental humano, físico e atividades que ela vem desempenhando nas escolas rurais de Ijuí, e portanto também de Barreiro.

5.1. A UMIT Define-se como:<sup>66</sup>

- . Um recurso instrumental destinado a impulsionar o processo ensino-aprendizagem, especialmente, no meio rural;
- . Um recurso experimental, na dinamização, integração e complementação do currículo escolar, principalmente na área de Iniciação à Técnica;
- . Uma alternativa de solução à problemática do ensino de 1º Grau, no meio rural, assim configurada:
  - Carência de dependências ou de ambientes apropriados para atender qualitativa e quantitativamente a demanda escolarizável de 5ª à 8ª séries na parte de formação especial do currículo do ensino de 1º grau;

- Carência de equipamento mínimo essencial e material permanente para atender às exigências curriculares da Área de Iniciação à Técnica (parte diversificada do Currículo);
- Falta de professores especializados e técnicos habilitados para o exercício das funções específicas da área de Iniciação à Técnica;
- Ausência de laboratórios e bibliotecas nas escolas do meio rural.

Em face deste estado de fato da educação, sobretudo, para o meio rural, o empreendimento da UMIT constitui-se um organismo material e social que procura fazer frente às carências acima apontadas. E isso o faz através de:

## 5.2. Instrumental Físico

A unidade Nível de Iniciação ao Trabalho é constituída por um caminhão-escola equipado com: gabinete dupla; carroceria metálica; com prateleiras internas, onde fica o material de trabalho, compartimentos laterais externos e rampas, na área interior, para transportar equipamentos e materiais permanentes de Técnicas-Agrícolas, Técnicas Comerciais, Técnicas Industriais e Técnicas Domésticas montada sobre um chassi DODGE - 700, distância entre eixos alongada para 5,70 m com 80 cm, de acréscimo no comprimento total; e um reboque com dispositivo para engate, para transportar os implementos agrícolas.

O caminhão-escola da UMIT está aparelhado com o seguinte material de trabalho, ao alcance dos alunos e sob a direção dos professores:

Anemômetro,  
ancinhos,

aparelho de injeção e agulhas  
arado.  
bigorna.  
barômetro  
balde plástico  
banco duplo para carpinteiro  
cavadeira  
cavinete de enxertia  
colheres de transplante  
caixas para abelhas  
completas  
colher de pedreiro  
carreta  
destorcedor para desdobrar madeira  
grossa  
enxadas  
esmeril manual com bancada  
enxós  
enxadas rotativas  
foice de mato  
facões  
fumegador  
forja  
gadanho  
higrômetro  
jogo de tenazes para ferreiro  
jogo de marretas para ferreiro  
jogo de talhadeiras para ferreiro  
kit para determinar a reação do solo  
vários tipos de limas,  
machadinhas,  
máscara para apicultor  
martelo para pedreiro  
metro (zigue-zague)  
mini-trator  
moto-serra  
machados  
maçarico  
nível de pedreiro (bola)  
vários tipos de pás de corte com cabo  
pás de concha (de bico)  
pulverizador costal não motorizado  
polvilhadeira costal  
prumo para pedreiro  
picadeira  
pulviômetro  
pedras de afiação  
regadores plásticos  
semeadeiras adubadeiras  
sachos  
serrotes (poda)  
tipos diversos de tesouras para poda,  
termômetro clínico  
trena de 25 metros  
unhas escavificadoras  
amperímetro AC  
acoplamento serra circular  
acoplamento torno  
almotolia com bomba

arco de pua com catraca  
arco para serra metal  
vários modelos de alicantes  
aparelho de soldar serrafita  
banco de marceneiro duplo com 4  
prensas de 1,60 x 0,80 x 0,80  
canivete para eletricista  
calibrador para fios  
chaves de fenda de vários tipos  
chaves Philips  
chave inglesa bico de papagaio  
em vários tamanhos  
calibrador para fleiras de arame  
compasso de ponta seca  
compasso de medidas internas  
compasso medidas externas  
calibrador de lâminas em milímetros  
calibrador de lâminas em polegadas  
carregador de baterias  
densímetro para baterias  
escovas de aço para limas  
escareador para madeira  
vários tipos de esquadros  
esmeril com ponta dupla  
ferro de soldar  
furadeira manual  
furadeira elétrica portátil  
e outros modelos  
grosa meia cana em diversos  
formatos  
granpo "C" com abertura de 100 ms  
jogo de brocas de aço carbono  
em vários tamanhos  
jogo de ferros de pua  
graminho de metal com haste du  
pla  
jogo de verrumas  
jogo de chaves de boca  
jogo de chaves estrela  
jogo de soquetes  
jogo de chaves Allan  
jogo de machos e terrachas  
Whitworth  
jogo de formão reto de entalhar  
jogo de chaves de boca  
jogo de goivas  
jogo de formão para torneiar  
Kit 2 velocidades  
lâmpada teste de gás neon  
lâmina de serra de aço carbono  
de 12 e outras  
lubrificador manual para graxas  
com bombas  
lima bastarda chata e outros mo  
delos  
lixadeira orbital  
martelo de pena de 200 gr. e  
outros mais pesados  
martelos de bola  
martelo de unha  
macete de madeira  
mesa portátil  
mesa de ferro  
óculos protetores com lentes  
transparentes

paquímetro	ferro para passar roupa
plaina manual	mesa para passar roupa
riscador de ponta dupla	abridor de garrafa
régua metálica para retificador	abridor de latas
pedra esmeril	açucarreiro
repuxo	assadeira de alumínio
serra circular	bacia de plástico
serrote comum	batedeira
serrote de costa	batedor de carne
serrote de ponta	batedor de ovos
suporte para furadeira	bule de alumínio
suta com cabo de plástico	cafeteira grande
torno de bancada giratória	caneca de alumínio
tesoura reta	centrífuga
travadeira para serrote tipo alicate	chaleira de alumínio
travadeira para serra circular	colher de açucareiro inox
transferidor de aço com haste móvel	colher para sobremesa
torquez	colher para sopa
extintores de incêndio	concha (sopa) inox
diamante para cortar vidro	copo para água
pá de cabra	descanso para prato
prensa	tamanhos diversos
jogo de tarrachas para canos de ferro	desencaroçador de azeitona de alumínio
e canos plásticos	escumadeira inox
seringa	esponja plástica para limpeza
bolsa de gelo	faca almoço inox
pinça	faca cozinha
estojo para curativos	fogão quatro bocas com ligação para gás
conta gotas clínico	forma pirex redonda
transformador para solda elétrica	forma refratária quadrada
grupo gerador a gasolina trifásico	

forma para torta de alumínio	colorex
forminhas empadas	babador (puericultra)
fritadeira inox	banheira de plástico
garrafa para água	bebê de plástico
jogo recipientes para alimentos	cama para bebê
lidificador	camiseta
máquina para moer carne	camisinha
máquina para espichar e cortar	carro para bebê
talharim	casaquinho de lã
garfo para almoço inox	chale de lã para enrolar bebê
jarra para água de vidro	cobertor
panela de pressão	colcha
panelas de alumínio diversos tama- nhos	cueiro
peneira de arame	faixa de umbigo
tela grossa	fraldas
prato para bolo	fronha
prato para almoço (sopa)	lençol para cama de bebê
refrigerador pequeno	mamadeira pirex com bico
balcão de cozinha	manguito
copos de alumínio	recipiente para talco
conjunto facas para cozinha	sabonete
ralador	sapatinho de lã
saleiro plástico	sabonete infantil
secador de pratos	termômetro para banho
sopeira colorex	travesseiro para bebê
tábua para carne	toalha para banho
tijelas colorex	talco infantil
travessa colorex	agulha crochê
toalha para mesa	agulha estofaria
vidro para especiaria	bastidor para bordado
xícara café	bastidor para tecelagem manual
	carretilha para macacão

alça para roupas	perfurador
quadro para corte	ácido clorídico
agulha para tapeçaria	água oxigenada
jogo cortadores de flores	álcool absoluto
jogo de prensas para flores	alumínio em pó
máquina de costura portátil	balança
regua para corte de madeira	barômetro
tesoura pequena	benzina
tesoura fina	bicarbonato de sódio
tesoura para picotar	bico de Bunsen
alicate para cutículas	simples
alicate para unhas	naciona
"Bris"	bisturi completo
lâmina asséptica para pedicure	botijão de gás "liquinho"
unquinho para pedicure	bússola
tesoura para corte de cabelo	cadinho
alcanço para pés para pedicure	caixa de lâmina para microscópio
tesoura para pentear	
unquinho pequeno	calorimetro de Bunsen
tesouros	canos de plástico
tesouros de barbeiro	chave de fenda
tesouros para instituto de beleza	coleção de fósseis
retetor para orelhas	coleção de minerais
retetorizador laquê	coleção de rochas
tesoura secagem cabelos	colherinhas para chá
retetor de cabelos	copos de alumínio e vidro
tesoura barbeiro	conta gotas de potássio
tesouros	cristalizador
retetorizador de álcool	cuba de vidro
retetorizador	diapasão
retetorizador de microscópio	diariz Newton
retetorizador de cortar	dispositivos metálicos para se

gurar tubos de ensaio  
enxofre em pó  
formol  
fresco do corante  
imã  
jogo de furadores de orelhas  
jogo de pesos  
lupa  
microscópio  
panela de alumínio  
pipeta grande  
diversos modelos de pinças  
pinçak  
placa de Petry  
prisma óptico  
proveta  
retorta de vidro  
sacarrolha  
mercúrio  
nitrato de prata  
papel de filtro  
papel de tronassol  
serpentina  
suporte metálico  
tripê de ferro  
válvula para instalar gás  
laboratório de ciências físicas e  
biológicas  
equipamento didático dessas ciências  
gravador phillips  
máquina fotográfica  
projetores de dispositivos  
projektor  
projektor sonoro  
projetores de filmes  
tela de projeção  
toca-fitas  
cortinas pretas  
existem dez filmes sobre assuntos diversos, como matemática, fotossíntese

Há também sete filmes sobre higiene, bactérias, etc.. Dez filmes são sobre geografia física, três sobre eletricidade, mais vinte filmes sobre temas diversos, como nascimento humano, floração, etc. Há três filmes sobre técnicas domésticas, oito sobre artes, sete sobre educação física, seis sobre ciências; há 31 conjuntos de SLIDES sobre temas diversos, como flores, geografia, introdução à química, anatomia e fisiologia humana etc., e há vinte e oito conjuntos de SLIDES sobre livros com conteúdos diversos.

### 5.3. Os Objetivos da UMIT

Sendo a UMIT um órgão de prestação de serviços às Unidades Escolares e respectivas comunidades em termos de equipamento e recursos humanos, espera-se que ela possibilite atender um maior número de Unidades Escolares para o meio rural e da sede dos municípios mais carentes de recursos instrumentais e humanos, para favorecer:

- o alcance do objetivo de sondagem de aptidões e iniciação ao trabalho, do ensino de 1º grau;
- o atendimento prioritário às duas últimas séries existentes na Unidade Escolar atendida pela UMIT (5ª, 6ª ou 7ª e 8ª);
- o alcance do objetivo de qualificação para o trabalho relativamente ao Ensino Supletivo;
- um mais adequado desenvolvimento do currículo no que se refere também ao Núcleo Comum;
- o aspecto de integração da comunidade com a Unidade Escolar no processo educacional;
- orientação das horas de lazer;
- o aspecto de valorização do trabalho, para o meio rural;

como recurso de obtenção de melhores condições de vida.

Para implantar esses objetivos a UMIT articula-se com os órgãos do sistema estadual de ensino: Secretaria de Educação e Cultura, delegacias de educação, prefeituras municipais, unidades escolares e a comunidade. Isto mostra uma organização completa, em termos, não somente de material como o acima descrito, mas ainda de vínculos entre as diversas instâncias de funcionamento da UMIT.

Além disso, a UMIT prevê, através de seus órgãos competentes, como prover os recursos humanos, a equipe de execução, as funções de cada participante, do supervisor, a carga horária, as responsabilidades das prefeituras municipais, da comunidade onde funciona a escola de Área atendida pela UMIT, as formas de atendimento, equipes de trabalho.

#### 5.4. A Organização da Equipe da UMIT de Ijuí

Esta equipe é constituída de dois grupos: A: monitor-motorista, professor de Técnicas Agrícolas, professor de Técnicas Domésticas, professor de Técnicas Comerciais, professor de Técnicas Industriais e um Supervisor. O Grupo B possui a mesma estrutura, apenas com outras pessoas. No total a equipe da UMIT se compõe de 12 membros. No ano passado, enquanto uma equipe estava no trabalho junto a uma escola, a outra equipe ficava planejando as atividades para sair para a próxima escola de área. Cada escola de área era, no ano passado, visitada durante três dias por mês. Neste ano, 1976, as duas equipes vão no local da escola de área com o caminhão-escola e ali, enquanto uma equipe dá as aulas teóricas e práticas, a outra planeja as suas atividades para outro encontro. Neste ano, o rodízio para as escolas do meio rural é feito duas vezes por ano: uma em cada semestre, mas com duração de uma semana inteira em cada comu

situação escolar. Durante a semana são ministradas aulas teóricas e práticas visando aos alunos trabalhar, o quanto possível com o vasto material existente na Unidade Móvel: caminhão-escola.

### 5.5. Os Objetivos Gerais e Específicos da UMIT de Ijuí

#### Gerais:

- Sondagem de aptidões e iniciação para o trabalho;
- Integração Escola Comunidade;
- Iniciação à Técnica nos quatro campos;
- Valorização do trabalho no meio rural.

#### Específicos:

##### Técnicas Agrícolas

- Conscientizar alunos e pais da importância do uso de técnicas adequadas para o maior rendimento da agricultura ( rotação de culturas, adubação química e orgânica, uso adequado de corretivos, adubos, inseticidas e herbicidas, combate à erosão, etc);
- Esclarecê-los sobre todas as culturas regionais, oportunizando-lhes um melhor aproveitamento dos elementos nutritivos do solo, através de uma acertada rotação, evitando os prejuízos causados pela monocultura.

##### Técnicas Comerciais:

- Pôr os alunos em contato com o comércio, instrumentando-os, através de vivências em sala de aula, capacitando-os a enfrentar as mais diferentes situações reais que se lhes apresentem;

- Oportunizar-lhes a prática com máquinas de escrever, somar e calcular, bem como todos os materiais existentes nos escritó - rios;

- Conscientizá-los dos principais documentos comerciais existentes e das principais leis de âmbito comercial.

#### Técnicas Domésticas:

- Conscientizar os alunos sobre o valor nutritivo dos alimentos, para que saibam empregá-los adequadamente em suas refeições.

- Oportunizar-lhes a prática de corte e costura, trabalhos manuais e decoração para auxílio ao melhoramento do lar.

#### Técnicas Industriais:

- Desenvolver nos alunos a habilidade manual e a criatividade através da confecção de trabalhos em madeira;

- Oportunizar-lhes treinamento em ligações elétricas e consertos de aparelhos eletrodomésticos;

- Esclarecê-los sobre cuidados necessários à conservação e uso do material, levando-os à prática desses cuidados. <sup>67</sup>

#### 5.6. Conteúdos Programáticos da UMIT para o Ano de 1976

A síntese desses conteúdos mostra as preocupações que a UMIT tem em relação à preparação profissional dos alunos em zona de agricultura:

Técnicas Agrícolas: Entomologia: estudos dos insetos e sua classificação. Entomologia aplicada: prejuízos dos insetos às lavouras. Defensivos agrícolas: composição e uso correto dos

defensivos. Os herbicidas: as ervas daninhas e maneiras de combatê-las e aplicação dos herbicidas. Os Inseticidas: tipos e modos de emprego; os cuidados no seu uso. Introdução ao estudo das rochas, minerais e fósseis. Acidez do solo, calagem, rotação de culturas, cultura do trigo, cultura da soja, cultura de hortaliças.

Técnicas Comerciais: Necessidades humanas. Bens e serviços. Título de crédito, recibo, notas promissórias, cheque e recibo, instituições de crédito. Os bancos e sua importância econômica: origem e classificação. Compra e venda. Empresas. Impostos. Mèda. Escritório. Noções de contabilidade: arquivo, declaração de rendimentos. Contabilidade rural, e doméstica. Guia do Produtor rural. Transportes.

Técnicas Domésticas: Nutrição: princípios nutritivos; ro da dos alimentos: grupo do leite e derivados e grupo da carne e derivados. Grupo das frutas e hortaliças; sais minerais e vitaminas; grupo dos cereais. Forma de aproveitamento dos alimentos; conservação dos alimentos; planejamento das refeições; preparo de alimentos ricos em proteínas. Higiene e saúde. Vestuário. Administração do lar. Puericultura.

Técnicas Industriais: madeira: classificação; estrutura; trabalho da madeira, corte das árvores; secagem da madeira; doenças e defeitos; tratamento. Trabalhos práticos em madeira. Noções de Mecânica. Noções de eletricidade.<sup>68</sup>

Segundo se pode observar nas aulas da UMIT de Barreiro, são elas conduzidas em duas direções complementares: aulas teóricas e aulas práticas. As próprias aulas práticas requerem a presença contínua do professor, pois os aspectos teóricos são novamente recordados durante a sua aplicação. Este processo facilita a assimila-

68

Fonte: Conteúdos Programáticos da UMIT, 1976 - Ijuí.

lação por parte do aluno, uma vez que ele executa uma prática: conjuga a teoria a uma prática efetiva, sendo que esta prática força a mudança da posição teórica, quando necessário, ou facilita a incorporação da teoria. Pela síntese dos objetivos e dos conteúdos programáticos pode-se perceber que a UMIT consegue efetuar um trabalho que atende às necessidades das escolas do meio rural, uma vez que são carentes de inúmeras possibilidades materiais e de recursos humanos. Isto permite apontar, agora, as vantagens e as dificuldades porque a UMIT de Ijuí já tem passado.

### 3.7. Vantagens da UMIT e Dificuldades da Equipe de Ijuí

Os professores que trabalham com a UMIT são especialmente preparados para atuar no meio rural. Na entrevista feita com cada um dos professores da UMIT de Ijuí, percebe-se que, segundo eles, há uma vantagem de material, pois um caminhão-escola bem aparelhado pode servir a todas as comunidades escolares do município. Seria totalmente inviável, segundo eles, aparelhar as escolas de todo esse instrumental didático e de manuseio. Além disso, para eles, é uma oportunidade para esclarecer aos alunos sobre realidades vitais em que eles estão imersos, como se pode ver nos objetivos e conteúdos programáticos. Há possibilidades da equipe fazer reuniões com os próprios pais dos alunos e oferecer-lhes algumas bases do que os próprios filhos aprendem com a UMIT. Assim se estabelece uma integração de propósitos e de experiência que abrangem a comunidade toda. Os professores são unânimes em afirmar que para eles é uma forma excelente de contato com a comunidade rural. Eles podem sentir e vivenciar a vida, as formas de expressão cultural, os pontos de vista, as experiências dos agricultores e dos filhos dos agricultores. Essse contato com os agricultores, no ano passado, era facilitado por que a equipe toda se hospedava em casas diversas dos próprios agricultores que eram atendidos nos três dias do mês. Faziam as refeiti

ções também nas residências deles. Este processo lhes favorecia os contatos. Este ano, a equipe não pousa nas casas dos agricultores, mas continuam fazendo as refeições junto àquelas famílias. Mas o principal contato com eles é feito através de encontros com os pais dos alunos para discutir problemas que afetam e também para a orientação dos pais sobre assuntos diversos.

Na opinião dos professores da UMIT, é uma forma de descobrir as habilidades, tendências e aptidões das crianças desde o 1º grau, o que facilitaria o encaminhamento posterior, quanto à profissionalização. Para isso, os professores da UMIT são obrigados a fazer ficha de cada aluno com relatório minucioso sobre cada um deles. Isto, segundo eles, serviria para auxiliar o aluno à sua escolha profissional.

A equipe de Ijuí, como todo grupo humano teve suas peculiaridades. Assim, eles mesmo relatam que no primeiro ano de trabalho com a UMIT, 1974, a equipe não estava entrosada entre si e nem muito bem com o tipo de atividades que deveria desenvolver. A hierarquia interna estabelecida pelas instâncias superiores é muito rígida. Assim que a supervisora da equipe, diz ter sentido obstáculos no entrosamento com os demais membros porque o esquema de ação e controle que ela era obrigada a desenvolver fazia dela e sua função um elemento indesejado. Por sua vez, o motorista-monitor que tinha a função de auxiliar a equipe dos professores com o manuseio das máquinas, mais pesadas, muitas vezes, desmontava peças de máquinas e a pretexto de estarem com defeito voltava com o caminhão até a sede, onde ficava o dia todo.

Outro obstáculo consiste no fato de que o aluno aprende manejar instrumentos de trabalho, bem como a arte de criar outros, mas quando o instrumental da UMIT se afasta, eles ficam sem instrumentos e mesmo sem matéria prima para dar continuidade ao que aprendem.

deram. A UMIT, além dos instrumentos de trabalho fornece o material sobre que se trabalha. Os alunos do meio rural, não dispõem desse material, e nos dias de hoje, nem sequer de madeiras para com elas fabricar artefactos que aprenderam a construir.

Além das metas já apontadas nos objetivos acima, a UMIT visa reter o filho de agricultor no meio rural. No entanto, tanto os professores, como um levantamento entre os alunos da última série da Escola de Área de Barreiro, revelou que a meta deles não é fixar-se no meio rural. Em entrevista com esses alunos, pôde-se saber que eles pretendem seguir os estudos do 2º grau na zona urbana. O farão mesmo que tenham que trabalhar durante o dia e estudar à noite, segundo eles. Eles alegam que seus pais não têm terras para continuarem na vida da agricultura.

De resto, os alunos gostam muito dos trabalhos da UMIT, principalmente porque é um trabalho prático e uma semana diferente das demais.

## QUINTA UNIDADE

### O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO PERMANENTE A SERVIÇO DAS TRANSFORMAÇÕES DE BARREIRO

Na unidade anterior, teve-se a preocupação de situar a escola dentro de um contexto do desenvolvimento econômico da agricultura da região e de Barreiro, segundo suas fases evolutivas. O próprio aparecimento da área técnica: técnicas domésticas, agrícolas, industriais e comerciais, ministradas pela UMIT para o meio rural, é indicativo das exigências da modernização da agricultura. Não fosse isso, não faria sentido e não haveria condições sócio-culturais para sua introdução, ao menos nas escolas do meio rural, como é o caso de Barreiro.

O mesmo se pode dizer do surgimento do Movimento Comunitário de Base (MCB) que nasceu como um movimento de mobilização popular para cada bairro procurar a solução de seus próprios problemas, sob orientação da Faculdade de Filosofia local. Este movimento não teria tido condições psico-sociais e econômicas se tivesse sido projetado em outros tempos em que as forças de trabalho não estavam em face de percalços para seu desenvolvimento mais completo.

Por isto, esta unidade destina-se à análise das circunstâncias históricas que fizeram nascer o "Movimento Comunitário de Base" em Ijuí; o Instituto de Educação Permanente (IEP); o Instituto de Educação de Base (IEB), como instrumentos de ação do Movimento Comunitário de Base (MCB): suas finalidades, objetivos e metas; realizações; impasses e alternativas; a atuação deste movimento comunitário junto à população de Barreiro.

Na primeira unidade já se caracterizou esta região do no roeste do Estado, do ponto de vista sócio-econômico. Cabe agora reassumir uns poucos dados para caracterizar as circunstâncias históricas desta região, que era criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí (FAFI), então mantida pela "Sociedade Literária São Boaventura" dos Padres Capuchinhos, com sede em Caxias do Sul (RS) e posteriormente, o Movimento Comunitário de Base, o qual serviria de campo da prática pedagógica da Faculdade, de um lado, e de uma forma intencional de provocar mudança social, de outro.

Ijuí, ocupado pelos movimentos migratórios internos do fim do século XIX, cresceu bastante rapidamente em população, produção artesanal e agrícola. Contudo, seu desenvolvimento sócio-econômico não foi homogêneo. Houve períodos de maior desenvolvimento, e outros de decadência, como já foi assinalado na primeira unidade desta dissertação.

Por volta de 1950, as terras estavam cansadas, a praga da formiga dizimava as culturas. O artesanato de produção de bens industrializados esmorecia face à crescente importação de objetos industrializados de centros mais desenvolvidos do país. O artesanato de produção e transformação de produtos agrícolas, especialmente erva-mate, e a fabricação de cachaça, aos poucos teve que deixar apodrecer as suas instalações e substituir as plantas de cana-de-açúcar e erva-mate, pela planta de trigo. Esgotadas as possibilidades das culturas tradicionais, aos agricultores não restava outra alternativa senão entrar para a produção de trigo e soja, uma vez que para essas culturas havia financiamento dos bancos e incentivo governamental.

É em 1957 que um grupo de granjeiros funda a Cooperativa Tritícola Serrana hoje "COTRIJUÍ", motivados pelos incentivos governamentais para a produção de trigo, visando a auto-suficiência no

abastecimento interno. Em 1962 os minifundiários são convidados a participar da Cooperativa, através de um largo processo de mobilização e consciência realizado pelo MCB de Ijuí.

É dentro deste contexto sócio-econômico de Ijuí, que a FAFI é criada (1956), iniciando suas atividades em 1957. De um lado havia terras cansadas e as forças produtivas urbanas e rurais estagnavam e, de outro, o começo da reabilitação dessas forças produtivas pela mecanização da lavoura.

A FAFI, inicialmente, abriu os cursos de Filosofia e Fedagogia. A orientação Geral da Filosofia pautava-se pelo Tomismo. No meio religioso de Ijuí, os credos católicos e protestantes alimentavam antagonismos. O espaço social da Faculdade seria considerado, aparentemente, um espaço neutro, onde os grupos de credos contrários poderiam defrontar-se... Em muitos casos, estes confrontos eram desiguais porque a orientação da Instituição Acadêmica era feita por religiosos da Igreja Católica. Contudo, estas diferenças, aos poucos foram sendo superadas, uma vez que, esta Instituição de ensino superior procurava orientar-se pela idéia original que havia determinado sua criação: um centro de ensino aberto aos valores da época e capaz de instrumentalizar o município e a região noroeste do Estado para as tarefas de seu desenvolvimento.

Desde sua criação, a Faculdade procurou integrar-se na região, habilitando professores para o ensino médio; promovendo cursos de extensão universitária, cursos populares, palestras, reuniões, encontros e seminários, programas radiofônicos, atingindo a imprensa falada e escrita. Estes eram instrumentos de uma presença ativa na região.<sup>69</sup>

69

GRZYBOWSKI, Cândido. Estudo de Participação em Grupos de Existência de Educação Comunitária de Ijuí-RS - Brasil. Ijuí, FIDENE, 1973, p. 76.

Na preocupação constante de buscar novos instrumentos de integração e ação e em força das novas idéias em debate no país, em março de 1961, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí, cria quatro centros de estudos e pesquisas: Centro de Estudos e Pesquisas Psicológicas, Centro de Estudos e Pesquisas Filosóficas, Centro de Estudos e Pesquisas Sociais e Centro de Estudos Teológicos. Os centros congregavam professores, alunos, ex-alunos e elementos estranhos à Faculdade. "Os centros tinham por finalidade a organização de Ciências afins, o Ensino e a Pesquisa. Desde sua implantação, os centros criaram equipes volantes de professores para promover cursos em Ijuí e na região".<sup>70</sup>

Estes centros tinham como objetivos principais;

- "Desenvolver e fundamentar a consciência comunitária;
- "Recolher e difundir o patrimônio Cultural dos antepasados".<sup>71</sup>

Os Centros de Estudos e Pesquisas polarizavam as discussões acadêmicas e transformavam-se em "práxis" junto ao meio extraescolar. O pensamento acadêmico, fundado na filosofia tradicional, aos poucos, perdia vitalidade e era substituído pela reflexão sobre a existência, tendo como ponto de referência, a filosofia existencialista: o homem concreto, situado e historicamente datado, vivendo condições sócio-econômicas peculiares.

Enquanto isso, durante os anos sessenta, os trabalhadores da lavoura e dos pequenos negócios procuravam reorganizar sua e

70

Idem, Ibidem, p. 76.

71

Idem, Ibidem, p. 76.

onomia, nesta região, como de resto, acontecia em todo o Estado do Rio Grande do Sul. Diante disso, os quatro Centros de Estudos e Pesquisas criados pela Faculdade de Filosofia, mais do que nunca, procuravam estar atentos à realidade que fluía da vida do povo.

O Centro de Estudos e Pesquisas Sociais levou a efeito diversos programas como: "Nossas Coisas e Nossa Gente", programa radiofônico de emissora local, com transmissões semanais. O programa foi levado ao ar de abril de 1961 a meados de novembro de 1962, versando sobre a história do Rio Grande do Sul e de Ijuí. O mesmo Centro iniciou um curso popular denominado: "A Integração na Comunidade e Marginalidade Cultural", do qual participaram professores, profissionais liberais, homens de empresa e operários.<sup>72</sup> Ao final do curso, os participantes rejeitaram a proposta da mesa de fundar uma entidade formal com estatutos e diretoria. O grupo sentiu que não valia apenas transplantar modelos, talvez bem sucedidos em outros contextos culturais.

"Fazia-se mister criar formas adequadas ao meio em que se iria atuar, formas originais que brotassem paulatinamente da experiência, como a construção da própria vida. Nada de soluções pré-fabricadas, portanto. Nada de esquemas fixos ou de sistematizações apressadas".<sup>73</sup>

Ainda no ano de 1961, o Centro de Estudos e Pesquisas realizou duas pesquisas: "Condições Sócio-Econômicas da Empregada Doméstica" e "Mentalidade Educacional da Família". Em 26 de maio de 1961 criou o "Museu Antropológico Diretor Pestana", com a finalidade de coletar objetos relacionados com a história de Ijuí e com a cultura

72

Idem, *Ibidem*, p. 77.

73

MARQUES, M. Osório & BRUN, Argemiro Jacob. Uma Comunidade em Busca de seu Caminho. Porto Alegre, Sulina, 1972, p. 9.

tura e costumes de seus habitantes. Hoje, o museu comporta três secções distintas: a do indígena que precedeu o imigrante nesta região; a do indígena atual, e do imigrante europeu e colonizadores da região.

O Centro de Estudos e Pesquisas Sociais, então, tinha duas finalidades básicas: internamente, realizar a organização departamental das ciências sociais; e externamente, vincular-se às exigências concretas da região, onde os princípios de Desenvolvimento e Organização de Comunidades poderiam ser aplicados. As preocupações constantes voltavam-se para os problemas sociais de produção que, naquela conjuntura, vinham redefinindo-se de uma lavoura tradicional para uma lavoura modernizada.

Passados poucos meses, a equipe do Centro de Estudos e os que haviam participado de cursos, sentiram a necessidade de convocar todo o povo "... a um trabalho conjunto, consciente e corajoso, diversificado e orgânico"<sup>74</sup> visando atender às necessidades concretas que afloravam da mobilidade das forças de trabalho. Surgiu então, o "Movimento Comunitário de Base", propriamente dito, o qual convocou a Primeira Assembléia Geral em 22 de agosto de 1961.

O Movimento definia o sentido comunitário como:

- "Consciência da comunidade, ou percepção - cognoscitiva e emocional - da própria pessoa e de todas as outras que formam o grupo (dos interesses e valores culturais de todos) como uma unidade (unidade e identificação: nós, nosso);
- "Consciência de uma missão a cumprir dentro da comunidade, missão própria, intransferível: o indivíduo percebe que não é um ser inútil, pode e deve algo fazer, é solidário, co-responsável do todo social;

74

Idem, Ibidem, p. 10.

- "Consciência ao depender da comunidade: o indivíduo percebe que dela necessita. Sem ela nada poderá fazer. É seu refúgio e segurança".<sup>75</sup>

Desde a realização dos primeiros cursos no meio urbano, os mentores do Movimento Comunitário tiveram a preocupação com uma grande maioria de trabalhadores urbanos que sofriam da "marginalidade e da demora cultural". A marginalidade cultural foi definida como: "Conflito mental originado pela posição dúbia do indivíduo entre o grupo ou cultura diversa, não se integrando em nenhuma delas",<sup>76</sup> pois, nesta conjuntura a mobilidade social determinava o crescente êxodo rural para a zona urbana e, consequentemente a migração para as fábricas e o setor terciário, por indivíduos profissionalmente despreparados.

A força do Movimento Comunitário assentava sobre o processo social e o não estabelecimento de objetivos pré-fixados. Não existia um plano acabado, ao qual devesse seguir à risca. Orientava-se por uma direção, um sentido geral da vida. A própria comunidade envolvida selecionaria os planos sucessivos e complementares a serem seguidos. Os objetivos, a previsão das etapas a serem percorridas, as causas e os efeitos das mudanças a serem introduzidas, tudo, enfim, seguiria a própria dinâmica social em andamento.<sup>77</sup>

Nesta fase, o Movimento todo era marcado pela Equipe Central. "É ela, principalmente, que representa e expressa a idéia, e a continuidade. Dá solidez e segurança ao Movimento. Dá-lhe,

75  
Idem, Ibidem, p. 8.

76  
Idem, Ibidem, p. 8.

77  
Idem, Ibidem, p. 9.

também, unidade na diversidade. É grupo de estudo, análise e crítica constante de tudo o que se faz ou pensa fazer".<sup>78</sup>

Ainda em sua fase inicial, o Movimento Comunitário foi estendido ao meio rural, em 1962. Para manter o Movimento vivo e atuante, foram criados alguns instrumentos: dois programas radiofônicos nas emissoras locais, onde os próprios agricultores participavam. Por meio destes programas, divulgavam-se as idéias e o espírito do Movimento, concitava-se a classe dos agricultores a unir-se para resolver seus próprios problemas. Um primeiro empreendimento consistiu na Campanha de Combate à Formiga, que dizimava 30% das colheitas.<sup>79</sup> Outro instrumento criado foi o "Comunitário", suplemento quinzenal do Correio Serrano de Ijuí, cuja primeira edição saiu em setembro de 1962. Pelo Comunitário divulgam-se notícias de todos os setores e experiências; e incutia-se a formação de uma consciência comunitária. "O Comunitário foi o órgão de defesa dos interesses dos moradores de bairro, minifundiários e parceiros".<sup>80</sup>

Ainda neste período inicial, surgem espontaneamente os Clubes Infantis. Era uma iniciativa das próprias crianças, como reflexo do que viam os adultos fazerem. Elas quiseram organizar-se, pois tinham problemas e interesses comuns. Cada Clube tinha sua própria organização, suas finalidades e atividades variadas.<sup>81</sup>

O Movimento Comunitário, no afã de atingir as categorias sociais, e profissionais, e, na falta de delimitação de objetivos, por vezes, via-se confuso em meio à larga mobilização que conseguiu -

78

GRZYBOWSKI, Cândido. Op. Cit., p. 81.

80

Idem, Ibidem, p. 81.

81

Idem, Ibidem, p. 80.

ra em seus dois primeiros anos de existência. Por isso, em 1962, ao terminar seu segundo ano de vida, o Movimento revizava-se e procura estabelecer princípios gerais, flexíveis, técnicas, diretrizes que orientassem a "práxis" dos anos seguintes.

Os princípios, então estabelecidos, foram:

- 1º - "A pessoa humana: como valor, como dignidade, como excelência. Todo homem vale por si mesmo. Possui finalidade própria, distinta, separada, autônoma. Não o homem-em-geral. Mas o homem em concreto: o Paulo, o João, a Maria. Cada qual vale, sozinho, o mundo inteiro.
- 2º - "A pessoa humana: como capacidade de ação própria, inteligente e livre. Capacidade de iniciativa. O homem não é um ser em série. Cada qual necessita viver sua vida. Sem repetir. Sem copiar. Faz parte do homem criar coisas novas, idear, planejar, empenhar a própria responsabilidade, aperfeiçoar-se, aperfeiçoando o mundo.
- 3º - "A pessoa humana: como ser-que-se-relaciona, ser que se firma com inteligência e liberdade frente a outro ser igualmente inteligente e livre. O CONVÍVIO É O CLIMA DO HOMEM. Isolado pereceria. Juntos, pela co-responsabilidade nas tarefas comuns, o homem se humaniza, faz a história, cria a cultura, constrói as civilizações.
- 4º - "A obra, porém, não pode ser mais do que o autor. A civilização não pode sobrejugar o homem, ou reduzi-lo à categoria de instrumento. Todo homem necessita ter vida e consciência de pertencer a uma comunidade, de estar entre outros, como parte viva, atuante, significativa: a) a consciência de uma missão própria, inconfundível, intransferível; b) a consciência de estar construindo a si mesmo, ao construir o mundo".<sup>82</sup>

Os Métodos Adotados:

Os métodos e técnicas adotados podem ser resumidos assim:

- Formação de pequenos grupos, em que cada qual pudesse debater seus problemas, tomar as decisões cabíveis e buscar seu caminho próprio. Esses grupos deveriam ser informais, firmados sobre a amizade, solidariedade, e co-responsabilidade, visando sempre seus interesses concretos.
- A ordem era esta: onde houver duas pessoas com problemas semelhantes se unam por proximidade geográfica, seja nos bairros, seja no meio rural. Os grupos poderiam constituir-se de donas de casa, mães de família, jovens, crianças, operários, empresários, professores, etc. Estes com atividades intra ou extra classes.
- Os grupos, para manter um clima de realidade e de vida, naturalidade e espontaneidade, deveriam constituir-se descentralizados e desburocratizados. Se houvesse necessidade de maior organização, esta deveria nascer de vida de dentro e de baixo, e não de fora e de cima. Seria considerado autêntico o que brotasse do próprio grupo. Nada, pois, de artificialismo, de sistematizações apressadas.
- A medida que a análise e a busca de soluções dos problemas fosse profunda, o próprio grupo perceberia sua força e seus limi-tes. Estes limites conduziriam o grupo à consciência de buscar soluções mais amplas e mais gerais entrando em contato com outros grupos semelhantes. Com isso, se formaria uma mentalidade geral, uma organização também mais geral e as classes e as diversas categorias sociais, passariam por uma politização crescente.<sup>83</sup>

As Diretrizes Fundamentais:

As diretrizes podem ser sintetizadas dessa maneira:

- Conscientização: passar de uma consciência adormecida, entorpecida pela inação e pelo tédio, a uma consciência esclarecida, vigilante e ativa. Colocar-se no cerne da vida, dentro da realidade de cada grupo: vivê-la, senti-la. Pensar sobre os passos a serem dados, refletindo e debatendo os problemas em comum, exercitando a democracia.
- Clima: Cada grupo criaria seu clima, sua integração, seu mundo e seus métodos de ação. Aos poucos, o eu de cada participante cederia lugar ao "nós". Aqui haveria espaço para o respeito, a admiração, a solidariedade. As linguagens diversas, inicialmente faladas, à proporção do crescimento do grupo, tomariam um significado comum.
- Liderança: o grupo seria a grande e única escola de exercício de liderança. Cada grupo com seu líder, propiciando o surgimento de outros líderes, até gerar-se uma sementeira de líderes.
- Eficácia: Não seria suficiente ficar no "discurso", na conversa. Seria preciso fazer algo. As atividades deveriam ser planejadas, visando a cooperação de todos os membros do grupo; cada qual com uma função específica. As atividades deveriam ser simples, ao alcance do grupo e que oferecessem resultados observáveis para serem controlados e passíveis de revisões periódicas.<sup>84</sup>

Foi com estes princípios, métodos e diretrizes, que a Equipe Central retomou suas atividades em 1963, prolongando-se pelos anos seguintes. As reuniões, as tomadas de decisões e os empreendimentos, quer dos grupos, quer da Equipe Central sucederam-se no meio rural e no meio urbano. As reuniões aconteciam semanalmente. A Equipe Central revisava-se, fazia autocrítica, também semanalmente.

#### Setor Urbano:

As inúmeras iniciativas, encontros e cursos do meio urbano, em síntese, foram: Criação e incentivo à participação crescente nas associações de amigos de Bairros. Entre 1963 e 1964, foram criadas 12 dessas "Associações de Amigos de Bairros". Ainda em 1963, representantes de cada bairro, passaram a reunir-se mensalmente para discutir os problemas comuns aos bairros de Ijuí. Em 1964 foi feita uma pesquisa sobre os problemas mais prementes dos bairros. Assim, o Movimento Comunitário de Base estaria mais ciente dos problemas e buscaria formas mais adequadas de solucioná-los.

Já em 1966, cada bairro tinha um instrumento próprio de intervenção em seu meio: o Conselho de Bairros. Com essa nova organização, a Equipe Central deixou de ter uma participação decisiva nos levantamentos e na condução direta do Movimento junto aos Bairros.<sup>85</sup>

#### Setor Rural

"O MCB se consolidou no meio rural em torno dos Núcleos de Base. Em 1963, existiam 90 Núcleos de Base, espalhados pelo município. Os minifundiaristas constituíam a maior parte do movimento".<sup>86</sup>

85

GRZYBOWSKI, Cândido. Op. Cit., p. 89.

86

Idem, Ibidem, p. 87.

Os Núcleos de Base da zona rural vieram a constituir-se o primeiro nível do atual Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí. A Equipe Central, deslocava-se semanalmente em visita a vários núcleos, de tal modo a atingir, mensalmente, todos os Núcleos fundados. As reuniões, debates e buscas de alternativas sucediam-se no Setor Rural, à semelhança do que acontecia no Setor Urbano. Além disso, havia encontros periódicos de representantes de cada Núcleo constituído, nas dependências da Faculdade de Ijuí.

No Setor Rural, foram desencadeadas diversas campanhas, procurando sensibilizar o agricultor na busca comum de soluções de seus problemas, levá-lo de toda forma, a participar das discussões, da tomada de decisões e ações, visando criar, assim, uma progressiva consciência de classe. As campanhas principais foram: Campanha de Combate à Formiga, Campanha de Sindicalização, Campanha de Formação sobre o Cooperativismo, Campanha de Conservação do Solo, entre outras tantas, conforme a necessidade o exigia. À semelhança do que se fazia no Setor Urbano, foi executado um levantamento dos principais problemas do Setor Rural. Foi verificado que os problemas mais importantes diziam respeito à educação escolar, ao sindicato e ao cooperativismo. Esse levantamento forneceu novas linhas de atuação à Equipe Central a qual, em 1965, cria um novo instrumento de ação: o Instituto de Educação de Base (IEB).<sup>87</sup>

#### Instituto de Educação de Base

Este Instituto foi criado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí, por Portaria de 19 de março de 1965. Seus objetivos são: organizar e sistematizar o instrumental pedagógico-

giao do Movimento, e ministrar cursos intensivos de conscientização e politização, de cultura geral ou especializada, promovendo seminários, encontros, palestras e debates.

O IEB promoveu os mais variados encontros, procurando atingir as forças de trabalho do Setor Urbano e Setor Rural, segundo as categorias da divisão social do trabalho.

No Setor Rural planejou e levou a efeito cursos como: "Introdução ao Mundo de Hoje"; "Conservação dos Recursos Naturais Renováveis e Combate às Pragas"; "Desenvolvimento Rural"; um encontro anual de "Líderes Rurais de Ijuí", e outros. Além disso, manteve contato constante com os Núcleos do meio rural já constituídos, e formou outros.

No Setor Urbano, o IEB promoveu cursos de: "Introdução ao Mundo de Hoje"; "Corte e Costura"; "Corte e Modelagem de Calças"; "Alfabetização de Adultos"; Discussões sobre a "Encíclica Popularum Progressio". Manteve reuniões e contatos semanais com os "Conselhos de Bairros", além de promover os mais diversos tipos de seminários.

"A experiência mais significativa nos anos de existência do IEB (1966-1969) foi a instauração de Círculos de Cultura nas Associações de Amigos e Núcleos de Base. O debate e o trabalho foram os elementos desse processo de aprendizado, pois a busca de compreensão e de consciência da realidade implicavam em ação pela efetivação de soluções aos problemas comuns dos participantes. Os currículos de cultura se desenvolviam nos grupos comunitários, conduzidos por seus líderes".<sup>88</sup>

Cada ano, novos cursos eram promovidos, além de inúmeros serem retomados dos anos passados, com enfoque das circunstâncias presentes.

O MCB não atuou somente em Ijuí, mas foi levado aos municípios próximos como Santo Ângelo, Cruz Alta e Santa Rosa. Neste esforço de regionalização do MCB, estava sempre presente o mesmo espírito que animava o Movimento-de ano para ano.

### O Instituto de Educação Permanente

Em 1969, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí é reformulada quanto à sua estrutura, funções, em seus órgãos e serviços. A Faculdade foi transformada em Fundação com a designação de Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado - FIDENE.

O MCB extinguiu o IEB e criou outro instrumento de ação: o Instituto de Educação Permanente (IEP); este Instituto "recolhe a experiência e a instrumentalização do Instituto de Educação de Base, reestruturando-se para objetivos mais amplos e para atendimento sistêmico a toda a região".<sup>89</sup> A Educação Permanente foi, então, assim definida:

"Entende-se por Educação Permanente um sistema aberto, que procura capacitar cada homem, os grupos em toda a gama de formas que hoje assumem pelo processo de socialização, as organizações e agências pluriformes da vida moderna, a família e o município, a região e o país, e dar uma resposta aos desafios de nosso tempo, numa sociedade dinâmica e em processo de crescente complexidade".<sup>90</sup>

89

MARQUES, Maria Cecília & BRUN, Alexandre Jacob. Op. Cit., p. 60.

90

idem, *ibidem*, p. 33.

Alguns objetivos permaneceram os mesmos do início do MCB, enquanto outros foram reformulados, visando atender as novas circunstâncias sócio-econômicas e culturais. São elas:

- "Visa a Educação Permanente desenvolver a consciência da essencial dignidade da pessoa humana, de sua capacidade para orientar e construir a sua vida, como sujeito responsável; a consciência da solidariedade pela participação ativa na construção do mundo. A consciência nos grupos humanos de sua práxis, incluindo conhecimentos, valores e técnicas.
- "O Instituto de Educação Permanente visa estimular e orientar, instrumentalizar quanto possível e animar a capacidade de auto-educação da comunidade regional. Pretende constituir-se em sistema montado de comunicação, de presença crítica e de participação criadora no processo de desenvolvimento, para que este não se faça apenas para, mas, sobretudo, pelo homem desta região".<sup>91</sup>

O Instituto de Educação Permanente deu continuidade ao trabalho de assessoria e colaboração a todos os setores do Movimento Comunitário de Base, como vinha fazendo nos anos passados. Além disso promoveu outros cursos para as mais diversificadas camadas da população e com finalidades diversas.<sup>92</sup>

Enfim, o Movimento Comunitário de Base, através de seus institutos, primeiro o IEB e, atualmente, o IEP, tinha e tem a vantagem de mobilizar muita gente; efetivar uma práxis; e trocar elemen -

<sup>91</sup> Idem, Ibidem, p. 60-1.

<sup>92</sup> Em 1969, o IEP promoveu inúmeros cursos, como: "Curso sobre Administração de Recursos Humanos"; "Curso sobre Reformas Sociais"; "Curso sobre Meios de Comunicação Social" e outros.

dos para discussão entre os acadêmicos e os grupos constituídos fora das salas de aula.

1. O MCB e o IEP dos Últimos Anos e do Presente: Pensado-se, Redefinindo-se em Busca de Nova Posição Teórica e Prática de Atuação do Meio.

O Movimento Comunitário de Base desde sua criação, em 1961, até fins de 1973, manteve uma certa constância de objetivos, de métodos e técnicas, estratégias, diretrizes, propósitos, intenções e atuação efetiva. Isso não significa afirmar que não tenha se preocupado em readaptações, reajustamentos ao nível teórico e prático, de acordo com novas situações sociais, em particular, dos operários e dos agricultores, no decorrer de seus anos de existência. Brevemente, os grandes méritos do MCB e dos seus instrumentos de atuação, IEP e hoje IEP, foram: 1) Provocou larga mobilização da população de Ijuí e mesmo da região para que cada grupo social encontrasse soluções de seus problemas; 2) Instrumentalizou, de cultura geral e de conhecimentos técnicos profissionais, boa parte das forças trabalhadoras diretas: a classe operária e a classe do trabalhador rural; 3) Mobilizou as classes atingidas para atividades objetivas, visando a solução dos problemas próprios, imediatos e concretos; 4) Em alguns grupos e em alguns poucos indivíduos chegou a criar a consciência de classe; 5) A conservação dos mesmos objetivos básicos, ao longo dos anos, possibilitou certa unidade interna ao Movimento; 6) A técnica de formação de grupos levou aos indivíduos participar, treinar e exercitar lideranças para circunstâncias diversas; 7) E a adoção do método da espontaneidade dos grupos, deu certa flexibilidade na organização dos mesmos, de modo que os participantes poderiam sentir-se muito à vontade para expressar suas opiniões e tomar decisões cabíveis para dado problema existente; 8) além disso,

o Movimento serviu de realimentação constante para a Equipe Central, e uma troca de experiências entre a Universidade e o meio social.

Contudo, esses mesmos pontos, considerados positivos durante vários anos de atuação do MCB, exigiram ser repensados, razão porque, o IEP de 1974 para cá vem repensando-se na teoria e na prática pedagógica. Ao longo dos anos, o Movimento sofreu tropeços e percalços de toda ordem. Os obstáculos principais foram:

1) Cansaço, descrédito e saturação de reuniões, onde a pressão infinta dos problemas, não permitia soluções práticas de muitos deles, o que, em muitos casos, eram realmente inviáveis. Os encontros visavam fins bem concretos e determinados, objetivando um resultado material, onde os participantes lutavam por interesses es pontâneos imediatos e não pelos de a longo prazo. Uma vez alcançado o objetivo, a coesão do grupo desfazia-se.

2) Ainda que o "grande grito" de convocação fosse participar e partilhar da vida em grupo, os objetivos estavam demasiadamente centrados sobre o indivíduo como pessoa; "A pessoa humana: como valor, como dignidade, como excelência. Todo homem vale por si mesmo. Possui finalidade própria, distinta, separada, autônoma" (...). "A pessoa humana: como capacidade de ação própria, inteligente e livre";<sup>93</sup>

3) Supunha-se e apregava-se muita harmonia e cooperação dos grupos e destes para com a sociedade, sempre objetivando o bem comum, esquecendo-se, no entanto, de considerar as relações antagôni -

cas e dialéticas: os conflitos, as contradições, o jogo dos interesses pessoais e grupais e sem levar em conta os condicionamentos so ciais que limitam o poder-ser-livre. Afirmava-se, simplesmente, "A pessoa humana como ser-que-se-relaciona, ser que se afirma com inteligência e liberdade frente a outro ser igualmente inteligente e livre".<sup>94</sup>

4) Por último, obstáculos criados pela política fizeram morrer muitas forças latentes.

Os últimos documentos que se encontraram nos arquivos do IEP, revelam uma nítida consciência de superação dos objetivos ini ciais em torno da dignidade da pessoa humana, responsabilidade, co-responsabilidade, liberdade, e parte por uma definição de processo impulsionado por antagonismo e contradições existentes nas forças vivas da sociedade. No documento de autocrítica e revisão: "Ques tionamento e Política de Ação: lê-se:

"Alicerçado no princípio da fundamental dignidade da da pessoa humana, o Movimento vem lutando por descer da idéia geral desencarnada, à qual necessita permanecer fiel, para as suas concretizações históricas, sem as quais não é possível qualquer eficácia. Seu esforço se concentra na dialética de um processo, em superar as contradições entre o princípio ideal e as exigências da eficácia prática, mediada esta por uma teoria capaz de interpretar e conduzir o processo. A tarefa educativa do Movimento consiste em transcender as situações e opções pessoais na fidelidade a um processo de transformação da sociedade, em que se conjuguem teoria e prática".<sup>95</sup>

94

Idem, Ibidem, p. 24.

95

MARQUES, Mario Osorio. Questionamento e Política de Ação. Ijuí-FIDENE, 1973, mimeo.

A idéia de comunidade, a princípio idealizada em demazia e como lugar de encontro de todos indistintamente, evoluiu lentamente, mas agora é redimensionada. A articulação do Movimento, em torno dos interesses comuns, operam apenas em nível muito geral e de um modo desencarnado da realidade. No referido documento se comenta que os projetos eficazes são aqueles que surgem de situações históricas diferenciadas e conflitantes. A realidade em que se radica a Estrutura Social não é a do consenso, e sim, das contradições, do jogo dos interesses díspares e desencontrados. O processo fundamental é o conflito, cujo dinamismo se gera a partir das tensões sociais latentes.<sup>96</sup>

A própria práxis do Movimento ensinou que é preciso optar por uma clientela, não mais genérica e indiferenciada, mas por uma definição operacional de categorias e classes sociais. Assim, no meio rural, o Movimento define-se pela categoria dos pequenos proprietários rurais, assalariados e sub-empregados desse meio. Os pequenos proprietários são considerados, basicamente, os minifundiários ou aqueles que aliam a posse da terra à mão-de-obra direta: a propriedade de exploração familiar.

No meio urbano, o Movimento visa atingir os moradores de bairros que atuar como operários nas relações de trabalho. Foi descartada a idéia de reunir moradores de bairros, como fator de aproximação geográfica, pois, a própria população de bairros é muito diferenciada, o que causa entraves para o desenvolvimento do trabalho. Razão porque, foi feita opção somente para os operários que vivem nos bairros.

O Movimento deu-se conta que atuava através de "intuições práticas", controlando resultados observáveis a curto e médio prazo, mas que era incapaz de conduzir a um processo de mudanças estruturais profundas. Em face disto, busca redefinir-se.

A técnica de trabalho inicial é mantida: reunir pessoas, formar pequenos grupos onde são discutidos problemas concretos e criar condições às pessoas praticar e exercer liderança. Mas a Metodologia é redefinida.

"Por Metodologia entendemos a articulação da teoria com a prática. A teoria explica e ilumina a prática. A prática estabelece no esforço de busca de sua própria compreensão e de seus caminhos. Propomos, aqui, para análise e para ação, um método histórico-estrutural, ou fenomenológico-dialético, em que situação e processo se iluminam mutuamente. Compreensão e ação importa sejam indissociáveis. Trata-se de saber não como é a realidade, mas como ela se cria, como se geram as formas sociais em um conjunto dinâmico, com seus elementos interagindo, incorporando contradições e se comportando, ao mesmo tempo, como condicionantes e condicionados no contexto em que se inserem. Tal compreensão só se dará pela mediação de análise científica".<sup>97</sup>

A teoria que agora orienta o Movimento é observar como a sociedade se organiza no processo de produção de bens materiais. A prática pedagógica do IEP volta-se para a tarefa de desenvolver, nos grupos atingidos, percepções, comportamentos e valores, contradições e conflitos existentes na organização da sociedade fundada sobre as relações de trabalho. O esforço do IEP, concentra-se, então, na análise das categorias sociais da população, para, em seguida, estabelecer prioridade e hierarquia da ação.

Para localizar os indivíduos na organização social, é preciso saber qual a função que cada um desempenha na participação real ou potencial de produção de bens. Assim, os indivíduos que são agentes diretos na produção de bens materiais, têm proximidade com a matéria prima, e são eles, os operários e os agricultores. E os indivíduos que controlam o processo e lhe dão unidade, são os a gentes indiretos da produção.

"Os homens todos formam, no sistema de produção, um conjunto coerente e operante, em jogo de convergências e oposições. (...) Se todos ocupam um lugar no todo do sistema, torna-se necessário conhecer precisamente o lugar de cada um, para se perceber ele res ponsavelmente engajado no processo".<sup>98</sup>

O IEP, como órgão de função educativa e educação para o desenvolvimento faz uma opção definida de atuar junto aos trabalhadores diretos: o homem do campo, pois ele representa um elemento vital da economia de uma nação e o trabalhador das fábricas, pois é ele que transforma a matéria em objetos de uso, satisfazendo as necessidades de todo o cidadão que tem poder aquisitivo para consumir ou usar esses bens. Esses trabalhadores merecem ser assistidos e estimulados, instrumentalizados teórica e técnica em seu processo produtivo a fim de que essa produção seja sempre maior e de melhor qualidade. Além disso, esses trabalhadores são destituídos de to do poder de decisão, razão porque é preciso que sejam instruídos a respeito de suas responsabilidades.

O IEP define sua prioridade de ação: pelo uso de uma meto dologia científica que permita analisar as relações da sociedade, ,

particularmente as relações de trabalho em que estão envolvidos os agricultores e os operários; pela utilização de uma metodologia educacional que possa produzir comportamentos adequados à política de desenvolvimento, visando superar, continuamente, as contradições e conflitos existentes no seio de todo grupo humano e de qualquer sociedade. A abordagem é feita de tal modo que, os grupos atingidos possam adquirir comportamentos esperados, particularmente no que diz respeito aos valores e conhecimentos da prática social em relações humanas com os demais homens, e no que se refere ao domínio da tecnologia para a produção efetiva.

Existe um "Convênio COTRIJUI-FIDENE", em que esta entidade, através do IEP, presta serviços à Cooperativa, enquanto integra o quadro social da mesma, pelo processo de educação permanente, no desenvolvimento regional. A ação do IEP, como instrumento de Educação Permanente de adultos, e a ação da Cooperativa, como entidade que reúne os produtores da região desperta incessantemente um dinamismo social e de produção agrária, tornando-se por si mesmo um meio de educação na ação:

"A COTRIJUI se apresenta, hoje, na região, como a mais pujante organização de classe e o mais eficaz instrumento de defesa e reorganização da produção agrícola. Instrumento, entretanto, de sua natureza ambíguo, pois, opera, ao mesmo tempo num quadro empresarial com exigências de crescente racionalidade funcional, e num quadro associativo, com exigências de participação lúcida, por parte de todos os cooperativados, em todo o seu processo decisório".<sup>99</sup>

Enfim, o "Convênio COTRIJUI-FIDENE, possibilita uma mobilidade das forças produtivas da agricultura, ao mesmo tempo que acompanha o trabalho com contínuas intervenções para que a cultura geral

99

"Convênio COTRIJUI-FIDENE". Programa para 1974, Ijuí-FIDENE.  
p.1.

se desenvolva enquanto cresce o capital material dos trabalhadores do campo.

O Movimento Comunitário de Base, como um processo induzido de educação comunitária e extra-escolar, auxiliou as forças de trabalho da região, especialmente do município de Ijuí. Assim que, Barreiro, a área deste estudo, foi atingida como todas as demais ou mais devido à proximidade com a sede municipal. O Movimento Comunitário de Base fez-se presente em Barreiro desde as primeiras jornadas de 1962, quando o Movimento foi levado para o meio rural. Os depoimentos dos informantes são unânimes em afirmar a eficácia do Movimento em seu meio, enquanto mobilização de classe, discussão de problemas comuns, e reivindicações que então se faziam.

Segundo eles, o Movimento conseguiu influir durante, aproximadamente, 10 anos, período em que a ação do Movimento fez-se sentir pela constante presença junto aos agricultores. Mas não dizem a mesma coisa dos últimos anos. Isto corresponde aos períodos de sucesso e crise do próprio Movimento. A rearticulação interna do Movimento, através do seu órgão de ação que é o IEP, como acima foi descrito, ainda não fez sentir sua presença de 1974 para cá, nesta área de Barreiro.

Embora essa deficiência em relação à ação do IEP na área deste estudo, é inegável a sua participação no processo de mudanças na fase de modernização da agricultura desta região, bem como da cooperativização dos trabalhadores do campo. Ainda que com dificuldades e deficiências, o IEP é um órgão que vem de encontro às necessidades dos dias de hoje: um processo induzido de educação extra-escolar, para provocar mudanças favoráveis ao desenvolvimento global da região, do Estado e mesmo do País.

## CONCLUSÃO

Pôde-se constatar que o Barreiro, em seus 90 anos de existência passou por várias fases de sua evolução econômica produtiva de bens primários.

A melhoria das condições econômicas produtivas está diretamente condicionada ao aparecimento ou invenção de novos instrumentos de trabalho.

O Barreiro atingiu, nesses dias, o seu estágio de desenvolvimento mais avançado desde que foi colonizado. A razão disso encontra-se na inovação de técnicas de produção e na mecanização da lavoura.

As diferentes formas de trabalho e a tecnologia efetivamente existentes numa formação social constituem a base dos valores e tradições ou da cultura de um povo. Isto não significa dizer que, apenas, a tecnologia existente e as formas de trabalho constituam a cultura toda de um grupo humano. Mas quer-se afirmar que o processo de trabalho adotado em cada época de um povo ou grupo, é a base da cultura geral e mesmo das relações sociais. Evidentemente, outras inúmeras formas de relações entre as pessoas, como as que ocorrem na religião, escola, política, nas relações jurídicas, são constitutivas de uma determinada cultura de um grupo social. Contudo, para a análise de um meio social rural, a observação das mudanças tecnológicas no processo de produção, levou a pensar que determinaria mudanças também sócio-culturais no grupo.

Assim, pôde-se constatar que, com a modernização da lavoura, as tradições mais antigas dos imigrantes italianos e seus descendentes, as formas educacionais familiares e religiosas deixaram de

ser o ponto de referência na organização e condução dos comportamentos dos indivíduos daquele grupo social rural de Barreiro.

Além da modernização da agricultura, relações mais amplas e complexas, como as bancárias, os constantes contatos com a zona urbana, televisão e o consumo de bens industrializados, são hoje origem e orientação dos comportamentos da comunidade rural de Barreiro.

Por sua vez, a escola rural de Barreiro sofria as limitações do meio e estava a ele condicionado. Até pelo ano de 1960, os alunos de Barreiro não tinham uma escola que lhe oportunizasse um "saber", além de ler, escrever e calcular. Contudo, quando as transformações sócio-econômicas e, sobretudo, o novo processo de trabalho foi introduzido com a modernização da agricultura, a escola passou a ter novas exigências. Ao mesmo tempo a Lei 5692/71 de Reforma do Ensino introduz outros enfoques no processo escolar do 1º e 2º Graus. Isto explica a necessidade de transformar a escola da sede de Barreiro em escola de Área com as oito séries do Ensino Fundamental. Além disso, a modernização da lavoura exigiu que a instrução escolar passasse a ter um caráter mais técnico, razão por que foi introduzida a Unidade Móvel de Iniciação ao Trabalho (UMIT), com quatro enfoques distintos: Técnicas Comerciais, Técnicas Industriais, Técnicas Domésticas e Técnicas Agrícolas.

Por ser o ensino de Barreiro ministrado por professores da cidade e com excessão das professoras das quatro primeiras séries, todos os demais professores fizeram ou estão fazendo um curso superior, faz com que a transmissão de valores citadinos e a visão de mundo seja predominantemente urbana. A penetração cultural e tecnológica da zona urbana para a rural está determinando a superação de um modo de ser e um estilo próprio do agricultor pensar-se e ver o mundo. Assim mesmo, permanecem diferenças significativas de formas culturais entre um meio social urbano e o meio social rural .

O contato e a operação do agricultor sobre a natureza, faz dele um homem voltado para o trabalho produtivo, ocupado o ano todo, e com uma vivência própria de relações de vizinhança, de solidariedade, de cultura bastante homogênea, diversões muito semelhantes.

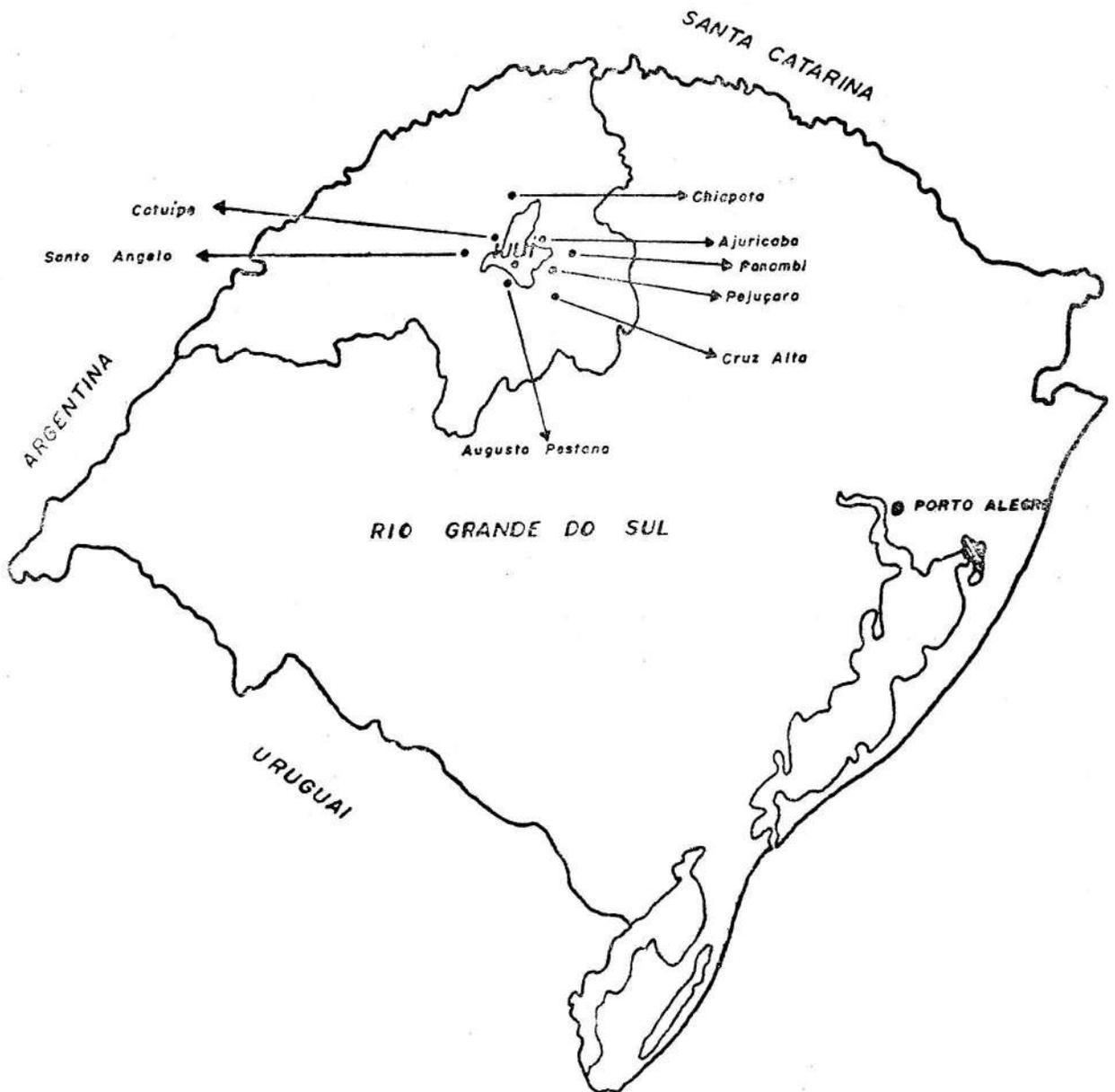
Retomando a escola de Área de Barreiro, deve-se dizer que ela não deixa de ter seus problemas como: direção que não assume integralmente suas funções; professores que não conseguem engajar-se no processo mental e da realidade dos filhos de agricultores, o pouco contato dos professores com os pais dos alunos. Além disso a formação e as exigências do sistema educacional fazem do professor do meio rural de Barreiro, um profissional descomprometido com a realidade social onde atua.

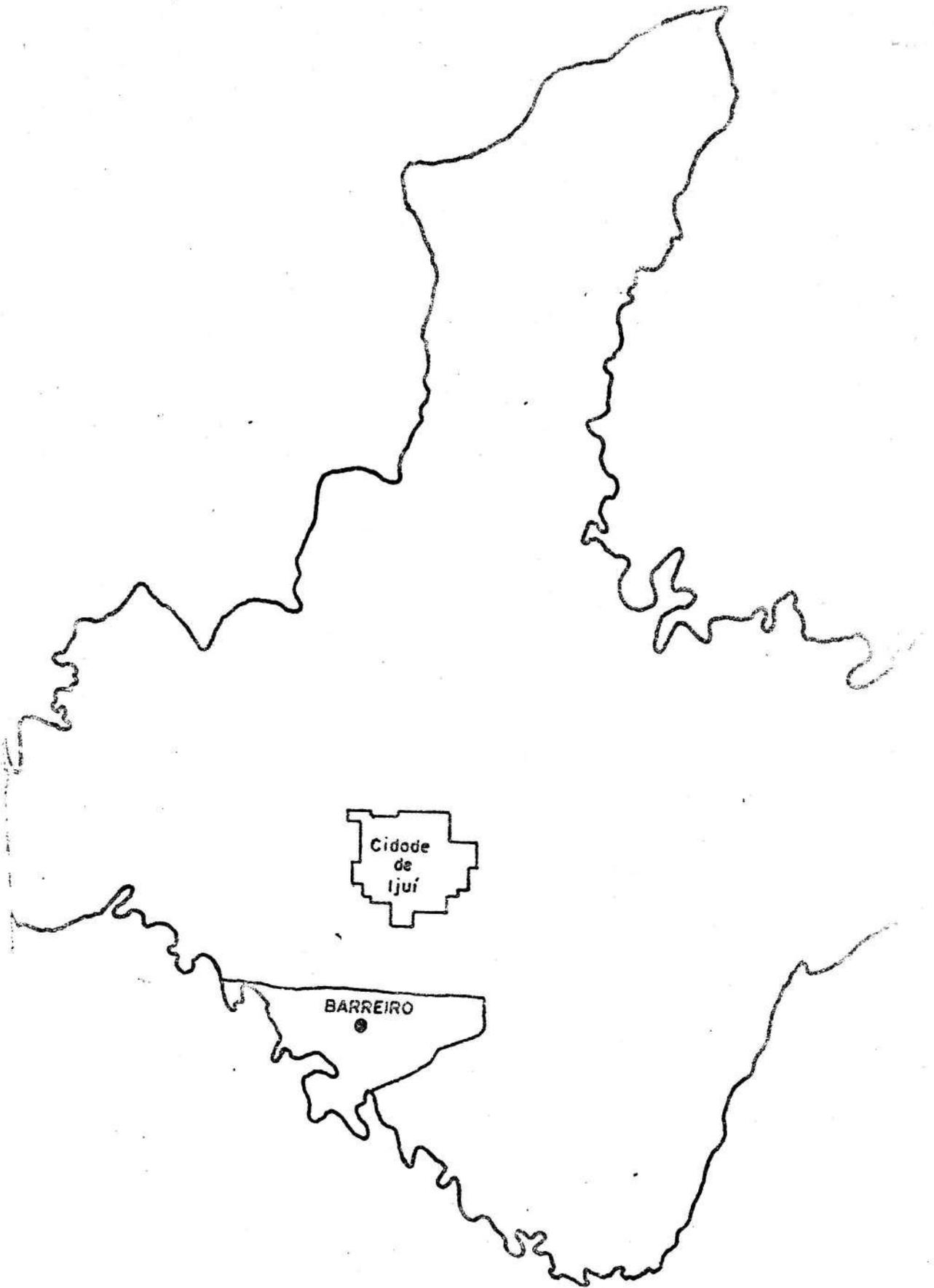
A UMIT é muito valorizada pela equipe que nela trabalha. Mas o mesmo não se dá com o ponto de vista de outros professores e educadores. O objetivo da UMIT, por exemplo, de reter o filho de agricultor ao meio rural, não se verifica, simplesmente, porque, no Barreiro 94% das famílias são minifundiárias, isto é, possuem menos de 44,35 ha o que está abaixo do módulo da região. A grande maioria de famílias possui, em média, apenas 12,5 ha. Ora, esta situação sócio-econômica impossibilita aos pais reter os filhos na lavoura. Antes, os próprios pais dizem coisas como esta aos seus filhos: dinheiro não tenho, terras também não, então vá estudar para ver se pode se defender na vida. Por outro lado, a UMIT entende fazer uma sondagem de aptidões para a profissionalização do 2º grau. Na realidade, seja porque alguns ficam no trabalho da lavoura ao término do 1º grau; seja porque outros, durante o 2º grau percebem novas possibilidades, termina por decretar um reduzido percentual de alunos que se encaminham para uma profissão ao término do 2º grau. Ao que parece, o trabalho da UMIT ao nível das duas últimas séries do 1º grau, é pouco eficaz em termos de influir na vida e profissão futura dos alunos.

Enquanto isso, pode-se afirmar que a ação do Instituto de Educação Permanente (IEP), conseguiu mobilizar os agricultores daquele meio de tal modo que, durante 10 anos de atuação efetiva para aquele meio rural de Barreiro, o IEP foi um instrumento eficaz na Educação do agricultor, sobretudo, pela união de todos em torno de problemas comuns e pela discussão dos problemas que lhe eram pertinentes. Somente este caminho mostrou-se eficiente em despertar os agricultores para unir forças em torno de suas necessidades. A cooperativização dos pequenos proprietários os auxiliou a fazer frente ao processo de modernização da lavoura e conseqüentemente, de nova mentalidade na visão de seu mundo próprio e dos outros.

Pode-se dizer que os processos de educação induzida do IEP e a reeducação para o trabalho feita pela Cooperativa "COTRIJUI", determinou o surgimento de nova concepção de trabalho produtivo, e conseqüentemente, a exigência de renovação da escola, mudanças de comportamentos dos agricultores em relação à religião, à cultura tradicional e mudanças em relação às interações grupais.

LOCALIZAÇÃO DE IJUÍ NA REGIÃO NOROESTE  
DO ESTADO





MUNICÍPIO DE IJUÍ: ÁREA DE BARREIRO

## BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

1. ANDRADE, Tereza Gally de. Objetivos e Obstáculos da Educação Per-  
manente. Vozes, Petrópolis, 69 (3): 62-66, abr., 1975.
2. AZEVEDO, Thales de. Italianos e Gaúchos; Os Anos Pioneiros da  
Colonização Italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, A  
Nação, 1975. 351 p.
3. BEATTIE, John. Introdução à Antropologia Social. São Paulo  
, Cia Editora Nacional, 1971, 334 p.
4. CÂNDIDO, Antônio. Os Parceiros do Rio Bonito. São Paulo, Duas  
Cidades, 1971, 284 p.
5. DOTTO, Ruben & DAMIAN, Edson. Contribuição dos Imigrantes Italia-  
nos à Igreja do Rio Grande do Sul. Teocomunicação. Porto Ale-  
gre, PUC, 5 (25): 18-30 mar. 1975.
6. EGGAN, Fred. A Antropologia Social e o Sistema Educacional. Edu-  
cação e Ciências Sociais. Rio de Janeiro 4-5 (10), 1959.
7. FERNANDES, Flórestan. Educação e Sociedade no Brasil. São  
Paulo, Domunus-USP, 1967, 614 p.
8. FOSTER, George. As Culturas Tradicionais e o Impacto da Tecnolo-  
gia. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1964.
9. FRIEDMANN, Georges. Tratado de Sociologia del Trabajo. México,  
Fundo de Cultura Econômica, 1963, 2 v.
10. FURTER, Pierre. Educação Permanente e Desenvolvimento Cultural.  
Petrópolis, 1974, 221 p.
11. GRZYBOWSKI, Cândido. Estudo da Participação em Grupos de Exis-  
tência de Educação Comunitária de Ijuí-RS - Brasil. Ijuí,  
FIDENE, 1973, 200 p.
12. HARNECKER, Marta. Os Conceitos Elementais do Materialismo His-  
tórico. (s.n.t.) 300 p.
13. JUNKER, Buford H. A Importância do Trabalho de Campo. Rio  
de Janeiro, Lidador, 1971, 214 p.
14. KLUCKHOHN, Clyde. Antropologia - Um Espelho para o Homem.  
Belo Horizonte, Itatiaia, 1972, 301 p.
15. LÉVI-STRAUSS, Claude et alii. O Método Estruturalista. Rio  
de Janeiro, Zahar, 1967, 130 p.

16. MANFROI, Olívio. A Colonização Italiana no Rio Grande do Sul; Implicações Econômicas, Políticas e Culturais. Porto Alegre, Graefosul, 1975, 210 p.
17. MARQUES, Mario Osorio. Trigo e Região. Ijuí, FIDENE, 1973.
18. MARQUES, Mario Osorio e BRUM, Argemiro Jacob. Uma Comunidade em Busca de seu Carinho. Porto Alegre, Sulina, 1972, 90 p.
19. MARQUES, Mario Osorio. Questionamento e Política de Ação. Ijuí, FIDENE, 1975.
20. MATTA, Roberto da. Ensaio de Antropologia Estrutural. Petrópolis. Vozes, 1973.
21. MCCLELLAND, David Clareme. A Sociedade Competitiva; Realização e Progresso Social. Trad. de Álvaro Cabra. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1972.
22. MILLER, N. E., e DOLLARD, J. Social Learning and Imitation. New Haven: Yale Univ. Press, 1941.
23. MURPHY, Gordener. Experimental Social Psychology. New York : Harper, 1931 Ed. rev. (com T. M. Newcomb) 1937.
24. Nogueira, Oracy. Pesquisa Social. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1968, 209 p.
25. PEREIRA, Luis. A Escola Numa Área Metropolitana. São Paulo , Pioneira, 1967, 166 p.
26. RIBEIRO, Darcy. O Processo Civilizatório. Rio de Janeiro , Civilização Brasileira, 1968, 212 p.
27. ROCHE, Jean. A Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Ed. Globo, 1969, 2 v.
28. SELTZER, Claire et al. Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais. São Paulo, Herder, 1976, 687 p.
29. VELHO, Octávio Guilhermo. Frentes de Expansão e Estrutura Agrária. Rio de Janeiro, Zahar, 1974, 179 p.
30. ZAGONEL, Carlos Albino. A Igreja e Imigração Italiana. Porto Alegre, Sulina, 1971, 252 p.
31. RIO GRANDE DO SUL. Secretaria dos Negócios da Educação e Cultura. Regimento dos Estatutos do Ensino Primário Oficial do Estado. Porto Alegre, SNEC, 1970.

32. RIO GRANDE DO SUL, SEC. Diretrizes Curriculares para o Ensino de 1º Grau do Meio Rural. Porto Alegre, SEC, 1974, p. 10-24.
33. RIO GRANDE DO SUL. SEC. Brasil 71/74. Porto Alegre, 1971 , p. 5-15.
34. RIO GRANDE DO SUL. SEC. Manual da Unidade Móvel da Iniciação ao Trabalho. Porto Alegre, 1974, p. 15-30.
35. "CONVÊNIO COTRIJUI-FIDENE". Programa para 1974. Ijuí, FIDENE, 1974. mimeo.

Tese apresentada aos Srs.:

Nome dos

Componentes da

banca examinadora

---

---

---

---

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, ...../...../.....

---

Coordenador Geral do Ensino

---

Coordenador Geral da Pesquisa